

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Maria Clara Rabelo Ferreira Silva

**PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UFMG: História de um serviço**

Belo Horizonte  
2022

Maria Clara Rabelo Ferreira Silva

**PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UFMG: HISTÓRIA DE UM SERVIÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Belo Horizonte  
2022

150	Silva, Maria Clara Rabelo Ferreira.
S586p	Plantão Psicológico na UFMG [manuscrito] : história de um serviço / Maria Clara Rabelo Ferreira Silva. - 2022.
2022	120 f. Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Fenomenologia- Teses. 3. Serviços de saúde mental – Teses. 4. Psicologia aplicada – Teses. I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

#### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MARIA CLARA RABELO FERREIRA SILVA

Realizou-se, no dia 11 de abril de 2022, às 14:30 horas, online, na Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UFMG: História de um serviço, apresentada por MARIA CLARA RABELO FERREIRA SILVA, número de registro 2020678793, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador (FAFICH-UFMG), Prof(a). Henriette Tognetti Penha Morato (USP), Prof(a). Laura Cristina Eiras Coelho Soares (UFMG), Prof(a). Claudia Lins Cardoso (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 12/04/2022, às 08:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 12/04/2022, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henriette Tognetti Penha Morato, Usuário Externo**, em 12/04/2022, às 09:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Cristina Eiras Coelho Soares, Professora do Magistério Superior**, em 12/04/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1372952** e o código CRC **D867D33C**.

*À Rachel Rosenberg (in memoriam),  
aquela que primeiro acreditou no Plantão  
Psicológico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todos os plantonistas que passaram pela UFMG, atores e autores da história incrível que tive a honra de investigar e narrar neste trabalho. De modo especial, aos plantonistas participantes desta pesquisa, que se dispuseram a estar comigo e confiaram em mim para compartilhar suas experiências.

Aos supervisores do Plantão Psicológico da UFMG, Miguel Mahfoud, Paulo Evangelista e Claudia Lins, obrigada por possibilitarem a existência desse serviço e dessa história.

Ao meu orientador, Paulo Evangelista, obrigada pela parceria, pela confiança e por todas as orientações. Obrigada por estar sempre presente quando me sentia perdida. Obrigada por me ajudar a me tornar uma pessoa melhor e, com certeza, menos ansiosa. Obrigada por ser um exemplo tão bom de orientador, supervisor, professor. Sua sabedoria e apoio foram imprescindíveis nesta jornada.

À Henriette Morato, minha avó acadêmica, e à Laura Soares, obrigada pela participação na banca de qualificação. Vocês foram luz neste caminho.

Aos colegas do LAPS, obrigada por todo incentivo e apoio. As tardes de segunda-feira com vocês foram fonte de energia e inspiração.

À Laiza Rodrigues e Gabriela Leroy, amigas e testemunhas de toda essa jornada, obrigada por se animarem comigo quando todo trabalho fluía bem e também por me ouvirem quando o cansaço e a impaciência apareciam.

Aos meus pais, Helio e Suely, obrigada por tantas vezes compreenderem e respeitarem a minha ausência para escrever. Obrigada pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, Pedro, obrigada por sempre me apoiar e estar sempre ao meu lado. Obrigada também por ter esperado eu ter tempo para ver os filmes da Marvel com você. Sei que não foi fácil.

À minha cunhada, Daniela, obrigada por me acalmar quando eu comia muito chocolate durante a escrita e pelo seu carinho de sempre.

À Marlene, obrigada pelos seus cuidados diários comigo.

Aos meus padrinhos, Ruyter e Magna, que por tantas vezes me permitiram refugiar em sua casa para aliviar o peso da minha tarefa por algumas horas.

Ao Lip, meu cachorro, obrigada pela companhia de sempre durante o último ano. Obrigada por me fazer dar um passeio ou brincar com você a cada três horas, no máximo, sentada. Você, com certeza, foi fundamental para a minha saúde mental nesta jornada.

Por fim, agradeço a Deus. Ele sempre foi a razão de tudo.

"É preciso dizer que um Serviço de Aconselhamento Psicológico é mais que um programa, um local, uma divisão burocrática. Tal como um ser humano, ele tem história que imprime em seu semblante, vive experiências que determinam seus caminhos e oculta intrigantes segredos." (Rachel Lea Rosenberg, Introdução do livro *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*, 1987, p.1)

"É mais bonito ver que a história acontece para além da gente." (Miguel Mahfoud, trecho da sua entrevista para esse trabalho, 2021)

"Eu sou testemunha do quê, do passado ou do futuro?" (Svetlana Aleksievitch, *Vozes de Tchernóbil - a história oral do desastre nuclear*, 2016, p.39)

## RESUMO

Esta pesquisa resgata a memória e a história do serviço de Plantão Psicológico do serviço-escola do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma vez que foram identificadas várias lacunas dessa história e o perigo de essas não serem preenchidas. Na perspectiva da Psicologia Social, a memória não é meramente algo dado por si mesmo, mas diz de um todo compartilhado que sustenta e dá sentido ao que e como será lembrado e rememorado. Isto é, busca-se compreender em qual horizonte a memória se dá e como ela se constitui a partir dele. Nesse sentido, aproxima-se da Hermenêutica, que vai justamente indicar como cada época tem uma visão de mundo própria, de modo que tudo o que acontece circunscrito àquele espaço de tempo e àquele lugar é uma expressão daquela época. A metodologia utilizada, a Analítica do Sentido, propõe que são as pessoas que sustentam coletivamente as significações para o que é a realidade e o que se apresenta nela. Tais significações compartilhadas são necessariamente históricas na medida em que o que as coisas são e como elas são vão se compondo e acontecendo na convivência cotidiana e, de algum jeito, solidificando-se em modos mais habituais de uso e de lida com a realidade. O perigo que se corre nesse movimento de mundo é a perda da dimensão histórica e constitutiva de como as coisas vêm a ser o que elas são. Assim, corre-se o risco de cair em uma mera repetição de práticas sem uma compreensão clara do quanto elas são históricas e, da mesma forma que vieram a se constituir, podem ser novamente constituídas, ou seja, transformadas. Nessa lógica, o Plantão Psicológico em questão foi uma prática que se sedimentou, ao longo do tempo, pelo seu uso recorrente. Assim, mostrou-se importante revisitar sua sedimentação a fim de desvelar o processo histórico presente na sua constituição e liberá-lo, sem a ameaça de perdê-lo no esquecimento, para novas configurações e conformações. Para isso, foram realizadas 6 entrevistas com autores e atores dessa história. Após as transcrições, elas foram lidas e analisadas a fim de compor uma narrativa polifônica, costurada pela pesquisadora e atual plantonista. Como resultado desse trabalho, uma história do Plantão Psicológico da UFMG foi composta, a começar pela sua origem no Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo (USP), passando pelos 25 anos de serviço na UFMG. Na sequência, foi constatado que, para além de diferenças estruturais ao longo desses anos, o serviço se manteve e continua sendo o mesmo. Todos os plantonistas pertencem a uma mesma comunidade de destino, isto é, compartilham valores e crenças comuns que orientaram e continuam a orientar o serviço, tais como a escuta, a presença e a disponibilidade para se encontrar com aquele que procura ajuda.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica; Narrativa; Plantão Psicológico.



## ABSTRACT

This research intends to recover the memory and history of the Psychological Duty of the Psychology university clinic of the Psychology graduation course of the College of Philosophy and Human Sciences (FAFICH) of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) since there are various gaps in this history and there is a danger of them not being filled. From the perspective of Social Psychology, memory is not merely something given by itself, but has to do with a shared whole that sustains and gives meaning to what and how things will be remembered. Thus, we seek to understand the horizon in which memory takes place and how it is constituted from it. In this sense, memory and history are akin to hermeneutics, which indicates how each epoch has its own worldview, so that everything that happens within that space of time and that place is an expression of that period. Sense analytics is the methodology used. It sustains that people collectively support the meanings for what reality is and what is presented in it. Such shared meanings are, necessarily, historical, insofar as what and how things are being composed and happening in everyday life and, somehow, solidifying into more habitual ways of using and dealing with reality. The loss of the historical and constitutive dimension of how things come to be what they are is the risk in this world movement. Thus, there is a risk of falling into a mere repetition of practices without a clear understanding of how historical they are and came to be, which means they can be constituted again, that is, transformed. In this logic, the Psychological Duty in question was a practice sedimented over time and through its recurrent occurrence. Thus, it is necessary to revisit its sedimentation in order to unveil the historical process present in its constitution, and to release it to new configurations and conformations without the threat of losing it into oblivion. In order to do this, six interviews were carried out with authors and actors of this history. They were transcribed, read and analyzed in order to compose a polyphonic narrative woven by the researcher - and current on-duty psychologist. As a result of this work, a history of the UFMG Psychological Service was composed, starting with its origin in the Psychological Counseling Service of the University of São Paulo (USP), going through the 25 years of service at UFMG. Subsequently, it was found that, in addition to structural differences over the years, the service remains the same. All on-duty psychologists and psychologists in training belong to the same destiny community, that is, they share common values and beliefs that have guided and continue to guide the service, such as listening, being present and being available to meet those who seek help.

Keywords: Hermeneutic Phenomenology; Narrative, Psychological Duty.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
1.1 A escrita como meio de salvar e preservar do esquecimento .....	9
1.2 O que minha escrita pretende salvar e preservar do esquecimento .....	14
1.3 Resgatar essa história por meio da pesquisa justifica-se .....	15
1.4 O que é Plantão Psicológico? .....	17
1.5 Objetivos .....	23
<b>2 NOS PERCALÇOS DA MEMÓRIA</b> .....	24
2.1 A memória .....	24
2.2. A hermenêutica .....	25
2.3 A analítica do sentido .....	28
2.4 Os narradores desta história .....	31
2.5 Colheita dos dados .....	33
2.6 Organização e análise dos dados .....	36
2.7 Apresentação dos resultados – narrativas .....	37
<b>3 A HISTÓRIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UFMG</b> .....	39
3.1. A Historiografia .....	39
3.2 A História .....	75
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	97
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	100
<b>ANEXOS</b> .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com o Plantão Psicológico, serviço sobre o qual escrevo neste trabalho, foi logo no início da graduação quando, ao me tornar graduanda em Psicologia na UFMG, ouvia rumores sobre atendimentos psicológicos que aconteciam todos os dias da semana, a qualquer horário, sem agendamento prévio e que custavam R\$1,00. Tenho a impressão de que me informaram sobre o serviço para o caso de eu precisar recorrer a ele. No decorrer do primeiro ano de curso, descobri que o professor Miguel Mahfoud era o responsável pelo serviço, mas, até então, tinha-o mais como referência em Experiência Elementar<sup>1</sup> em Psicologia; porém os semestres foram passando e muitas pessoas começaram a me indicar o estágio oferecido por ele, o Plantão Psicológico. Assim, de um possível recurso a ser usufruído como aluna, o Plantão Psicológico ganhou um novo sentido: a possibilidade de um estágio obrigatório curricular que fazia sentido para minha formação acadêmica. Entretanto, rapidamente, chegou ao meu conhecimento o desligamento do professor Miguel Mahfoud da graduação devido à sua aposentadoria. E, em um piscar de olhos, um terceiro sentido para o serviço veio à tona: uma possibilidade perdida.

A ausência do Plantão Psicológico afetou diretamente os meus planos acadêmicos. Tive que procurar outro estágio e carregava uma sensação intensa de perda. Eu, entretanto, não era a única a sentir essa perda. Professores e alunos começaram a comentar sobre a importância do Plantão Psicológico e a falta que ele fazia. Conversas nos corredores entre os alunos eram frequentes, e alguns professores até comentavam durante as aulas. Outros espaços preenchidos pela sua ausência começaram a aparecer. Eram comuns queixas quanto à falta de estágios disponíveis, de professores da Terceira Força<sup>2</sup> e de professores na pós-graduação. Clamava-se por uma diversidade no curso de graduação em relação tanto à

---

<sup>1</sup> Experiência Elementar é uma abordagem da psicologia proposta por Miguel Mahfoud a partir das ideias de Luigi Giussani. Ela tem como foco a expressão humana presente na experiência (Gaspar & Leite, 2014). Mahfoud escreve que “o conceito de experiência elementar pode ajudar a colocar em foco não tanto o problema, mas o passo específico daquela pessoa com a modalidade que lhe é própria e que a vida lhe solicita a cada momento específico” (Mahfoud, 2013, p. 47).

<sup>2</sup> Segundo Evangelista (2018), a chamada *Terceira Força em Psicologia* constitui-se pelas linhas teóricas que se originaram na época do pós-guerra, nos EUA, e que se opõem tanto às ideias do Behaviorismo quanto às da Psicanálise, ressaltando a liberdade, a criatividade e a potência humanas.

abordagem quanto a modalidades de atendimentos. A minha impressão era a de que a falta do serviço de Plantão Psicológico evidenciava a sua importância.

Passados alguns meses, foram abertas três vagas para novos professores no curso de Psicologia. Uma delas foi destinada à cadeira de Psicopatologia II, disciplina de responsabilidade do departamento de Psicologia Clínica, que deveria ser ocupada por um professor da abordagem existencial humanista. Era esperado que o professor que ocupasse essa vaga promovesse a reabertura do Plantão Psicológico na universidade. Inclusive, foi com esta expectativa que o grupo de alunos do Centro Acadêmico de Psicologia (CAPSI) votou, em assembleia, a favor desta vaga. Com vaga aprovada, tínhamos um novo professor responsável por cuidar de tal tarefa. Mais uma vez, esse serviço ganhava um novo sentido! Dessa vez, de possibilidade reconquistada. Por essas e outras razões, decidi atrasar minha formatura para concretizar essa possibilidade.

Entretanto, quando o Plantão Psicológico foi reinaugurado, houve mudanças significativas em comparação com o serviço que existia antes, desde o aspecto institucional – antes era um estágio interno e, naquele momento, ele surgia como um projeto de extensão – até aspectos estruturais – o formato de supervisão, valores do atendimento e a disponibilidade de dias e horários. Enquanto se fazia Plantão Psicológico da mesma maneira como sempre foi feito, mantinha-se um vínculo com a sua origem e com a sua história. Era mais fácil, quase natural, compartilhar os mesmos significados e uma mesma sintonia com as várias gerações de plantonistas precedentes. No entanto, com as mudanças no modo de se fazer Plantão Psicológico, rompia-se com a tradição até então constituída e compartilhada. Logo, "rompida uma tradição, não há mais quem se empenhe com aquele significado, e um valor se perde, e, com ele, um conhecimento se apaga da memória" (Mahfoud, 2001, p.59).

Além disso, em paralelo, ocorreram mudanças importantes na própria universidade. Em 2015, criou-se a Comissão Institucional de Saúde Mental (CISME), ainda durante a vigência do Plantão Psicológico sob a coordenação do professor Miguel Mahfoud. Foram feitos vários eventos e levantamentos de dados sobre como a UFMG estava cuidando da saúde mental da sua comunidade interna a partir de todos os órgãos e serviços disponíveis. Em 2016, foi publicado um extenso relatório sobre todos os dados levantados pela comissão, retomando, inclusive, os eventos realizados para discutir o tema (CISME, 2016). Ainda foram registradas diretrizes e

sugestões para os próximos anos. Dessa forma, o Plantão Psicológico já se reiniciava, em 2019, dentro de uma rede mais extensa e, aparentemente, mais unificada, em que o seu papel já era reconhecido como fundamental pela própria universidade. Posto isto, fica claro que, apesar das diferenças aparentes, em uma perspectiva mais ampla da instituição, o *novo* Plantão Psicológico continuava sendo reconhecido como o mesmo serviço apontado pela história apresentada no relatório da CISME (2016).

O Plantão Psicológico começou a aparecer como uma questão para a pesquisa em uma conversa com a professora Claudia Lins Cardoso, que me despertou o desconforto que, posteriormente, culminou nesta dissertação de mestrado. Ela pontuava como, com a renovação do departamento, ela havia se tornado uma das professoras mais antigas. Assumindo o papel de quase decana, falava aos seus alunos sobre os anos passados e a história do departamento, incluindo o Plantão Psicológico orientado pelo professor Miguel Mahfoud. Maravilhada com o testemunho e todas aquelas recordações, comecei a pensar em como seria quando não tivesse mais os professores antigos para contá-las. Como os alunos iam conhecer todas aquelas histórias, uma vez que aqueles que as conheciam estavam aos poucos indo embora? A principal guardiã da história é a tradição, enquanto modo de fazer compartilhado pelas pessoas. Nessa perspectiva, a ameaça advinda da renovação do olhar e de possibilidades de se fazer Plantão Psicológico é agravada pela mudança do corpo docente e discente, ou seja, pela dispersão daqueles que compartilhavam os sentidos e os significados tradicionais até então.

Bosi (2003) vai em direção à minha inquietação quando escreve que, na memória de cada geração, existem alguns episódios mais marcantes que funcionam como pontos de amarração da história. O afastamento das pessoas que compartilham essa história, porém, vai diluindo aos poucos essa memória e, por conseguinte, o nosso contato com a própria história. Em suas palavras,

Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez de envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado (p.70).

Desde a reabertura do Plantão Psicológico, desta vez sob a coordenação do recém-chegado professor Paulo Evangelista, em junho de 2019, sou plantonista. Assim, hoje, posso afirmar que eu sou uma das pessoas que fazem parte dessa história e que contribuem ativamente para a sua construção. Inclusive, testemunhei os novos sentidos sendo tecidos por esses novos atores – os novos plantonistas, o novo coordenador, a nova secretária do SPA. Chegamos, todos juntos, sem saber muito bem o que viria a ser o novo Plantão Psicológico na UFMG ou como ele funcionaria a partir de então. Fomos descobrindo e fazendo juntos, de acordo com o andamento das demandas. No entanto, todos esses novos sentidos me pareciam distantes do que eu até então ouvia. O novo Plantão não era mais estágio. Tornou-se projeto de extensão, podendo participar dele alunos dos períodos iniciais do curso. Os atendimentos passaram a ser gratuitos – não se paga mais um real – e não aconteciam mais todo dia, apenas uma vez na semana, inicialmente, e, posteriormente, duas vezes por semana<sup>3</sup>. As mudanças em si não me incomodaram, entretanto, pensar que o fio da história do Plantão sofria um grande risco de ser rompido inquietou-me profundamente.

Em março de 2020, devido à pandemia do COVID 19, que assolou o mundo, todas as atividades da UFMG foram suspensas entre o dia 18 daquele mês e 31 de julho de 2020. O projeto de extensão do Plantão Psicológico, por sua vez, continuou com os atendimentos, porém com outro nome – Aconselhamento Psicológico On-line. Quando tivemos o recomeço das atividades de modo remoto, o Plantão Psicológico, propriamente dito, voltou a acontecer *on-line*, isto é, os atendimentos voltaram a acontecer imediatamente após a procura das pessoas (Cardoso, 2020; Cardoso, 2021; Rodrigues et al., 2021). No capítulo sobre a historiografia, abordarei o modo como todas essas mudanças aconteceram. O que está em jogo aqui é como eu tive a oportunidade de sentir, considerando a minha própria experiência, como o Plantão Psicológico é dinâmico e capaz de se adaptar às novas demandas.

Por outro lado, tal dinamicidade, junto à rotatividade dos plantonistas, é um grande desafio em termos do coletivo e da tradição do serviço. Isso porque os novos plantonistas chegam sem o sentimento de pertencimento ao grupo e sem conhecerem

---

<sup>3</sup> Em fevereiro de 2020, foi inaugurado um segundo dia de atendimento, supervisionado pela professora Claudia Lins Cardoso. Ela assumiu, então, o papel de co-coordenadora do projeto de extensão Plantão Psicológico no SPA.

como os atendimentos estão sendo feitos naquele momento e como eram feitos nos moldes anteriores. Na atual equipe, são pouquíssimas as pessoas que, por exemplo, estavam presentes na época dos atendimentos presenciais. A história, desde a reabertura do Plantão, é mantida quase que por lendas que são lembradas pelos plantonistas antigos nas discussões de casos e nas supervisões. Da mesma forma, são os plantonistas antigos que ensinam aos novos como abrir uma sala na plataforma *on-line*, como chamar as pessoas para o atendimento, como escrever os relatórios, enfim, são eles que apresentam aos novos o modo de fazer o Plantão Psicológico cultivado pela equipe.

### 1.1 A escrita como meio de salvar e preservar do esquecimento

A obra cinematográfica brasileira *Narradores de Javé*, de 2003, dirigida por Eliane Caffé, acompanhou toda a construção desta dissertação de mestrado, desde a primeira reunião de orientação. Revisitada tantas vezes, a cada vez por uma pesquisadora mais madura, ela provocou várias impressões e sentimentos: de medo a incentivo, de angústia a sentido, de indignação a esclarecimento, de incompreensão a elucidação de pontos essenciais. Minha sensação era a de que, à medida que o projeto da minha pesquisa ia se desvelando, ganhando forma e consistência, o mesmo acontecia com o filme.

Em uma mesa de bar, Zaqueu conta a história dos rebuliços de Javé, o vilarejo em que morava e que foi ameaçado de ser inundado para a construção de uma hidrelétrica no lugar. Na sua narrativa, há um entrelaçamento de várias outras narradas pelos outros moradores do vilarejo. No filme, com todos os recursos cinematográficos, como os *flashbacks*, podemos assistir à costura dinâmica de memórias. Eu, escrevendo estas palavras, irei te contar a história de um serviço de Plantão Psicológico que está sendo ameaçado pelas águas do esquecimento.

A história contada pelo filme começa com o soar dos sinos, que convoca os moradores para uma reunião na igreja. A notícia dada na ocasião é a de que o vilarejo de Javé será inundado para a construção de uma hidrelétrica no local. Segundo as autoridades, tal vilarejo não tem importância, posto que não tem patrimônio. Diante do comunicado oficial, os moradores reunidos discutem a situação e como se posicionarão. A ideia é provarem a importância do lugar e impedirem a destruição de

suas terras, das suas casas, enfim, do palco onde decorreram suas vidas e as dos seus antepassados. Mas, afinal, qual é a importância da cidadezinha? Um dos moradores, Zaqueu, tem uma resposta. Em suas palavras:

Vamos nós mesmos, hoje, escrever a grande história do Vale do Javé. Vamos colocar no papel os enredos, desencavar da cabeça os acontecimentos de valor, botar na escrita, fazer um juntado de tudo que é importante para provar para as autoridades porque Javé tem que ter tombamento... Só que tem uma coisa. Eles falaram que só tem validade se for científico.

Logo nessa primeira cena, já surgiu uma das minhas maiores inquietações – principalmente na primeira vez em que eu assisti ao filme – a obsessão pelo caráter científico que deveria ter esse registro; sendo, inclusive, condição para ser validado pelas autoridades. Esta palavra – *científico* – aparece repetidas vezes durante todo o filme. No senso comum dos habitantes de Javé, assim como no nosso, *científico* é sinônimo de comprovado, de verdadeiro (Alves, 2006). As personagens, ao narrarem a origem do vilarejo, trazem junto à sua versão algumas provas daquilo que contam, desde objetos até marcas de nascença, tudo para buscar legitimar as suas palavras. À vista disso, a obra traz à tona a relevância que a ciência e sua dita verdade têm nos tempos atuais.

O discurso científico aproxima-se da informação, que, no século XX, veio a substituir a narrativa como discursividade sobre a realidade (Benjamin, 1985). Benjamin denunciou e discutiu exatamente essa transição em seu famoso texto *O Narrador*, de 1936. Para o autor, a narrativa e a informação são incompatíveis na sua essência. Enquanto a primeira dispensa explicações e não se impõe ao leitor, a segunda já vem preenchida de explicações e precisa de uma comprovação imediata. Se a informação só é válida no instante em que é nova e, portanto, parece rapidamente, a narrativa "preserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver" (Benjamin, 1985, p. 204). A partir daquilo que foi narrado, o leitor é livre para interpretar a história e absorvê-la ao seu modo. Assim, a narrativa permanece viva e atinge uma amplitude impossível para a informação, que finda em si mesma. Ainda, a narrativa se distingue por carregar a marca do seu narrador. Nas palavras de Benjamin (1985), "se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da



informação é decisivamente responsável por esse declínio" (p. 203). Ou seja, a narrativa perdeu espaço para a informação.

Retomando a primeira cena do filme, na qual se define a estratégia de escrever a história do vilarejo para salvá-lo, fica decidido que Antônio Biá seria o responsável por ouvir as histórias e escrevê-las. Destaca-se aqui que tal missão foi escolhida pelo povo e imposta ao protagonista em razão de ele ser o único entre eles que sabia escrever. Tal personagem tinha alguns débitos com o povoado. Dessa forma, não encontrou saída para recusar aquela missão; até porque ele foi ameaçado de ser totalmente banido da cidade caso não a aceitasse. *Totalmente* banido porque ele já morava na periferia do vilarejo.

As cenas nas quais Antônio Biá está ouvindo as narrativas das grandes histórias de Javé são preenchidas com pitadas de humor advindas das posturas do próprio protagonista nessas conversas. Ele propõe versões muito diferentes daquelas que os outros moradores narravam. Segundo ele, suas versões são só um pouco mais floreadas. Em muitas conversas, ele interrompe a narrativa, encerrando-a ao pedir o nome completo do seu interlocutor. Para além desse humor, pode-se perceber um certo descaso e desinteresse de Biá. O que o motiva, definitivamente, não é a história do vilarejo. Minha impressão é a de que ele está *cumprindo tabela*. Em momento algum, há uma escuta atenta ou um esforço de oferecer uma atmosfera acolhedora, embora ele pareça gostar da sua importância e de poder retornar às ruas do vilarejo. A parte da escrita também apresenta um grande desafio. Em uma dada cena, o protagonista aparece em seu quarto, sentado diante do caderno de registro, traçando sob as folhas o caminho de uma formiga que ali perambula. Assim, é demonstrado, mais uma vez, certo distanciamento e falta de engajamento com a sua missão. Pode-se até dizer que faltava até mesmo cuidado com as próprias folhas, dado que ele as rabiscava. Não é surpresa quando, ao final do filme, Biá entrega o caderno de registro sem registro. Quando interrogado sobre o fracasso da sua tarefa, o personagem responde:

O que nós somos é um povinho desmilinguido que quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala, sem futuro nenhum! E ocês crê mesmo que os homens vão parar a represa e o progresso por um bando de analfabeto? Não vão não. Isso é fato. É científico!

Tal resposta comprova como ele não acreditava no que estava fazendo, como não via propósito naquilo. Ainda, evidencia como os moradores de Javé usavam o termo “científico” como sinônimo daquilo que é verdade.

Considerando a missão de Biá uma pesquisa, com investigação e produção de um resultado, a ausência desse engajamento com seu objeto de estudo – as grandes histórias de Javé – é significativa. O mestrado, como introdução ao mundo acadêmico, apresenta e ensina como fazer pesquisa. Nesse contexto, a minha primeira lição, aprendida tanto com os professores quanto com autores lidos, foi a importância e necessidade de se pesquisar um tema em relação ao qual se tenha interesse e disposição para investigar. A título de exemplo, logo no início do livro *Como se faz uma tese*, Eco (2016) cita "quatro regras óbvias" para a escolha do tema, e a primeira regra citada é "que o tema responda aos interesses do candidato (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa)" (p. 7). No entanto, o pobre Biá foi encarregado do trabalho por outros e não pôde definir ou escolher muito. Ressalta-se que, na ameaça de ser totalmente expulso do vilarejo, caso se recusasse a fazer o que lhe foi solicitado, o que estava em jogo era também a sua identidade. Perder o seu povo e onde passou a sua vida seria também se perder. Em contrapartida, na última cena do filme, quando já não existe nenhuma incumbência, o protagonista começa a escrever energeticamente por vontade própria. Alguma coisa por trás dessa mudança drástica pode ter relação justamente com um interesse genuíno, dado que não houve grandes mudanças externas nem nas suas habilidades de escrita nem nos seus recursos.

Ademais, outro aspecto relevante da cena inicial é o momento em que surge a necessidade de se narrar a origem do vilarejo: a iminência da sua *morte*, do seu fim. O próprio líder, que teve a ideia de registrar “as grandes histórias de Javé”, comenta que antes não havia sido necessário, mas, naquele momento, tal esforço era essencial. Benjamin (1985) escreve que "é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo, sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível" (p.207). Segundo este autor, então, é a proximidade do fim, da morte, que dota de autoridade o narrador. Como apontado por Alves (2006), os moradores de Javé demonstram a vontade intrínseca do homem de compreender de onde veio, de compreender a sua história e a busca por passá-la adiante. O tentar manter a existência histórica,

entrelaçado ao contexto sociocultural no qual se inscreve sua história e sua tradição, é um movimento intrínseco.

Durante o transcorrer do filme, os moradores vão se dedicar-se a organizar para contar a sua versão de como o vilarejo surgiu. Fica claro que, para além do objetivo de garantir o futuro de Javé e salvar a cidadezinha do dilúvio, muito mais estava em jogo. Para além dos interesses coletivos, existiam também interesses pessoais em preservar a história daquele povo, uma vez que as histórias individuais estavam articuladas à história que lhes é comum: a do vilarejo. O pertencimento àquele povoado faz parte da identidade de cada um dos moradores. Assim, com a singularidade e a pluralidade entrelaçadas, a busca pela preservação do vilarejo frente às águas do esquecimento é tanto coletiva quanto individual.

Embora dê para perceber que se trata de uma mesma história – a origem do vilarejo de Javé –, os relatos apresentam diferenças significativas. Alguns deles chegam a ter elementos quase míticos; já outros são permeados por conflitos de interesse e uma disputa para definir quem está certo. Cada um atribui algum aspecto pessoal à sua narrativa sobre a origem do povoado, normalmente atribuindo valor e relevância aos seus antepassados. Nesse sentido, Schmidt e Mahfoud (1993), a partir das ideias propostas por Halbwachs, chamam atenção para como a recordação pessoal é um limite para as interferências das imagens coletivas na memória pessoal. Os autores apontam, ainda, para essa dinâmica constante de memória coletiva e memória individual.

Ademais, durante todo o filme, o mundo público, como o sino da igreja, faz-se presente. Reunindo muitas das memórias ali compartilhadas e as testemunhando, o mundo público constitui-se como um guardião das aventuras e acontecimentos ocorridos no vilarejo. Entretanto, as construções físicas do mundo não são tão mais reveladoras das existências que ali habitam quanto a riqueza da tradição oral. Tanto é que o registro através da palavra é o caminho possível para aquelas pessoas guardarem suas histórias e, de alguma forma, preservarem a si mesmas da possibilidade do desaparecimento e do perecimento. Logo, para além do reconhecimento oficial, o registro das “grandes histórias de Javé” também era um meio de proteger a história do povoado das águas do esquecimento. A inundação não ameaçava apenas o espaço físico do vilarejo, mas também as histórias ali passadas,

que eram preservadas tanto no espaço físico quanto na união e na tradição compartilhadas por aquela comunidade.

## 1.2 O que minha escrita pretende salvar e preservar do esquecimento

De forma muito semelhante a Javé, o serviço de Plantão Psicológico, tal como aconteceu desde o final dos anos 90 no curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), estava sendo ameaçado de cair no esquecimento e de ser inundado pelas atualizações do tempo. Como a construção da hidrelétrica no filme, a entrada de um novo serviço de Plantão Psicológico no seu lugar, a dispersão daqueles que fizeram parte da sua história e/ou testemunharam-na e o registro reduzido do que aconteceu ao longo dos anos compunham uma possível iminência do seu fim e a ruptura da sua tradição. Fazendo o paralelo com o longa-metragem, a geração de energia é um dos grandes marcos do desenvolvimento da nossa história, de modo que a hidrelétrica pode ser vista com um símbolo de atualizações e mudanças da sociedade inerentes ao transcorrer do tempo. Estas atualizações e mudanças rompem com a tradição, com os valores e os sentidos previamente estabelecidos e compartilhados. Um novo jeito de viver, com novas formas de lidar com as atividades cotidianas vai, então, estabelecendo-se. No entanto, cidadezinhas, antigas formas de se fazer Plantão Psicológico, memórias e histórias vão sendo comprometidas nesse caminho dinâmico de atualizações. Assim, do mesmo modo que os moradores de Javé decidiram compor um registro escrito da história do vilarejo, esta pesquisa se propôs recuperar e tornar pública, através da escrita, a história do serviço em questão. É de conhecimento público que o serviço de Plantão Psicológico na UFMG existiu, tanto que sua falta fez-se notar quando houve sua interrupção em 2016, mas há poucos registros sobre ele.

Mahfoud (2013) faz uma breve menção à existência do serviço de Plantão Psicológico na UFMG. Em livro organizado por ele, em 1999, (Mahfoud, 2012), há dois capítulos nos quais é contada a experiência do Plantão Psicológico quando este acontecia em uma escola. O primeiro capítulo, intitulado *Plantão Psicológico na escola: presença que mobiliza* (Mahfoud, 2012), detalha como foi instaurado o serviço na escola e como ele se deu na instituição. Pode-se encontrar neste texto como foram

os primeiros contatos com a instituição, como aconteceu a divulgação dos atendimentos, como foram os próprios atendimentos – incluindo a sua categorização por parte dos autores – e os desafios e possibilidades advindas da relação dos plantonistas com os alunos e professores. O segundo capítulo, intitulado *Pesquisa e processos para apreender experiências: Plantão Psicológico à prova* (Mahfoud, 2012), é a apresentação da pesquisa realizada por alguns plantonistas da época junto ao coordenador do serviço. Nela, os autores se dedicaram a tentar compreender o que se deu nos atendimentos realizados naquele semestre. No entanto, a história do Plantão Psicológico na UFMG é muito mais longa. As experiências registradas nos capítulos do livro são referentes ao primeiro ano de serviço na universidade, em 1997, sendo que o serviço continuou até 2016, quando Mahfoud se aposentou. E aquele serviço que me ofereceram quando ingressei no curso de Psicologia? Como esse serviço saiu de uma escola e foi parar na FAFICH? O que aconteceu no meio disso, em quase duas décadas?

São tantas lacunas que, com a falta de um registro mais detalhado, corre-se o risco de elas nunca serem preenchidas. Este estudo é, portanto, uma pesquisa envolvendo o resgate da memória e da história do Plantão Psicológico da UFMG e tem como objetivo preservar a cultura institucional do curso de Psicologia da FAFICH-UFMG e abordar processos de subjetivação dos agentes institucionais. Considera-se também que esse serviço só foi realizado através de relações entre indivíduos, logo, tem como matéria prima a subjetividade humana. Sendo assim, é permeado por aspectos institucionais e socioculturais, construção de identidade/autonomia dos indivíduos e efeitos da contemporaneidade que estão constantemente presentes na vida daqueles que buscaram e ofertaram o serviço em questão.

Como a de Biá, minha tarefa foi composta pelo recolhimento da memória das pessoas envolvidas em uma mesma história, por meio da escuta de suas narrativas e de seus registros, reunindo essas memórias em uma história única, que sintetiza a história compartilhada, demonstra sua relevância e a preserva no tempo. Os impasses e tensões que Biá enfrentou também cruzaram o meu caminho ao longo dos dois anos de pesquisa. Eles serão comentados ao longo do texto.

### 1.3 Resgatar essa história por meio da pesquisa justifica-se

Existem várias maneiras de se conhecer uma história e de preservá-la. O caminho científico é apenas uma delas. A minha escolha por ele se sustenta na importância do registro inédito da história Plantão Psicológico da UFMG tanto para a comunidade científica quanto para a comunidade da própria universidade. Esta pesquisa, portanto, justifica-se pelo próprio resgate de uma história que poderia se perder caso não fosse devidamente retomada e registrada. A relevância aparente desse serviço e a magnitude do seu alcance durante os dez anos da sua existência são apenas um reforçador da importância de se manter conhecida sua história para que, assim, seja possível refletir sobre ela, compreendê-la e continuá-la. Chamo atenção para as palavras de Miguel Mahfoud, responsável pelos primeiros anos do serviço em questão:

Acompanhar a relação viva entre memória coletiva e história levada a cabo pelas comunidades abre uma perspectiva, abre um horizonte diferente para eles, em termos de cuidado com a própria cultura e com a própria tradição; e abre um significado também diferente para nós, pesquisadores, como participantes de um país que quer se conhecer (Mahfoud, 2001, p.63).

Essas palavras que o autor escreve sobre memória e história a partir de suas pesquisas na comunidade rural Morro Vermelho valem para a comunidade da UFMG. Para além do contexto desta instituição, essa história estende-se para a do Plantão Psicológico como modalidade de atendimento psicológico, de modo a contribuir para toda a comunidade acadêmica e produção científica brasileira. Souza e Farias (2015), tendo o cuidado de revisar a biografia publicada sobre o Plantão Psicológico, sintetizam que ainda é preciso mais pesquisas sobre o tema para consolidar ainda melhor a proposta do serviço, dado os seus inúmeros desdobramentos. Nas palavras das autoras:

Embora se tenha encontrado certa tradição de pesquisas sobre essa modalidade de atendimentos, observa-se que o campo de atuação vem se ampliando a cada ano e, provavelmente em razão disso, surgem diferentes possibilidades de pesquisa para maior viabilidade e consolidação da proposta, estimulando desse modo mais tematização sobre o serviço (Souza & Farias, 2015, p.24).

Tais palavras citadas foram escritas em 2015 pelas autoras, mas são ainda verdadeiras. O campo de atuação nunca foi tão amplo como atualmente, de modo que há uma diversidade imensa de Plantões Psicológicos pelo país afora com características muito diversas. Nesse sentido, continua sendo muito importante a consolidação da proposta do Plantão Psicológico e o debruçar-se sobre as compreensões do que constitui esse serviço como tal.

#### 1.4 O que é Plantão Psicológico?

O Plantão Psicológico é um serviço que se constitui pela sua disposição constante, ininterrupta e estável de atender, de forma imediata, aqueles que o procuram espontaneamente (Morato, 1999b; Cury, 2012; Mahfoud, 2012; Rosenthal, 2012; Tassinari, 2013; Souza & Farias, 2015). Nesse sentido, o Plantão Psicológico não se limita a alguma ou algumas demandas específicas, mas está disponível para quem o procurar, sem importar a razão desta procura. Logo, ele se distingue de muitos outros serviços de saúde mental disponíveis para a população que apresentam uma abrangência social significativamente limitada, de modo a priorizar aqueles casos considerados graves ou aqueles que, por ventura, sabiam do serviço. Isto considerando que os recursos são reduzidos e são poucas as informações divulgadas sobre tais serviços (Mahfoud, 2012). Assim, o que acontece é uma restrição, cada vez maior, das demandas atendidas por esses serviços. Ressalta-se, portanto, que o Plantão Psicológico não se caracteriza por ser especializado em alguma demanda ou gravidade de caso, mas sim por se dispor a estar junto da pessoa quando esta julga necessário. Inclusive, Morato (1999b) e Mahfoud (2012) vão dizer sobre como essa modalidade de atendimento surgiu como uma tentativa de beneficiar parte da população que precisava de ajuda psicológica e que nem sempre conseguia obtê-la.

Furigo (2006) comenta sobre como o caráter emergencial desses atendimentos possibilita um efeito preventivo devido à sua ação rápida. Na visão da autora, a rápida resposta à demanda se opõe à ideia de que aquilo que é dito *psicológico* pode esperar, como se tivesse menos importância ou fosse menos sério em comparação a outros aspectos da saúde. Logo, o Plantão Psicológico tem o potencial de acolher e auxiliar pessoas que, normalmente, ficavam à deriva por terem uma demanda circunstancial (Mahfoud, 2012).

O fato de o atendimento acontecer no momento em que a pessoa recorre ao Plantão Psicológico permite que ela seja acolhida quando ela julga necessário e solicita o atendimento psicológico, de modo a valorizar a sua decisão e o seu cuidado consigo. O momento do atendimento também facilita e permite que a pessoa se atente à sua vivência imediata e tenha a possibilidade de esclarecer, principalmente para si mesma, o que a impeliu a procurar ajuda psicológica, ajudando no processo de elaboração da sua experiência (Mahfoud, 2012; Tassinari & Durange, 2012; Mahfoud, 2013; Souza & Farias, 2015; Mahfoud, 2018). Mahfoud (2018) vai esclarecer primeiro o que não é objetivo do Plantão Psicológico para depois o defini-lo:

Uma vez que o objetivo do Plantão Psicológico não é que a pessoa elimine a tensão com que vem vivendo, não é que ela resolva algum problema que a preocupe, não é modificar algum modo de pensar do sujeito, mas, sobretudo, que ela possa estar mais centrada em sua própria pessoa, então, considerar o contato consigo mesma como experiência de si pode potencializar a elaboração da experiência (p.63).

Isso implica a liberdade do plantonista, que não se prende nem se orienta a partir de quaisquer expectativas em relação à pessoa. Uma vez livre, o plantonista pode acompanhar, genuinamente, aquele que o procurou, cabendo a ele estar atento, presente e ouvindo atentamente aquele que fala e se apresenta, criando, assim, um ambiente terapêutico e seguro para ambos, juntos, compreenderem e refletirem sobre as vivências ali relatadas (Mahfoud, 2012; Rosenthal, 2012; Souza & Farias, 2015). Rosenthal (2012) chama atenção para como essa presença exigida do plantonista está longe de ser passiva, visto que ele precisa estar inteiro ali – em pensamentos, sentimentos, ações – inclusive prestando atenção em si, concentrado em como aquele encontro o afeta. Em suas palavras: "não estou me referindo à concentração apenas como capacidade de focalizar a atenção (no cliente ou na fala do cliente), mas quero ressaltar a concentração em si mesmo" (Rosenthal, 2012, p.43). Tendo em vista a diligência e o movimento do plantonista no encontro com o cliente, também Mahfoud (2013), assim com Amatuzzi (2019), vai apontar como a escuta é uma intervenção, uma ação – não passividade – facilitando que o outro se ouça e se posicione a partir de um esclarecimento de si. "A escuta autêntica é um



convite a que o cliente deixe ressoar em tantas vivências para de alguma forma chegar a poder cuidar e responder a elas" (Mahfoud, 2013, p.40).

Ainda sobre a escuta, Lima e Ribeiro (2018) apontam como é através dela que o plantonista se abre para ser afetado pelo encontro com aquele que sofre, seja pela fala, pelo silêncio do que não é dito, seja ainda pelas entrelinhas. Não é possível saber o que vai surgir na escuta e de que maneira, mas é apenas com ela e por ela que é possível sustentar e suportar o desvelar-se de uma pessoa e do seu modo de ser-no-mundo. Nas palavras dos autores:

A escuta, nesse contexto, torna-se como um modo de ser fundamental do plantonista, pois se coloca como um guarda-postos, uma espécie de pescador que, a qualquer instante, ao sentir a menor das vibrações em sua linha, prontamente a puxará, mesmo certo de que jamais se dará a ver o que recolhe (Lima & Ribeiro, 2018, p. 298).

Rocha (2009) lembra de como todas as queixas, por mais diversas que possam ser, sempre apontam para caminhos que estão confusos ou que foram perdidos. O estar sem rumo é vivenciado como um vazio, um vazio de sentidos... a impossibilidade de uma compreensão. No entanto, para a autora, estes momentos guardam uma verdadeira potencialidade. Fazem parte da constituição humana. Em suas belas palavras:

Nesse momento, porém, em que nada é certo, todas as alternativas são possíveis e podem tomar o lugar das destinações e caminhos. Quando achamos que estamos perdidos, é aí que todas as direções se apresentam como possibilidades. Uma vez vivendo o vazio de significados das coisas, temos a abertura de possibilidades para ressignificá-las, oferecer sentido às nossas experiências e construir conhecimento. Esse é o movimento existencial do homem: aproximar-se e distanciar-se, perder o sentido e voltar a encontrá-lo, ocultar-se e revelar-se a si mesmo e ao outro (Rocha, 2009, pp. 107-8).

Assim, cabem ao plantonista a disponibilidade e a abertura para caminhar junto daquele que o procura, sabendo que não é ele quem escolhe a rota ou o ritmo. Quem escolhe quando, como e qual rumo tomar é sempre o cliente, de modo que o Plantão

Psicológico exerce o papel de "cultivar a responsabilidade do cliente pelo cuidado com seu existir" (Evangelista, 2016, p. 25). Ainda, é papel do plantonista facilitar o acontecer da narrativa de uma história à medida que auxilia a própria pessoa a recordar-se<sup>4</sup> da sua própria história para além daquela situação. Logo, o Plantão Psicológico promove a possibilidade de rearticulação do sentido do sofrimento psicológico. Evangelista (2016) explica que "o motivo da procura deixa de ser interpretado como uma causa objetiva externa, cedendo espaço a um entendimento de que este sou eu, eu estou tendo que enfrentar isto ou aquilo na minha vida atualmente" (p.222).

Diante de tudo isso, cai por terra qualquer outro objetivo do plantonista que não o de estar disponível ao que vier, quando vier, da forma que vier. O objetivo nunca foi e nem será o de mensurar, de controlar, de diagnosticar, de julgar, de solucionar (Rocha, 2009; Mahfoud, 2012; Evangelista, 2016). Para isso, é preciso manter-se atento e vigilante diante a facilidade de o plantonista deixar-se levar pela sedutora tentação de ter achado a solução daquele sofrimento ou pela demanda desesperada do cliente em solucionar aquela situação que o faz sofrer. Essas soluções podem ser imediatas (naquele mesmo encontro) ou por meio do encaminhamento para psicoterapia (onde, supostamente, essa solução pode aparecer a longo prazo). Vários autores (Rocha, 2009; Mahfoud, 2012) que vão se propor a uma reflexão sobre tais encaminhamentos do Plantão Psicológico para a Psicoterapia advertem do perigo de se transformar o serviço em mera triagem e, assim, perder de vista suas características particulares, seus objetivos próprios... suas delimitações. Nessa mesma direção, Tassinari (2013) afirma o quanto se perde ao reduzir todas as atividades da Psicologia apenas à Psicoterapia.

Entender a Psicologia apenas como Psicologia Clínica Clássica, esta entendida como psicoterapia individual, realizada nos consultórios particulares duas a quatro vezes por semana, por longo período, empobrece as possibilidades de atendimento ao sofrimento humano (p.7).

---

<sup>4</sup> O uso da palavra recordar remete a Pompéia e Sapienza (2004) quando estes escrevem como recordar significa trazer de volta ao coração.

A busca por compreender o cliente naquele momento do encontro a partir da sua própria história – isto é, daquilo que lhe é familiar, das suas outras experiências já vividas e das possibilidades do seu porvir – não tem pretensão de achar um fechamento para a questão que, em um primeiro momento, originou aquele encontro entre duas existências (Rocha, 2009). Pelo contrário, ao término do atendimento, tem-se um “desfecho”. Isto significa, segundo Pompéia e Sapienza (2004), um não-fechamento, melhor dizendo, uma reabertura para o mundo. Ou, ainda, pode-se pensar nesse final do atendimento como Evangelista (2016) propõe: a inauguração de uma situação de indeterminação que permite que novas possibilidades possam aparecer para o cliente.

Perante a ausência de limites rígidos tanto em relação à estrutura do serviço – isto é, duração dos atendimentos e *setting* terapêutico – quanto em relação às demandas e o público atendido, o Plantão Psicológico tem a capacidade de moldar-se e encaixar-se nas mais diversas situações, espaços e públicos (Morato, 2009; Rocha, 2009; Tassinari, 2015). À tal flexibilidade e diversidade de possíveis contornos, Morato (2009) deu o nome de plasticidade, característica própria dessa modalidade de atendimento e fundamental para a compreensão desse atendimento enquanto serviço.

A autora ainda problematiza a adequação do Plantão Psicológico à técnica, de modo que se propõe a uma desconstrução dos modos legítimos do conhecimento. Assim, aventura-se para além dos limites das fundamentações teóricas implicadas à origem de tal serviço (Morato, 2006). Fazendo referência a Guimarães Rosa, Morato escreve sobre a construção de um terreno, um "novo espaço criado para outras construções possíveis, uma nova paisagem reconfigurando o ambiente que, embora o vazio, deixar ver possibilidades para outras situações" (Morato, 2006, p.1). Portanto, a autora não percorre um caminho usual, arriscando-se a não procurar uma simples adequação a alguma técnica. Ao contrário, ela se volta a reflexões e experiências em relação àquilo que já foi realizado, questionando como o Plantão Psicológico é/foi feito.

É interessante como ela demonstra a contradição da própria origem do Plantão Psicológico: ele aparece a partir de uma demanda social por parte de uma sociedade que precisava ser acolhida e ressignificar a sua história frente ao momento pós-guerra, mas, por outro lado, ele se manifesta como uma técnica advinda do

aconselhamento psicológico (Morato, 2006). Desse modo, a autora apresenta como esse jeito técnico parece sempre estar à espreita para cristalizar-se. Inclusive, ela retoma como, no início do serviço de Plantão Psicológico, na Universidade de São Paulo (USP), os alunos que precisavam de estágios junto à população que queria atendimento psicológico gratuito e de qualidade exerciam uma técnica ao reduzir o Plantão a "uma via de acesso facilitada para o exercício clínico" (Morato, 2006, p.5), uma disponibilidade de espaço físico e espaço de tempo. Destarte, o acolhimento da procura daqueles que iam até o Plantão se perdia de vista.

Ao longo dos anos, o Plantão Psicológico foi sendo inaugurado em outros ambientes, de modo que a sua dependência de um espaço físico determinado foi sendo dissolvida. A perda do *setting* terapêutico clássico foi exigindo cada vez mais disposição e uma mudança de postura clínica para uma menos enrijecida. De maneira inevitável, as pré-concepções sobre o Plantão Psicológico foram sendo apagadas pelos encontros que, muitas vezes, eram inesperados. O fazer do plantonista passava, assim, a habitar este encontro, caracterizando-se naquele momento e de modo situacional. As queixas foram perdendo a sua delimitação até o momento em que não eram mais necessárias. Para o Plantão Psicológico acontecer, basta a disponibilidade e abertura do plantonista para acolher aquele que procura ajuda. O simples movimento de buscar o Plantão Psicológico como cuidado consigo mesmo já é suficiente para instaurar-se o Plantão Psicológico, agora definido por um fazer clínico de estar "junto a" (Morato, 2006).

Diante do exposto, fica clara a diversidade intrínseca ao fazer Plantão – já comentada –, uma vez que esta modalidade de atendimento tem a capacidade de se moldar às demandas do seu público, às habilidades dos plantonistas e às exigências institucionais. Em contrapartida, essa mesma diversidade confunde, ou mesmo esconde, o real sentido de Plantão Psicológico enquanto tal, até mesmo porque não existe um serviço igual ao outro. No texto de Morato (2006), por exemplo, ela conta a história que aconteceu na USP, que me parece ter seguido a direção da desconstrução dos pré-conceitos sobre o Plantão Psicológico para a construção de uma nova forma de fazê-lo – processo este conduzido pelos vários projetos de Plantão Psicológico em outras instituições, diferentes entre si e que exigiam habilidades e formatos muito distintos e singulares. Destaca-se ainda que esta autora só pode falar de desconstrução e construção por ter conhecimento desta história, uma vez que

participou dela e dos diferentes sentidos que já sustentaram e sustentam o Plantão Psicológico naquela instituição. Da mesma forma, temos Rocha (2009), que vai mostrar como o Plantão parece percorrer vários caminhos diferentes e como estes podem se embaralhar com atribuições que não são próprias desse serviço – como triagens e primeiras sessões de psicoterapia – a todo momento, apontando para as ameaças de transformar o Plantão Psicológico em mera técnica. Embora o Plantão se mostre também pelo que ele não é, a autora vai nos conduzir pela sua busca atenciosa da compreensão do Plantão Psicológico, ou seja, pela busca do seu real sentido. No entanto, ela se questiona de forma ampla e geral, mesmo que ela aponte para as singularidades de cada serviço.

Posto isso, reforça-se o quanto é importante preservarmos a história do serviço de Plantão Psicológico na UFMG. Como vamos desconstruir ou reconstruir sentidos e novos modos de se fazer Plantão Psicológico nesta instituição se sua história não está registrada? Se cada serviço tem suas peculiaridades, como saber qual o sentido do serviço compreendido pelos plantonistas mineiros? Como era o modelo de Plantão Psicológico da UFMG? Quais características o diferenciavam de outros Plantões em serviços-escolas, conferindo particularidades a esta instituição? Que correlações se pode traçar entre o modelo que foi estabelecido e as demandas da instituição naqueles anos? Que marcas deixou nos seus atores? Se um serviço se perde na história por falta de registros, como será possível refletir sobre ele posteriormente? Como legitimá-lo e verificar suas limitações sem seu registro?

### 1.5 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é narrar a história do Plantão Psicológico na UFMG. Para isso, os objetivos específicos são 1) Realizar entrevistas com os agentes institucionais que participaram da história do serviço, entre eles, ex-plantonistas e o professor supervisor responsável; 2) Redigir uma narrativa dessa história, trançada com as experiências desta pesquisadora-narradora. 3) Cotejar as experiências dos plantonistas da UFMG com as de outros plantonistas de outras instituições.

## 2 NOS PERCALÇOS DA MEMÓRIA

Uma vez que a proposta deste trabalho é investigar e compreender a história de um serviço por meio do resgate das memórias daqueles que o viveram e, a partir delas, desvelar os sentidos que sustentaram tal prática, é necessário, então, ponderar o que é a memória. Sobre o que estamos falando quando dizemos memória? Que caminho é esse que se pretende percorrer?

### 2.1 A memória

Em primeiro lugar, vale lembrar como Pollak (1989) indicou a inversão no modo de compreender os fenômenos sociais. Se antes lidava-se com os fatos sociais enquanto coisas, passou-se a olhá-los sob uma nova ótica, sob uma perspectiva construtivista. Isto é, "como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade" (Pollak, 1989, p. 4). Com a memória não foi diferente. Alicerçado, então, nesta perspectiva, este autor vai discorrer sobre como o momento em que a memória é evocada se constitui como um elemento importante na sua construção. São as preocupações daquele momento que vão articulá-la e a organizá-la, de forma consciente ou inconsciente. Quando o autor diz de uma organização ou construção da memória, ele se refere, por exemplo, ao que vai ser lembrado ou esquecido. Com base nisso, vislumbra-se uma associação entre memória e identidade, uma vez que, para se ter identidade, é preciso ter uma unidade coerente e contínua, tanto na constituição individual quanto na de um grupo ou comunidade. Recorrendo às próprias palavras de Pollak (1992):

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p.5).

Sá (2007 e 2015) expõe a diversidade de perspectivas teórico-conceituais do campo de estudo relativo à memória e como a Psicologia Social vai se apropriando do tema. Tal autor, então, vai, em seus trabalhos, evidenciando e esclarecendo os aspectos psicossociais da memória. Corroborando com Pollak, um desses aspectos

psicossociais mais importantes é o "caráter construtivo da memória social" (Sá, 2007, p. 291), ou seja, a memória social não seria meramente uma reprodução do que já passou, mas uma construção do que é lembrado a partir de uma realidade presente, moldada pela cultura. Nessa lógica, o psicólogo social olha para a memória como fruto de um processo envolvendo o indivíduo, a sociedade, a história e a cultura. Em suas palavras, "o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele" (Sá, 2007, p.291).

Outro aspecto apontado por Sá (2007 e 2015) é como a memória está intimamente ligada ao fenômeno da comunicação. Ainda sobre esse ponto, o mesmo autor realça a dimensão da linguagem presente na memória ao afirmar que "o que ou como [as pessoas] se lembram e se esquecem seja determinado pela sociedade, pela cultura e, em especial, pela linguagem" (Sá, 2015, p.101).

Nessa mesma direção, de pensar a memória sob a ótica da Psicologia Social, Bosi (1993) tem importantes contribuições, especialmente no que tange à pesquisa em memória social. No que diz respeito ao tempo, a autora enuncia como a memória une o passado ao presente de modo a permitir à nossa consciência a apreensão do mundo e, por conseguinte, agir nele. Assim sendo, a memória não seria meramente um conjunto passivo de lembranças. Embora esteja intimamente envolvida com o tempo, a vivência desse tempo é diferente para cada grupo social. Em suas palavras, "o tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade" (Bosi, 1993, p.281). Logo, em virtude de uma compreensão da memória como forma organizadora, é fundamental respeitar e observar o fluxo daquele que recorda, pois é esse fluir que demarca a sua experiência e a experiência do seu grupo.

## 2.2 A Hermenêutica

Este recorte da literatura sobre memória, em suma, pretende deixar claro como a memória, para a Psicologia Social, não é meramente algo dado por si mesmo, mas diz de um todo compartilhado que sustenta e dá sentido ao que e como será lembrado e rememorado. Como acessar e apreender este todo que se dá no fundo das memórias? Para Alves, Rabelo e Souza (2014), Dilthey, o precursor da Hermenêutica, introduziu um modelo importante para a compreensão das ações sociais ao propor que a recuperação da origem de um fenômeno deve se voltar para a reconstrução do

caminho da sua criação, isto é, voltar-se para a vida que está nesta origem. Assim sendo, a Hermenêutica pode ser vista como um caminho epistemológico e metodológico, uma vez que Dilthey e seus seguidores buscaram uma base científica para a investigação e análise dos sentidos e significações. Destaca-se que:

Dilthey, portanto, efetua uma hermenêutica da compreensão fundamentada no pressuposto de que a compreensão penetra, recupera e reconstrói o objeto histórico no todo originalmente vivido que subjaz ao conjunto das exteriorizações de uma determinada época histórica (Alves, Rabelo & Souza, 2014, p.190).

Do mesmo modo que a proposta diltheyana funda as Ciências Humanas, ela se contrapõe às Ciências Naturais. Nesse sentido, é oportuno delimitar qual é a crítica e de que o filósofo quer se diferenciar. Para ele, o direcionamento das Ciências Naturais para achar verdades imutáveis, verificáveis e replicáveis em diferentes contextos exige uma decomposição da realidade. Por conseguinte, com a radicalização dos meios para se chegar ao conhecimento reconhecido por estas ciências, o que se sucede é um desmembramento do fenômeno e do campo em que aparece. Logo, a sua conexão com o horizonte em que se manifesta é perdida. A Hermenêutica, então, revela-se como uma tentativa de acessar e reconstruir esse horizonte mais amplo, reinserindo os fenômenos na totalidade em que aparecem. Sobre isso, Casanova (2011) comenta:

Em contraposição a esse comportamento explicativo das ciências naturais, as ciências humanas são compreensivas porque elas trabalham justamente na direção da reconstrução da base comum a partir da qual se realiza todos os fenômenos em geral (p.11).

Nota-se uma aproximação inquestionável entre as ideias de Dilthey e as propostas dos autores da Psicologia Social que buscam compreender em qual horizonte a memória se dá e como ela se constitui a partir dele. Outra aproximação possível é quando Bosi (1993) discorre acerca de como, pelas recordações dos seus entrevistados, é possível revelar um quadro espaço-temporal comum a eles; no caso dela, a cidade de São Paulo nos primeiros decênios do século XX; no meu, do Plantão



Psicológico na UFMG. A Hermenêutica, na perspectiva de Dilthey e da Fenomenologia, vai justamente indicar como cada época tem uma visão de mundo própria, de modo que tudo o que acontece circunscrito àquele espaço de tempo e àquele lugar é uma expressão daquela época. Assim, uma vez que o homem está sempre inserido em uma determinada época histórica, social e cultural, suas vivências se tornam também expressões de tal época. Conforme Casanova (2011), "tudo o que faço, penso, imagino, sinto e represento, assim como tudo o que deixo de fazer, possui uma ligação umbilical com a visão de mundo, ou seja, expressa essa visão" (p. 14).

Amaral (2004) apresenta uma importante contribuição a esta proposta de olhar para o resgate da memória social sob o prisma da Hermenêutica diltheyana ao colocar o conceito de "vivência" como "célula viva do mundo histórico-social" (p.56). Como a vivência nasce no meio de valores, ideias e significados compartilhados, a sua origem é, necessariamente, extraindividual, o que significa dizer que toda vivência está atrelada a concepções específicas de um mundo histórico-social.

Inspirado nas ideias de Dilthey, Heidegger, em sua obra-prima *Ser e Tempo* (2012), desenvolve o conceito de horizonte hermenêutico. Na prática, isto quer dizer que qualquer ente, ou seja, qualquer coisa ou outra pessoa que apareça para nós já aparece em um fundo que nos permite a sua compreensão e o seu uso. Com base nas ideias propostas por Heidegger, Critelli (2006) propõe que as coisas em si mesmas não são coisa alguma, são vazias (mesmo que visíveis). O que dota as coisas de significados é o mundo compartilhado (horizonte hermenêutico). São as pessoas que sustentam coletivamente as significações para o que é a realidade e o que se apresenta nela. Tais significações compartilhadas são, necessariamente, históricas, à medida que o que as coisas são e como elas são vai se compondo e acontecendo na convivência cotidiana e, de algum jeito, solidificando-se em modos mais habituais de uso e de lida com a realidade. O perigo que se corre nesse movimento de mundo é exatamente a perda da dimensão histórica e constitutiva de como as coisas vêm a ser o que elas são. Assim, corre-se o risco de cair naquilo que vai se chamar de "a gente", o impessoal, na filosofia heideggeriana, que é a mera repetição de uso, de realização de práticas sem uma compreensão clara do quanto elas são históricas, são tradições, como vieram a se constituir e, da mesma forma, o quanto podem ser novamente constituídas, ou seja, transformadas.

Nessa lógica, o Plantão Psicológico foi uma prática que se sedimentou, ao longo do tempo, pelo seu uso recorrente, em que novos plantonistas ingressaram, transformaram e foram transformados, subjetivando-se. É um fato social (Pollak, 1989). Assim, é preciso revisitar essa sedimentação pela Hermenêutica a fim de desvelar o processo histórico presente na sua constituição e liberá-lo, sem a ameaça de perdê-lo no esquecimento, para novas configurações e conformações. O caminho hermenêutico escolhido para acessar essa sedimentação foi a Analítica do Sentido, proposta por Critelli (2006). Essa metodologia tem como objetivo explicitar os modos de compreensão e lida com as coisas que compõem a trama significativa que nós chamamos de realidade.

### 2.3 A Analítica do Sentido

Toda e qualquer metodologia científica sustenta-se em um conceito (mesmo que subentendido) prévio, tácito e implícito a respeito do se entende por conhecimento, verdade e ser. Assim, para compreender o método fenomenológico existencial e hermenêutico chamado de Analítica do Sentido (Critelli, 2006), é preciso ter em vista o que o difere dos demais, isto é, qual a sua fundamentação ontológica. Em outras palavras, quais as suas origens, de onde ela parte. ‘Ontologia’ é o entendimento prévio de uma realidade. Dessa forma, qualquer ciência ou existência é perpassada pela ontologia, que define o que é, como é e como acessar a realidade em questão. Nesse sentido, as formas como se lida consigo mesmo, com os outros e com as coisas estão pautadas em uma ontologia vigente, pois demarca um período histórico – o que Evangelista (2016) chama, apoiado no filósofo Martin Heidegger, de tradição.

Assim, Critelli (2006), autora responsável pelo desenvolvimento dessa metodologia, pontua que o ser das coisas se manifesta na forma com que se lida com elas e se fala sobre elas. Na Fenomenologia, considera-se o ser das coisas como aquilo que elas são e como elas são. Diante disso, a realidade é uma trama de significados que é tecida constantemente pelos indivíduos através dos seus posicionamentos e das formas com que se ocupam e se referem a cada e toda coisa. Por conseguinte, o caminho para alcançar essa trama de significados se faz a partir de uma investigação sobre como as pessoas relacionam-se consigo mesmas, com os

outros e com as coisas. Logo, questiona-se: qual é a trama de significados que sustenta o Plantão Psicológico na UFMG? Como as pessoas se posicionam em relação a esse serviço? Como esses significados foram sendo construídos ao longo dos anos e ainda são? Eles foram sempre os mesmos ou houve mudanças? A Analítica do Sentido, portanto, além de lançar luz sobre os modos de ocupar um lugar (instituição, organização, cidade etc.), independentemente de qual seja ele, tem o intuito de buscar o sentido que sustenta a existência como ser-no-mundo, isto é, como alguém que está sempre situado socio-historicamente e que acontece em relação a outras pessoas.

Continuando nessa linha de raciocínio, as Ciências Naturais possuem modos próprios e singulares de existir e de ocupar o mundo. Esses modos correspondem à busca por uma segurança diante da diversidade de opiniões, abundância de perspectivas de uma mesma realidade e a instabilidade do conhecimento humano. Logo, a resposta buscada por esse método é fundamentada em um conceito único, preciso, imutável e reaplicável. Em contrapartida, a Analítica do Sentido não evita a inconsistência e a incerteza do conhecimento humano, visto que o concebe como um produto advindo de uma condição humana que, por sua vez, também é inconstante, incerta e mutável (Critelli, 2006). Isto posto, nota-se que, por ser fundamentado em uma existência, o conhecimento carrega marcas da sua origem e do seu autor. Como produto advindo da condição humana, o Plantão Psicológico é intimamente marcado por todos os seus autores, isto é, os agentes – plantonistas, supervisores e clientes – que passaram por essa história e contribuíram à sua maneira. Sendo construído e transformado ao longo do tempo, o que é o Plantão Psicológico na UFMG? Como foi o processo de vir-a-ser e deixar-de-ser desse serviço ao longo do tempo?

Uma pesquisa e o impulso para iniciar uma pesquisa originam-se de um desconforto pessoal quanto à trama de significados até então vigente ou um rompimento dessa. Uma vez que a curiosidade é instalada, instiga-se a investigação para melhor compreender aquela realidade, buscando entender os sentidos contidos naquela trama de significados. Portanto, para a metodologia em questão, o conhecimento fenomenológico existencial constitui-se em uma possibilidade a ser alcançada, já que não existe um recurso metodológico suficiente que o garanta. Por isso, ele é tido como provisório, mutável, relativo e atravessado pela sua interação com o meio em uma determinada época.

Faz-se necessário, neste momento, definir o que se denomina como “realização do real” (Critelli, 2006, p. 111), pois é a comunicação desta que constitui a fundamentação teórica da metodologia em questão. Por este termo, a filósofa indica o processo contínuo de tessitura cotidiana da trama de significados na qual as pessoas reconhecem as coisas, os outros e a si mesmas. Nos usos e costumes e nos modos como se fala do real, os nexos de sentido compartilhados aparecem. Em suas palavras, a realização do real é:

movimento que dá o mundo, movimento que dá ao mundo, a tudo o que nele comparece e ao próprio homem, sua chance de manifestação (ou aparência), seus significados e sentidos. Uma trama pública coletivamente construída e tornada consistente através de cada homem (Critelli, 2006, p.111).

À vista disso, entende-se a relevância de investigar essa história por meio do discurso dos atores<sup>5</sup> institucionais, que é a própria manifestação do real. A entrevista possibilitará o desvelamento dos significados, o seu reconhecimento, testemunho e autenticação.

Retoma-se, assim, o significado original da palavra “método”, que corresponde a estar a caminho – caminho este que abrange um ponto de partida e a busca por um destino (Evangelista, 2016). Desse modo, a origem e o sentido de uma pesquisa são anteriores ao estabelecimento do método, dando margem ao entendimento do caminho percorrido no método como parte do caminho existencial do pesquisador. No contexto teórico fenomenológico, a participação e influência do pesquisador não são um problema na medida em que são condição. No caso, eu, além de pesquisadora, também sou plantonista, de modo que o resgate histórico aqui proposto terá influências do meu modo específico de exercer esta prática psicológica e, assim, contribuir como co-autora para a continuidade histórica deste serviço.

Nessa lógica, o ponto de partida dessa trajetória deve ser a compreensão inicial do objeto de pesquisa para a pesquisadora, isto é, como ela o percebe. Para isso ser feito, é preciso voltar-se para o processo histórico de construção dessa percepção do objeto. Ao longo da existência de cada um, são expostos entendimentos, problemas, conceitos, pressupostos e preconceitos que vão se entrelaçando e compondo o que se denomina tradição. Essa tradição pode ser inclusive anterior à própria existência,

---

<sup>5</sup> Atores no sentido de atuarem, agirem.

como é o caso dos sentidos comuns de cada época. Assim, as tradições delimitam as possibilidades do ser, abrangendo um grande perigo de restringir respostas possíveis e/ou aprisionar-se às respostas já encontradas (Evangelista, 2016).

Evangelista (2016, p. 39) afirma que "habitar tradições é constitutivo do existir", de modo que é impossível existir fora de um contexto histórico, que se constitui de diversas tradições. Existir é ser-no-mundo. Diante do exposto, ressalta-se o risco de as tradições imporem uma cegueira parcial, posto que suspendê-las é algo inalcançável para a condição de existência. Assim, a pesquisa se mostra uma alternativa para expor aquilo que é ocultado pelas tradições e clarear os entendimentos, problemas, conceitos, pressupostos e preconceitos dados em relação a um objeto. Isto é, a investigação consiste em uma reflexão cuidadosa e meticulosa sobre a realidade que já é dada.

Logo, o método proposto para acessar a história do Plantão Psicológico na UFMG parte do resgate da experiência vivida por aqueles que por ela passaram a fim de revelar uma trama de significado. Esses agentes participaram de um processo de naturalização de um certo modo de pensar e fazer esse serviço na UFMG, construindo uma tradição. Portanto, é através dos seus discursos que é possível ter acesso a esta tradição e à sua trama de sentido.

#### 2.4 Os narradores desta história

Para compreender a história do Plantão Psicológico da UFMG, faz-se necessário conhecê-la a partir daqueles que a viveram e contribuíram de forma ativa no seu transcorrer: os agentes institucionais. Foram convidadas 6 pessoas que fizeram parte do serviço no período em que este esteve ativo: Miguel Mahfoud – coordenador do Plantão Psicológico do SPA entre 1997 e 2016; dois plantonistas da primeira turma coordenada por Mahfoud – J.B. e D.; um plantonista do ano 2000 – P., uma plantonista da última turma de Plantão coordenada por Mahfoud – J.M.; e um plantonista da primeira turma coordenada pelo professor Paulo Evangelista – L. Essas entrevistas, que, em muitos aspectos, assemelharam-se a um diálogo, tiveram duração entre 47 minutos até 5 horas e meia, conforme pode ser visto na tabela 1. No caso da entrevista mais longa, ela foi dividida em dois dias distintos. É importante ressaltar que Miguel Mahfoud pediu para ser reconhecido no texto e consentiu que o

seu nome aparecesse na pesquisa. Os demais colaboradores estão apresentados apenas por letras para garantir a privacidade deles. Ressalta-se que o termo escolhido para se referir aos participantes da pesquisa foi “colaboradores” porque ficou evidente o quanto colaboraram para a constituição das narrativas, produtos finais desta pesquisa.

**Tabela 1**

*Quem foram os colaboradores da pesquisa*

Colaborador(a)	Função no plantão psicológico	Em qual ano participou da história	Em qual instituição atendeu	Duração da entrevista
Miguel Mahfoud	coordenador do serviço	1997 a 2016	Todas	5h32min (3h30min no primeiro dia e 2h02 min no segundo dia)
D.	plantonista	1997	Escola Donato Fonseca	1h41min
J.B	plantonista	1997	Escola Donato Fonseca	47min
P.	plantonista	2000	Escola Santos Dumont	50min
J.M	plantonista	2016	SPA	1h01min
L.	plantonista	2019 a 2022	SPA	49min

A primeira pessoa convidada a contribuir com esta pesquisa foi quem me apresentou o Plantão Psicológico como um serviço imprescindível à minha formação, além de sempre me contar das suas experiências enquanto plantonista. Em 2019, na reabertura do Plantão Psicológico, ela também nos ajudou a recuperar o acesso à página do serviço no Facebook. Para mim, fazia muito sentido começar por ela, visto que, de alguma forma, ela esteve sempre ali, instigando, inclusive, meu interesse por essas diferenças todas (Eu só sabia como funcionava antes por causa dela).

Logo depois, era preciso conversar com Miguel Mahfoud, aquele que participou do serviço por todos aqueles anos. Foi ao longo da conversa com ele que vários nomes de outros autores/atores dessa história foram aparecendo. Alguns deles se destacaram na minha escuta por causa do grande engajamento que pareciam ter com o serviço. Logo, solicitei o contato dessas pessoas que sobressaíram na minha escuta para convidá-las a também contribuir com a pesquisa.

Por fim, o último colaborador veio de uma sugestão da banca de qualificação. Para as professoras integrantes da banca, seria interessante ouvir a história também de um plantonista do serviço nos moldes atuais, pois ouvi-lo poderia abrir caminhos para descobrirmos se são dois serviços distintos de Plantão Psicológico ou se são modalidades diferentes de um mesmo serviço. Posto isso, escolhi aquele que esteve do momento de reinauguração até agora. Ressalta-se ainda que este colaborador possui um diário de bordo dos seus atendimentos enquanto plantonista, ou seja, ele tem cuidado da sua experiência e refletido sobre a sua prática, o que considere que pudesse acrescentar e enriquecer a sua narrativa. Ainda, em uma perspectiva mais ampla, a escolha dos colaboradores também teve o critério de qual ano cada um deles participou dessa história, pois o intuito era abranger toda ou boa parte do período temporal em que foi e é oferecido tal serviço, abarcando, assim, a possibilidade de surgirem diferenças de uma turma de plantonistas para outra. Será que quem viveu o início do Plantão Psicológico, a sua inauguração e estabelecimento na UFMG teve a mesma experiência de quem participou de um serviço já estabelecido há alguns anos? Ou, ainda, será que essas experiências se assemelham àquelas da última turma de plantonistas que foi incumbida de anunciar o encerramento do serviço para uma comunidade que já valorizava o serviço como pertencente a uma rede de apoio à saúde mental dos seus integrantes?

## 2.5 Colheita dos dados

O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e registrado sob o CAAE 42003121.5.0000.5149. O parecer aprovando-o foi o de número 4.646.660. Ambos se encontram em anexo ao final deste trabalho (Anexo A). Com a pesquisa aprovada, todos os convites para a participação foram enviados por e-mail. O agendamento das entrevistas também foi feito desta forma. O TCLE (Anexo

B) também foi enviado por e-mail, e o seu aceite foi solicitado por meio de um formulário *on-line*. Todas as entrevistas, portanto, foram previamente agendadas.

Embora, a princípio, o convite para participar da pesquisa tenha sido para uma entrevista, na prática, o que ocorreu não foi uma entrevista propriamente dita, mas uma conversa, um diálogo entre duas pessoas que comungavam de uma mesma experiência. De forma muito natural e afetuosa, houve uma troca de experiências entre dois plantonistas. Todas as conversas começaram com a pergunta disparadora: “Como foi a sua experiência no Plantão Psicológico na época em que você participou dele?”. No entanto, cada uma fluiu de forma espontânea de acordo com o encontro e a interação entre participante e pesquisadora. Nesse sentido, parece distante dizer que foi feita uma coleta de dados. O que ocorreu naqueles encontros está muito mais próximo de uma colheita de experiências (dados) para tecer uma narrativa maior.

Todas as conversas aconteceram através de vídeo-chamadas *on-line* na plataforma *Zoom*. A própria plataforma oferece o recurso de gravar as vídeo-chamadas, tanto o áudio como a imagem, de forma que todas elas foram gravadas na íntegra. Ressalta-se que todos os colaboradores foram avisados quanto à gravação e concordaram previamente com ela. A cópia de cada encontro *on-line* vai ficar armazenada no Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS) e, após 5 anos, será destruída.

A escolha por um formato de entrevista aberta, o que possibilitou que os encontros fossem mais parecidos com um diálogo, objetivou justamente preservar a liberdade dos colaboradores de se expressar à sua maneira, sem perder de vista o tema da pesquisa. Bosi (2006) aponta para a perda da riqueza da memória quando esta é enrijecida e subjugada a um esquema, a um modelo e/ou a um documento. Suas palavras denunciam as reduções das vivências e da experiência:

Um que pode parecer pouco dramático é o relato de uma reunião oficial de que o depoente participou. Se for registrado em documento, será esquematizado, empobrecido e sobretudo feito para agradar o poder em exercício ou a facção prestigiada no momento. As atas de reuniões oficiais suprimem as dissonâncias como impertinências, e os conflitos são apagados como digressões inúteis (p.17).



Posteriormente, na mesma obra, ela escreve que "as testemunhas de um fato histórico são de uma riqueza insubstituível" (Bosi, 2006, p.71). Logo, esta pesquisa foi ao encontro da autora, tão citada, ao ter o cuidado de preservar a subjetividade e a singularidade dos sujeitos no momento em que narravam suas experiências e, novamente, no momento das análises das conversas.

Schmidt e Mahfoud (1993), ainda utilizando o termo "entrevistas" para o momento que estou chamando de conversa, vão afirmar que elas são momentos oportunos para quem participa, uma vez que propiciam uma ruptura do fluxo do tempo cotidiano. Tal ruptura se caracteriza por um momento privilegiado em que a pessoa tem a oportunidade de perceber o seu cotidiano a partir de uma outra perspectiva, suspensa em meio a ele. Assim, a experiência, antes corriqueira, pode ser refletida e elaborada. Logo, para os autores, a entrevista é um momento muito rico, apresentando elementos reflexivos que não seriam perceptíveis em outra situação.

Ainda, segundo a definição de AmatuZZi (2019), depoimento é qualquer expressão humana, incluindo o relato verbal, tradicionalmente colhido nas pesquisas empíricas, como esta. Para este mesmo autor, pouco importa como se dá essa expressão, o importante é a luz sob a qual ela será lida. Toda pesquisa, na perspectiva fenomenológica, tem como objetivo a investigação do vivido, ou seja, busca-se a compreensão do vivido de cada sujeito a partir da sua expressão pessoal durante a entrevista. À vista disso, faz-se necessário entendermos o que significa "vivido".

O vivido é a experiência imediata que nos acomete. Considerando que somos uma abertura, podemos ser tomados por sensações e experienciar reações em nós. Assim, quando algo acontece, somos imediatamente mobilizados internamente e, neste primeiro momento, anterior a qualquer reflexão, configura-se o vivido. No entanto, não é possível ter acesso a ele de forma pura, uma vez que, na própria tentativa, já se estaria refletindo e significando-o. Assim sendo, o vivido se manifesta de duas formas: uma ação primária, resposta ao que se passa internamente, e uma linguagem interna que se fundamenta como um pensamento primário. Essa estrutura é importante, pois demarca uma reação pessoal ao acontecido, e o vivido necessariamente precisa desse contato pessoal, é algo que se direciona à subjetividade da pessoa. Nesse sentido, o vivido sempre diz respeito ao centro, ao coração da pessoa. Entretanto, ele vai se expandindo, desdobrando-se para fora (AmatuZZi, 2019).

O pensamento primeiro passa a ser reflexões bem elaboradas e raciocínios complexos, enquanto as ações que se manifestam no primeiro momento se transformam em ações planejadas e calculadas. Destarte, o vivido puro vai se desdobrando em reações às novas vivências. Posto isto, vislumbra-se o risco de se afastar do vivido puro. A pesquisa fenomenológica, portanto, busca justamente essa reaproximação, o retorno ao vivido. Embora toda pesquisa seja fundamentada nos pensamentos já refletidos e esteja afastada desse "centro", o sentido dela está nessa busca de voltar-se para o vivido.

Como se dá, porém, uma pesquisa que busca resgatar a história e a memória? A experiência imediata está temporalmente também longe e precisa, necessariamente, da memória para ser acessada. Apesar de ser inevitável contemplar toda e qualquer elaboração que possa ter sido acrescentada pela memória, a expressão do vivido ainda continua a existir, já que os significados vividos são desdobramentos do vivido e, assim, permitem a continuidade da experiência imediata, do vivido puro. Nas palavras do autor:

Significa que, na leitura que fizemos desse depoimento, devemos levar em conta a elaboração que pode ter sido acrescentada pela memória. Mas a base para dizermos que um depoimento desses é ainda a expressão do vivido, embora indireta, é que o fluxo da consciência no tempo não se dá de forma entrecortada e justaposta. Há uma continuidade. Essa é justamente a função da memória (Amatuzzi, 2019, p.68).

A pesquisa fenomenológica abrange tanto os padrões linguísticos e culturais do depoimento quanto os aspectos da história pessoal do sujeito ali presente, porém vai além e busca o vivido contido naquela expressão. Uma vez desprendido do contexto concreto e alcançado o vivido, o centro daquela experiência imediata, pode-se jogar luz à expressão humana do depoimento.

## 2.6 Organização e análise dos dados

A presente pesquisa qualitativa foi realizada a partir do método Analítica do Sentido, de base fenomenológica, proposto por Critelli (2006). O primeiro passo, após a gravação da entrevista, foi a sua transcrição integral, que foi realizada pela própria

pesquisadora. Nessa transcrição, foram suprimidos alguns cacofonias linguísticas, promovendo a inteligibilidade do texto. Ainda foram realizadas pequenas alterações gramaticais visando à concordância gramatical.

Concluída a transcrição, cada uma delas foi enviada por e-mail ao respectivo entrevistado para que tivesse a oportunidade de lê-la e propor sugestões e alterações. Esperava-se, com isso, zelar para que cada narrativa expressasse realmente a experiência que cada entrevistado teve durante a sua participação no Plantão Psicológico. Apenas uma colaboradora respondeu sugerindo alterações gramaticais.

## 2.7 Apresentação dos resultados – narrativas

A narrativa é um método de apresentação de resultados em pesquisa qualitativa fenomenológica que tem ganhado espaço nos meios científicos (Dutra, 2002). Este método apoia-se mais na fenomenologia hermenêutica, que tem Heidegger e Gadamer como principais filósofos. Com o conceito de narrativa, Dutra (2002) indica a importância da linguagem e da comunicação de experiências humanas na pesquisa. Estas (as experiências), ao serem recuperadas para a narração a um interlocutor, são reconstruídas. Nisso, diferem-se de fatos; enquanto estes são objetivos e acabados, aquelas são vivas e podem transformar-se a cada interlocução. Ressalta-se também a importância do ouvinte da narrativa. “Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida” (Dutra, 2002, p. 373). A linguagem, neste contexto, suscita uma situação, convocando afetos no ouvinte que propiciam o compartilhar da experiência. O pesquisador figura neste método, portanto, como participante “em todas as suas dimensões existenciais, como profissional e pessoa, ou seja, na sua totalidade, naquele momento ali presente da sua vivência” (Dutra, 2002, p. 377). A escrita da narrativa se dá na primeira pessoa dos pesquisadores e detalha o percurso investigativo desde o surgimento da pergunta, considerando sua perspectiva inicial (pressupostos) e como ela pode ter influenciado os resultados (Fleming, Gaidys & Robb, 2003).

Como resultado desta pesquisa, foram produzidas duas narrativas, uma historiográfica e outra histórica. Tal divisão, historiografia-história, foi inspirada em Heidegger e no seu uso de duas palavras alemãs distintas – *Geschichte e Historie* –

para se referir à história. Segundo Inwood (2002), "Heidegger refere-se à história no sentido I, o estudo sistemático de acontecimentos passados, como *Historie* ('historiografia', ou, em alguns contextos, 'o historiador'), reservando *Geschichte* para a história que acontece" (p.84).

Ao discorrer sobre o conceito de tempo em uma conferência, o filósofo alemão aponta para o tempo cronológico, aquele que é marcado pelo relógio, dizendo "o tempo é passível de ser medido somente quando é constituído homogeneamente. O tempo é, assim, um desenrolar, cujas fases estão numa relação mútua do mais tarde com o mais cedo" (p. 138). Assim sendo, a primeira parte da narrativa trata de uma historiografia, uma síntese dos acontecimentos citados ao longo das seis entrevistas. Para isso, foi realizada a construção de uma linha do tempo (Anexo C), de modo que a escrita se deu a partir de uma organização cronológica, respeitando a sequência histórica dos anos e a sucessão dos fatos históricos.

Todavia, os fatos históricos são pouco diante da riqueza das entrevistas, uma vez que, para além do que aconteceu propriamente dito, as entrevistas abordam as repercussões que os acontecimentos tiveram em suas vidas e como, pessoalmente, cada um deles os vivenciaram. Nesse sentido, a segunda parte da narrativa diz respeito à história que acontece, à história que se dá. Não é mais uma linha cronológica de fatos ocorridos sequencialmente, mas a história que vive e ainda acontece. "Passado – experimentado como autêntica historicidade – é tudo menos o passar. Ele é algo para o qual sempre posso retornar" (Heidegger, 2002, p.147).

### 3 A HISTÓRIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UFMG

A primeira parte narrativa se propõe a compor uma historiografia, uma síntese dos acontecimentos citados ao longo das seis entrevistas. Para isso, foi realizada a construção de uma linha do tempo (Anexo C) de modo que a escrita se deu a partir de uma organização cronológica, respeitando a sequência histórica dos anos e a sucessão dos fatos históricos.

Todavia, os fatos históricos são pouco diante a riqueza da experiência relatada nas entrevistas, uma vez que, para além do que aconteceu propriamente dito, elas abordam as repercussões que os acontecimentos tiveram em suas vidas e como, pessoalmente, cada um deles os vivenciou. Nesse sentido, a segunda narrativa diz respeito à história que acontece, a história que se dá, história autêntica. Não é mais uma linha cronológica de fatos ocorridos sequencialmente, mas a história que vive e ainda acontece, da qual me descobri participando como plantonista e pesquisadora.

#### 3.1 A Historiografia

Na diferenciação entre historiografia e história, proposta por Heidegger, de acordo com as duas palavras alemãs distintas (*Historie* e *Geschichte*, respectivamente), esta narrativa se enquadraria no conceito de historiografia (*Historie*) por ser um sequenciamento cronológico de fatos históricos que aconteceram ao longo dos anos. A narrativa historiográfica abaixo intercala trechos escritos por mim, que recolhi a história de alguns de seus atores e autores, com as falas dos próprios, compondo um mosaico polifônico. Os trechos das entrevistas<sup>6</sup> estão acompanhados da indicação do nome do entrevistado ao fim do trecho, entre colchetes.

Em 1979, Miguel Mahfoud foi apresentado ao Aconselhamento Psicológico, que viria posteriormente a se transformar no Plantão Psicológico, ao conhecer a professora da USP Rachel Rosenberg em uma disciplina na graduação em Psicologia, da qual era aluno. Ainda como aluno, também fez o estágio com Raquel e foi monitor

---

<sup>6</sup> Os trechos das entrevistas foram retirados das transcrições realizadas pela pesquisadora. No entanto aqueles que foram selecionados e integrados na narrativa passaram por uma segunda revisão do português a fim de suprimir qualquer erro de concordância ou cacete que tivesse na transcrição original, que foi menos rígida na passagem da língua falada para a escrita. De todo modo, foi preservado vocabulário e as estruturas sintáticas elaboradas na conversa. Esse cuidado teve o objetivo de proporcionar ao leitor uma leitura mais fluida, compreensível e condizente com o registro oral.

da sua disciplina. Logo após se formar, participou do processo seletivo para trabalhar como psicólogo no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP)<sup>7</sup>. Em 1982, então, ele começou a trabalhar lá e assim continuou até 1996, quando deixou o serviço para ingressar na UFMG como professor. Foi um período de experiências, descobertas e encantamentos.

Em 1982, já tinha o Serviço de Aconselhamento formado a partir do Osvaldo e da Raquel, e já tinha alguma coisa que eles chamavam de Plantão que não era exatamente o que a gente concebe agora (...) Naquela época, o que a Raquel chamava de Plantão Psicológico era quase um momento de inscrição em que a pessoa estava bastante aberta a receber a pessoa e não fazer da inscrição uma coisa burocrática, mas ouvir de verdade o porquê a pessoa estava procurando atendimento e ser muito respeitoso com o momento que a pessoa estava vivendo, com a expectativa já daquele momento de fazer inscrição para um pedido de aconselhamento, de terapia, enfim... que já aquele momento pudesse ser um momento de elaboração. Mas era quase uma porta de entrada mais séria, mais respeitosa, mais útil, vamos dizer assim. Mas não tinha uma concepção de serviço de Plantão Psicológico. A gente chamava de plantão porque naquele horário as pessoas estavam disponíveis para receber quem viesse pedir atendimento. Toda quarta-feira de manhã e de tarde, estavam os técnicos ali e abria também para os estagiários fazerem, os alunos fazerem uma experiência dessa, mas de 1 ou 2 vezes, uma coisa bem pequena assim. Depois tinha supervisão e discutia o que acontecia e tal. Mas eu lembro que a gente até conversava com a Raquel “esse nome, Plantão, é meio estranho. Quem sabe a gente não pensa em uma outra maneira de dar o nome para esse momento de entrada?” e a Raquel não deixava mexer “não, não. Vamos deixar esse nome mesmo”, o que eu acho bem interessante porque ela já vislumbrava que ali tinha alguma coisa de potencial para se tornar outra coisa, que não era para gente nivelar para o de sempre, ao contrário, era uma provocação para alguma coisa a mais. [Mahfoud]

---

<sup>7</sup> Sobre a história do SAP na USP, ler Eisenlorh (1999) e Rosenberg (1987b).

O ambiente do SAP era aberto para que cada psicólogo pudesse propor novas ideias e projetos, assim como cada um podia se engajar naquele que tivesse maior interesse. Era um grupo extremamente diverso e comprometido, no qual era permitido crescer com muita autenticidade e liberdade, buscando seus interesses. Miguel Mahfoud carregou consigo esse modo de cuidar do serviço quando ele veio para Belo Horizonte. Ele buscou criar as mesmas condições para os seus plantonistas na UFMG.

Então a gente tinha um horizonte bastante aberto em termos de propostas e concepções. (...) Cada um ia meio... propondo questões, e a gente fazia meio junto e tal. Sempre tinha alguém que puxava alguma coisa. Alguns topavam alguns projetos mais que outros, uma coisa bastante livre. A gente criou um jeito de funcionar bem interessante. Acho que isso tem a ver também com o modo com que eu propus depois a supervisão, o modo de estruturar, de se pensar como grupo no Plantão Psicológico. Acho que tem a ver com esse tipo de experiência e de formação que eu fui tendo ali no serviço de aconselhamento psicológico na USP. [Mahfoud]

Esse clima de liberdade e autonomia que o professor se empenhava em preservar, permitia que cada aluno se envolvesse do seu jeito próprio, na sua própria disponibilidade. Logo, quem queria se engajar mais acabava, realmente, envolvendo-se mais, enquanto quem não queria acabava participando menos.

Como eu não cobrava muito, cada um se envolvia do jeito que estava afim. Mas acabava sendo uma solicitação dos alunos, meio sem cobrar, de dividir o horário de... “Eu já fui uma vez, agora é a sua vez” .... Não tinha nada disso. Quer dizer, a coisa ia na base da disponibilidade. A coisa ia muito mais livre, então, na verdade, quem não estava afim estava perdendo. Não é que a gente ia obrigar o cara a ir. Quem estava perdendo de fazer aquela experiência era ele, né? Então foi ficando meio assim livre, com gosto de fazer uma experiência. (...) Em geral, as pessoas tinham muita disponibilidade para ir mais uma vez, para cobrir, para ampliar. Em geral, quando a gente dividia os horários, tinha alguém que reclamava “mas eu fiquei com menos horas do que tal pessoa”,

quer dizer, no geral, o movimento era o contrário “eu quero mais, eu não quero ficar com menos” ... Que eu acho que é um sinal bonito desse movimento de mais liberdade que vai contando com o movimento. Na verdade, quem tá mais afim constrói mais e quem tá mais desinteressado vai ficando, vai fazendo menos. [Mahfoud]

Não era apenas na divisão das horas que os alunos tinham independência, mas em tudo que envolvia o Plantão Psicológico. Em todos os semestres em que Miguel coordenou o serviço na UFMG, ele o reinventava a partir de cada turma de plantonistas. Esse processo começava logo nas primeiras semanas letivas, com um período de formação dos novos estagiários. Durante esse tempo, os alunos se conheciam, partilhavam sobre as suas expectativas em relação aos atendimentos que estavam por vir e preparavam a divulgação do Plantão Psicológico daquele semestre. Cada um era livre para se colocar como se sentisse mais confortável e para contribuir como quisesse, de acordo com as suas habilidades, nessa criação conjunta. Posteriormente, quando os atendimentos já estavam acontecendo, cada estagiário tinha o direito de não atender caso ele julgasse que não tinha condição para tal. Por fim, a supervisão seguia essa mesma linha de maneira que quem quisesse contar dos atendimentos ou tirar dúvida podia falar, e quem não quisesse contar da sua experiência podia ficar em silêncio. Logo, pode-se perceber que a liberdade e autonomia estavam presentes ao longo de todo o estágio, de modo que cada um tinha a possibilidade de encontrar o seu jeito de ser plantonista, uma vez que não tinha um jeito pronto nem certo.

Eu trago essa contribuição, o outro traz aquela, e a gente vai vendo no que isso... como isso vai se compor, e eu acho que essa serenidade de poder estar... se eu não estou conseguindo atender, eu não sou obrigado a atender (...) Então não tem a divulgação certa, não tem o jeito certo de atender. Você precisa aprender devagar a ir do teu jeito, se tem um pouco mais de liberdade, se vai constituindo no grupo uma liberdade entre nós, e cada um faz uma pequena contribuição, a gente vai ficando mais livre para ir do próprio jeito. (...) E também na supervisão eu tento fazer com que a gente não tenha que dizer tudo nem que tem que contar para o orientador o que está acontecendo, mas



podemos contar com o grupo... podemos! Se eu não estiver a fim, ninguém vai fazer isso por você, não serve a nada você ser obrigado a dizer o que tá acontecendo lá. Aliás, todo aluno maquia à vontade para não dizer certas coisas para o orientador, o supervisor, né? Tem certas coisas que não pode, então ele não fala. (...) Como que eu faço? Quem está afim de falar hoje começa a falar de alguma coisa que ele viu, que ele achou significativo, ou que está preocupado com uma pessoa, com alguma coisa que não deu certo, uma coisa que deu muito certo e ele ficou muito feliz. Ele traz uma experiência, e isso apresenta um certo campo de problema para nós sobre o qual todo mundo tem algo a dizer, todo mundo tem algo a dizer sobre aquele problema (falha no áudio) ... caso. Não são palpites de como o outro deve fazer, mas como cada um de nós está tentando se posicionar sobre aqueles temas que emergem no atendimento de um. (...) O resultado é que a gente seja mais livre, se eu estou mais livre, o que não é ortodoxo aparece, o que não... o que eu tenho medo aparece, a bobagem que fiz aparece... mas é campo de aprendizagem, é campo de pensar no que vamos fazer, não é a regra: tem que ser assim, não pode aquilo. Tem coisa que não pode mesmo. Tem hora que não, assim eu não topo, né? Se você for fazer isso, vamos fechar a barraca e vou fazer outra coisa. [Mahfoud]

A forma dele [do Miguel Mahfoud] de supervisionar era muito menos diretiva (...) Era como se ele estivesse ali achando bonito a gente conseguir atender e a gente contando da nossa empolgação, do que a gente falou etc. Não é que ele não pontuasse uma coisa ou outra, mas ele estava muito mais no... era muito mais acompanhar, como uma presença, a gente atendendo do que acompanhar tecnicamente, vamos dizer assim... Eu acho que tem uma forma dele de se colocar ali, que ele se colocava diante dos estagiários, que era muito interessante, por exemplo, questões que a gente trazia “ah, Miguel, mas o que é intervenção? O que a gente usa como intervenção? Quando é que a gente faz uma intervenção não-diretiva?” Ele ficava olhando a gente com aquela cara meio rindo. Ele não... para você ter que sair daqui sozinho, você está entendendo? E aí, quando ele ajudava, ele fazia uma coisa muito massa do tipo “vamos trazer o Mauro Amatuzzi, que está vindo aí para falar em um evento, então vou chamar

ele aqui na supervisão. Aí vocês perguntam para ele”. (...) Engraçado, eu não lembro muito da supervisão em si com o Miguel. Eu lembro que era um clima bom. [D.]

Ainda sobre essa liberdade e autonomia, é preciso evidenciar o quanto esses valores eram caros a Mahfoud. Eles também estavam presentes principalmente no modo como o coordenador propunha as divulgações e permitia à turma de plantonistas se expressar a partir da singularidade do grupo.

Como foi dito anteriormente, cada turma fazia a divulgação à sua maneira a fim de demonstrar a sua própria abertura, exclusivamente daqueles alunos, para os seus futuros clientes. Ou seja, não se tratava de uma abertura prévia a eles, não era algo institucionalizado nem das turmas anteriores. Isto considerando que a subjetividade e a forma de cada turma estar de prontidão era única e singular, o que tem implicações diretas no modo do Plantão Psicológico se configurar e se apresentar.

Ele propôs que a gente, o grupo de estagiários, fizesse a apresentação lá. E deu sorte que na nossa turma tinha gente que tocava. Eu cantava, tinha um amigo meu que tocava piano, outro que tocava violão, tinha duas meninas que eram do teatro e, aí, a gente combinou de chegar na hora do recreio, nos três turnos – manhã, tarde e noite – e, quando batesse o sinal do recreio, a gente começava com a música, cantando e fazendo teatro, falando do Plantão e, aí, os videozinhos do livro têm isso: tem a apresentação, tem as músicas que a gente usou e tem as apresentações, e isso também foi ótimo porque a gente começou com isso e, depois, lá no fechamento do Plantão, no final do semestre, fizemos de novo, e, aí, os alunos fizeram a apresentação. Eles falaram “posso tocar piano?” Aí um tocou o outro cantou, então isso foi bem legal. [J.]

A cada semestre, a gente reeditava tudo. (...) Eu acho muito importante isso: que cada turma seja uma turma única e que a gente se apresente não como instituição genérica, mas que a gente se apresente como a nossa turma, com a sensibilidade que a gente tem, com os temas que a gente tem e que são caros para nós, com a necessidade que a gente está notando que as pessoas

estão sofrendo com certas questões. Quer dizer, a gente põe no mundo a nossa disponibilidade, não só divulga a instituição. Você não fica atrás, escondido atrás de uma instituição, de uma divulgação formal de informações, mas a gente estrutura uma divulgação que dê espaço para a nossa sensibilidade. Então, teve, absolutamente ... Nesses anos, teve absolutamente de tudo que você possa imaginar de divulgações e provocações ao longo do semestre e tal. (...) Teve uma outra turma que tinha também gente de teatro, e eles pegaram uma peça de literatura, de história infantil, infanto-juvenil, que se chamava “procurando não sei bem o quê, mas procurando firme”. Esse era o tema da peça, e eles fizeram uma apresentação teatral também no momento de intervalo da escola a partir desse negócio... Que eu nunca faria um negócio desse. Não tenho nem dom e nem liberdade de fazer um negócio deste, mas, com a sensibilidade deles, com gente que tinha experiência com teatro, com uma que gostava de literatura e trazia uma proposta, então se monta e, de um certo modo, se apresenta, e isso mobiliza ... que eles estão ali, mostrando a cara, mobilizando o outro. Não a vir no Plantão na marra, mas mobiliza a sensibilidade, a estar atento com as coisas, a dar espaço para experiência, e aí, você entende o que é o Plantão, não é você ter uma informação sobre o Plantão, você entende do que se trata, se trata de um certo campo da experiência que tem espaço pra isso. Teve uma turma que fez uma estrutura de bambu e que dentro tinha uns poemas e uns desenhos e que você só... você precisava entrar na estrutura para você ter acesso àqueles dados mais sensíveis e de interioridade. Então você fazia a experiência de precisar adentrar em alguma coisa, essa imagem da interioridade, você precisa topar entrar e aquele negócio, a estrutura, foi colocada no pátio da escola e todo mundo passando curioso: que raio de coisa é essa? [Mahfoud]

A abertura para a diversidade de interesses daqueles que faziam parte da equipe permitiu que Mahfoud tivesse sua atenção voltada para o que lhe interessava: o que estava acontecendo ali. Ele buscava entender como as pessoas estavam usando aquele espaço e como eles poderiam facilitar ainda mais aquela elaboração. Logo, quando Raquel Rosenberg propôs escrever um livro sobre as experiências que estavam sendo vivenciadas no SAP, foi sobre esse tema que ele escolheu escrever.

O texto de sua autoria, intitulado *A vivência de um desafio: Plantão Psicológico*, tornou-se um dos capítulos do livro organizado por Rosemberg, e foi a primeira vez que o termo Plantão Psicológico apareceu na literatura, de modo que se tornou a primeira publicação da história do serviço, virando uma grande referência. O texto contém várias descrições de atendimentos realizados por Mahfoud ou supervisionados por ele. Embora ele tenha alterado algumas informações, a fim de preservar a identidade das pessoas atendidas, os casos são reais e servem para ilustrar o que estava realmente acontecendo e como tudo aquilo que estava sendo apresentado era possível. Mahfoud defendia, com as suas palavras, que era possível pensar um serviço que favorecesse a experiência da pessoa ao invés de encaixá-la na estrutura institucional.

Raquel Rosenberg propôs fazer um livro sobre aconselhamento psicológico que tivesse a ver com a experiência que a gente estava elaborando ali no serviço de aconselhamento. Eu propus fazer um texto sobre o Plantão Psicológico porque o meu interesse era exatamente esse: o que que está acontecendo? Que elaboração está sendo possível naquele espaço que, na verdade, está surpreendendo a gente? (...) Talvez seja o texto<sup>8</sup> mais usado meu, o mais citado que eu tenho até hoje! Eu tinha sei lá, 5 anos de formado, era muito pouco tempo, estava trabalhando no serviço de aconselhamento há 3 anos. No fim, ficou um negócio que abriu um caminho imenso, né? Nem eu imaginava que pudesse se tornar uma coisa assim. (...) Não existia Plantão Psicológico nesses termos. Existia aquela experiência de Plantão onde estavam emergindo experiências surpreendentes. Acontece que esse texto teve um impacto bastante grande. [Mahfoud]

O livro foi publicado em 1987 com o título *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* (Rosemberg, 1987). Permito que a própria Rachel Rosemberg apresente a obra que organizou assim como ela o fez na introdução do livro:

---

<sup>8</sup> Mahfoud se referia ao texto *A vivência de um desafio: Plantão Psicológico*, que foi originalmente publicado em 1987, no livro *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*, organizado por Raquel Rosenberg.

Este livro é um de nossos projetos e nele nos encontramos de uma nova maneira. O estilo de cada um de nós está presente, modificado pela consciência da tarefa grupal. Descobrimos, ao compô-lo, que nos apaixonava trazer a público o que fazemos e somos, enquanto um Serviço de Aconselhamento Psicológico situado no Brasil educativo. Portanto, este não é um texto sobre "o que é", ou sobre "como fazer" aconselhamento, é menos, e mais, do que isto. É a tentativa de expor o que pensamos e sentimos, ao nos depararmos com convívios tão nobres quanto o fazem a vivência dos clientes e a dos alunos em seu processo de crescimento. Por outro lado, trazemos aqui o resultado de um processo de grupo centrado em cada um de nós: neste livro consta capítulos escritos simultaneamente e sob influência das trocas entre nós, lidos pedaços por pedaços por seus autores, em sessões intensas de reflexão e discussão. A partir dele, muitas das nossas próprias divergências e dúvidas puderam emergir e, em partes, ser aqui reproduzida (Rosemberg, 1987, p.12).

Além da introdução, que é uma biografia (até aquele momento) do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SPA) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o livro conta com mais sete capítulos. O primeiro deles, escrito por Maria Luisa Schmidt, aborda questões sobre o campo de trabalho do aconselhamento psicológico. Em seguida, o capítulo 2, de autoria de Henriette T. Penha Morato, apresenta os aspectos fundamentais da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers. Já no capítulo 3, Marina Pacheco Jordão relata a sua vivência das atitudes facilitadoras básicas. Em seguida, no capítulo 4, Ismênia de Camargo discorre sobre a formação do psicólogo-conselheiro. A própria Rachel Rosenberg escreve o próximo capítulo, expondo a importância da pesquisa para o trabalho clínico e de orientação. O sexto capítulo é o texto previamente citado de Miguel Mahfoud (Mahfoud, 2012). Por fim, o último capítulo, também de Rachel Rosenberg, aborda alguns aspectos da ética.

Infelizmente, Rosenberg não teve a oportunidade de ver o livro que organizou publicado. Faleceu logo após tê-lo entregado à editora. Apesar da sua vida ter chegado ao fim em 1987, mesmo ano da publicação do livro, ela continua presente na história do Plantão Psicológico, uma vez que o que ela começou continua vivo até os dias atuais. Como se a morte inesperada da grande mentora e idealizadora do Plantão

Psicológico não fosse um choque grande o suficiente, outro desafio se impôs quando, poucos anos depois, em 1990, as instalações físicas do SAP foram interditadas. Naquela época, eles trabalhavam em uns barracões que eram para ser provisórios, mas acabaram ficando como definitivos até que, em 1990, o bloco onde a SAP funcionava ficou tão frágil que eles não poderiam mais ficar lá dentro. Assim, ficaram sem espaço para trabalhar. Sem condição de realizar atendimentos, o SAP foi obrigado a fechar e, conseqüentemente, o Plantão Psicológico foi interrompido. A equipe, então, aproveitou esse momento para refletir sobre o que estavam fazendo.

Foi um momento em que a gente parou para refletir muito sobre o que a gente estava fazendo (...) A gente também estava preocupado com a fila de espera quilométrica, que ... às vezes, chegava a ser dois anos de espera, uma coisa absurda. Quer dizer, não tem sentido continuar um esquema desse. (...) Aí surgiu nas discussões que a gente poderia radicalizar o Plantão Psicológico como experiência de atendimento. Aquilo que tinha surgido com aquele texto lá, que foi publicado em [19]87 (...), aquela provocação que começou a ser sistematizada naquele texto, vamos levar a sério aquilo ali? Vamos estruturar o serviço naqueles termos? Então, o serviço de Plantão Psicológico passou a ser o eixo do atendimento, passou a ser o serviço de Plantão Psicológico mesmo. Embora o texto seja de [19]87, o serviço de Plantão Psicológico nasceu em [19]90, no final de [19]90. [Mahfoud]

A parada forçada foi vivida pela equipe com um tom positivo. Foi graças a ela que eles tiveram a coragem de repropor o Plantão Psicológico a partir de suas próprias experiências e não mais estruturado com base no espaço físico, mas sim no encontro intersubjetivo. O Plantão Psicológico nasceu quando eles, enquanto equipe, tiveram que assumir o próprio limite.

No momento que a gente assume que a gente não tem condição de continuar acolhendo inscrição infinitamente das pessoas dizendo que depois elas vão ser chamadas e que depois acaba que a gente não tem condição de responder a isso. (...) Se a gente assumir o limite que a gente tem, a gente pode criar um modelo institucional que seja mais viável, mais realista e acaba ajudando mais

as pessoas. Então, que isso tenha nascido na crise tem tudo a ver com o Plantão. É mais legal a gente dizer “olha, eu tenho a possibilidade de te atender agora” (...) Isso te abre milhares de caminhos mais interessantes do que a gente estava fazendo antes. Então, foi, sim, uma mexida bastante bacana. [Mahfoud]

Trata-se de uma mudança profunda de paradigma. Antes, o Plantão Psicológico era uma espécie de acolhimento, uma porta de entrada para serviços psicológicos no serviço-escola. Naquele momento, passava a ser a intervenção.

Antes, o Plantão era uma pequena experiência que você fazia antes de você começar a fazer um processo de aconselhamento, quer dizer, praticamente um batismo de atendimento, mas o sério mesmo era o processo e aconselhamento. Agora não, o atendimento em Plantão é uma experiência de atendimento, de intervenção, não é uma experiência que a pessoa anota a inscrição para um atendimento que vai acontecer depois. Muda totalmente a concepção... Nós estamos oferecendo um serviço agora! A disposição com que você vai, o que você está compreendendo que está acontecendo no processo é completamente outra coisa. (...) E a gente começou a apostar nessa questão da formação do Plantão. [Mahfoud]

O Plantão Psicológico reabriu na USP, no final de 1990, com essa nova estrutura, na qual o atendimento de Plantão Psicológico era o próprio serviço ofertado, e não uma mera porta de entrada para outro serviço. Na divulgação dessa nova abertura, apareceu a imagem da árvore, tanto na ilustração como no texto escrito para a divulgação<sup>9</sup>.

Em 1996, Miguel Mahfoud mudou-se para Belo Horizonte após passar em um concurso de professor no Departamento de Psicologia da UFMG. Já nesse ano, ele começou a organizar o Plantão Psicológico e, no início de 1997, teve a primeira turma de plantonistas atendendo na escola Donato Werneck, no bairro Primeiro de Maio, que fica na periferia da cidade. O estágio era, desde esse início, vinculado ao SPA,

---

<sup>9</sup> O texto pode ser lido no anexo D, ao final deste trabalho, tendo sido oferecido a mim por Miguel Mahfoud.

mesmo que não ocorresse em suas dependências. Essa escolha estava articulada a uma concepção do Plantão Psicológico como um agente de transformação pessoal e social, concomitantemente.

Plantão na escola, eu acho que ele tem uma potência de transformação que na clínica a gente não vê. Ela tem também, mas a gente não vê. A gente vê a transformação da pessoa, a gente intui alguma coisa da pessoa, mas a gente não vê o contexto... E quando a gente está em uma instituição mais delimitada, a gente consegue ver isso. [Mahfoud]

A primeira turma de plantonistas foi uma turma profundamente unida e permaneceu presente nas lembranças de Mahfoud de forma bastante carinhosa. Duas pessoas<sup>10</sup> que fizeram parte dessa primeira turma de plantonistas, em 1997, tornaram-se professores de Psicologia e trabalharam com o Plantão Psicológico em suas trajetórias acadêmicas, sugerindo que o serviço marca significativamente aqueles que por ele passam. Além deles, é sabido que uma outra pessoa, da mesma turma, também deu continuidade à experiência vivida ali junto a eles após a sua formatura. Ou seja, para além do afeto carregado nas falas dos entrevistados, foi uma turma que deu muitos frutos e que foi tocada pela experiência de ser plantonista.

Os alunos dessa turma também se juntaram ao coordenador para escrever sobre os atendimentos realizados e a experiência que estava florescendo ali. Os textos redigidos por eles se tornaram capítulos do livro organizado por Mahfoud intitulado *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. Hoje, o livro já está na sua segunda edição: a primeira foi publicada em 1999 e a mais atual, em 2012.

Na época da escrita do livro mesmo, a gente foi para um sítio passar um final de semana com o Miguel junto. Ficamos invernando lá na escrita, todo mundo junto, contando os atendimentos, fazendo a... esse atendimento. O que aconteceu? A pessoa apresenta a questão... tentando fazer um esqueminha de cada atendimento para a gente ver se havia padrões ali que apareciam dependendo do tipo de demanda. Eu lembro que tudo isso foi muito rico. [D.]

---

<sup>10</sup> Estes dois ajudaram a compor essa narrativa historiográfica: [D. e J.B.].



Ainda, a turma também se arriscou a criar uma *homepage* do Plantão Psicológico, com o objetivo de ter um espaço para conversar sobre o que é o serviço e trocar experiências com outros profissionais que também trabalhavam com Plantão Psicológico Brasil afora. O *site* dispunha de várias referências bibliográficas para quem quisesse estudar o tema, disponibilizava o contato de várias pessoas que trabalhavam em algum Plantão Psicológico assim como onde, no país, tinha o serviço. As pessoas podiam se inscrever em uma lista de transmissão para receber e-mails recorrentes sobre o assunto. O *site* também disponibilizava um *chat* para que os colegas pudessem trocar suas experiências. No entanto, a *homepage* acabou sendo usada com um intuito diferente do planejado. As pessoas começaram a solicitar atendimento no *chat*. Diante de tanto desentendimento sobre o que estava sendo proposto, o *site* foi tirado do ar.

Tinha também um *site*. Eu fiz um *site* sobre o Plantão Psicológico (...) Esse *site* divulgava os plantões nas diversas cidades que tinham Plantão, nos diversos lugares que tinham Plantão. Tinha uma lista de pessoas que estavam trabalhando com Plantão com o contato dessas pessoas, no Brasil todo. Começamos a reunir... Muita gente via esse *site*, tanto que esse *site* chamou uma atenção até torta porque aquela revista Boa Forma viu o *site* e publicou uma matéria dizendo: olha que modernidade. Agora estão oferecendo atendimento de Plantão. Basta acessar o *site* para ser atendido (risos). Eles nem leram o *site*. Eles simplesmente acharam que era isso e publicaram! E aí começou a chover gente, uma cacetada de e-mail pedindo atendimento e que precisava de atendimento e, aí, por isso que aumentou a necessidade de reunir todas as pessoas que trabalhavam porque aí o que eu fazia? Eu recebia essa demanda e perguntava “de que cidade você é?” e falava “aí tem uma instituição tal que trabalha com Plantão” ou “tem uma clínica-escola em tal faculdade”. Eu comecei a fazer um pouco desse direcionamento ali pelo *site*. E também aconteceu uma coisa curiosa nesse *site* que foi o pessoal das plataformas de petróleo mandando e-mail falando: “olha, a gente fica aqui na plataforma três meses. Aqui é um clima enlouquecedor, por favor, deixa eu conversar com alguém, me atende”. Um negócio assim que... a gente não esperava, né? Na época, eu até apresentei um trabalho sobre essas procuras que o Plantão, o

nome do Plantão Psicológico, suscitou, mesmo não sendo o nosso objetivo na época. A gente nem pensava em atendimento remoto, essas coisas. Não era algo que a gente estava sintonizado nem nada, mas isso surgiu na época. [D.]

A ideia da *homepage* toda é que era um intercâmbio entre os profissionais de Plantão Psicológico. E a gente viu que algumas pessoas estavam usando o *chat* para fazer atendimento de Plantão, e aí começou a ficar uma coisa meio insegura porque a gente não sabia quem era, não sabia o que estava acontecendo. (...) Era para ajudar a divulgar o Plantão; quem estava começando a trabalhar com Plantão tivesse uma companhia, vamos dizer assim, tivesse com quem trocar ideia. (...) Era para divulgar os serviços, e não para oferecer o serviço de Plantão *on-line*. Não era essa a proposta. (...) Mas a lista ao pé do fogo [nome da lista de transmissão de e-mail] avançou por mais um tempo e foi uma experiência bacana assim. [Mahfoud]

Depois de um ano de intervenção, no final de 1997, a continuação do Plantão Psicológico naquela escola tornou-se inviável devido a uma mudança da própria instituição, que passou a se dedicar ao ensino apenas de crianças. Acreditando que o atendimento com pessoas mais velhas, ao menos adolescentes, seria mais interessante para o estágio, Mahfoud decidiu mudar a escola que acolhia o Plantão Psicológico. Sendo assim, a partir de 1998, o serviço passou a ser oferecido na escola Santos Dumont. Assim permaneceu até final de 2001.

Em ambas as escolas, o Plantão Psicológico ficava disponibilizado o dia todo – manhã, tarde e noite – de segunda a sexta. Também foi estabelecido um mesmo combinado nas duas escolas: que os alunos tivessem autonomia e liberdade para procurar o serviço quando quisessem; inclusive, eles poderiam sair no meio da aula para ir até o Plantão Psicológico. Além disso, não seriam aceitos encaminhamentos de professores motivados por qualquer demanda escolar ou de disciplina. A procura deveria partir daquele que busca o atendimento.

Ele propôs de a gente fazer o Plantão Psicológico lá e aí ele foi negociar na escola, e ele falou assim que ele tinha algumas condições: que o Plantão Psicológico era um plantão que precisava que a demanda fosse dos alunos,

eram os alunos que tinham que querer. Não ia ser um serviço de Psicologia que a escola manda. Porque a escola é louca para mandar menino-problema para o psicólogo, né? Então, isso não era o foco e não ia ser aceito, inclusive, porque normalmente é isso, né? Menino-problema, menino bagunceiro vai para Psicologia; chorou na sala, vai para a Psicologia. Não, não era essa a questão. A pessoa que tinha que querer. A gente estava lá aberto, e isso ele combinou com a escola. Ele combinou com a escola que a escola tinha que liberar. Se o menino falar “eu vou ao plantão”, podia ser no meio da aula, era para liberar. Os professores, era para liberar. [J. B.]

Já de começo, o acordo com a escola lá em Belo Horizonte era: vocês não vão empurrar gente em cima da gente. A gente vai atender quem tiver com vontade. O aluno pode sair da sala e procurar. Claro que isso não evitava que, de vez em quando, não chegasse um professor lá com um aluno, falando assim: fulano está triste ou não está bem hoje na aula. Será que você não bate um papo com ele? Mas aí a gente sempre fala: olha, você não tem que ficar aqui não. Seu professor que está achando isso, mas se você também acha que seria interessante e que seria bom, eu estou à sua disposição. Sempre aquele medo de que os alunos iam usar o Plantão para matar aula, coisa que nunca aconteceu. [D.]

A decisão de encerrar o Plantão Psicológico, em 2001, na escola Santos Dumont se deu em razão das inúmeras greves que aconteceram no período e que foram responsáveis por uma disparidade entre o calendário da universidade e o calendário escolar. Outro problema era quando a universidade estava em greve e os atendimentos continuavam na escola. Embora fosse acordado que os atendimentos poderiam continuar acontecendo, as supervisões tinham que acontecer de uma forma escondida. Diante de tamanho desconforto e desencontro, o professor Mahfoud resolveu transferir o Plantão Psicológico para o COLTEC, de tal forma que o serviço se manteve no âmbito escolar, porém em uma instituição que seguia o calendário da UFMG.

Logo, em 2002 e 2003, o Plantão Psicológico da UFMG aconteceu no COLTEC. Apesar de o serviço ter acontecido de uma forma positiva em relação aos alunos, no âmbito institucional não fluiu tão bem, pois o COLTEC já tinha duas

psicólogas, e os alunos já tinham liberdade e abertura para procurar a Psicologia. Assim, o Plantão poderia estar insuflando o setor, além de não estar sendo aproveitado como poderia. Diante de tal cenário, Mahfoud achou melhor não continuar lá.

Em 2004, devido à ida do professor Mahfoud para a Itália, a fim de realizar seu pós-doc, o Plantão Psicológico na UFMG foi interrompido por um ano: o primeiro semestre, pela ausência do professor e o segundo, por ele não ter chegado a tempo de estruturar uma nova turma para o estágio.

No início de 2005, os atendimentos foram retomados. Desta vez, direcionados aos estudantes estrangeiros da universidade. No entanto, houve vários desafios institucionais na realização dessa proposta bem como desafios em relação ao próprio público. Um dos maiores sofrimentos dos alunos estrangeiros era a sensação de exclusão, de não fazer parte, de não pertencer. À vista disso, oferecer-lhes um serviço exclusivo reforçava essa sensação de estar à parte, estar separado dos outros alunos. Entendeu-se, então, que seria mais interessante oferecer um serviço para toda a comunidade e que pudesse incluí-los. Houve o cuidado de manter uma divulgação especificamente para eles, de modo que tivessem ciência do serviço. Perante o exposto, recordo-me das palavras de Evangelista (2016, p.226): "o Plantão Psicológico também é uma ferramenta para conhecer os modos de ser familiares e tradicionais na instituição que ocorrem".

Pensando que a gente poderia estar na UFMG, pensar que a gente podia estar na nossa própria instituição, pensando nessa relação da gente com os alunos... Eu propus Plantão Psicológico para os alunos estrangeiros, que foi bastante badalado do ponto de vista institucional. Logo fizeram um monte de propaganda (...) Apareceram questões difíceis de lidar da própria instituição e, como a gente está dentro, também é difícil, né? Apareceram problemas de preconceitos que a própria instituição tem em relação aos alunos que chegam, o tratamento aos alunos que vêm da África, completamente diferente dos alunos que vêm da Europa. Então tem questões difíceis de lidar, que a gente, de alguma maneira, tentou pontuar, mas foi jogando mais para o âmbito institucional do que levando para o atendimento das pessoas mesmo. A gente fez alguns poucos atendimentos. A gente fez algumas entrevistas com estrangeiros, a gente fez

alguns grupos temáticos à noite, assim (...) Foi uma experiência bonita, mas, assim, tensa do ponto de vista da experiência que a gente tem que fazer e também problemática do ponto de vista institucional, e essa foi uma questão que, nesse momento, ficou muito clara para mim. Cada espaço institucional que a gente vai é fundamental a gente ver que apoio a gente tem do ponto de vista institucional para fazer aquilo dali. (...) Eu entendi uma coisa: dar esse suporte para eles é muito importante. Eles precisam desse suporte, mas, para eles, é muito difícil procurar porque o drama deles é que eles são vistos como separados e fazer o Plantão, para eles, de alguma maneira, é olhar para eles como separados. Então era mais importante incluí-los no Plantão Geral do que fazer uma coisa própria para eles. Então a gente passou a divulgar na diretoria de Relações Internacionais uma coisa que eles recebessem a divulgação do Plantão. A gente continua tendo uma atenção com eles, mas não fazendo um serviço próprio para eles, que, no ponto de vista da tensão que eles viviam, não somava bem, embora eles precisem. [Mahfoud]

O Plantão Psicológico para os estrangeiros foi muito importante para a UFMG no sentido de que revelou a necessidade de dar mais suporte a esse grupo de alunos. Isso só foi possível em virtude de o serviço estar sempre direcionando o seu olhar para a relação do seu público com a instituição em que este está inserida e vice-versa, nesse caso, as relações que os estrangeiros estabeleciam com a universidade e a universidade com eles. Esta experiência do Plantão Psicológico evidenciou uma característica muito importante dessa prática psicológica: a cartografia clínica; isto é, a capacidade dessa modalidade de atendimento de perceber e alcançar as demandas de maneira geral, e não apenas aqueles problemas vinculados a um grupo. Nesse sentido, a presença do psicólogo clínico se dá junto à instituição, ao campo em que o grupo está inserido e com o qual está interagindo (Aun, 2005). A primeira vez que o termo “cartografia” apareceu na literatura referente ao Plantão Psicológico foi em um texto de Morato (1999a), onde ela, respaldada por Rolnik, escreveu:

A cartografia surge como um método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes e suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles. A cartografia se faz ao mesmo tempo que o território. Ela

acompanha a transformação da paisagem, nascendo da geografia dos movimentos da terra, imperceptíveis ao olho (p. 62).

É interessante como a cartografia não só detecta e descreve o território, suas características e possíveis obstáculos, mas gera frutos – as vias de passagem – de modo a evidenciar o retorno propiciado por ela. Além disso, a cartografia, para acontecer, precisa acompanhar os movimentos que não se mostram por si mesmos, mas através dos seus efeitos. À luz de tais características, fica claro como a função cartográfica do serviço sempre esteve presente durante toda a história do Plantão Psicológico na UFMG, seja nos anos já narrados até aqui seja naqueles que ainda serão narrados neste capítulo. Por exemplo, os plantonistas das escolas se mantiveram atentos às demandas dos alunos – além daquelas ditas pelos professores – bem como observavam o clima da escola e as demandas que surgiam implicitamente por meio do movimento das pessoas dentro da instituição de ensino.

Nessa escola em Belo Horizonte, teve até uma questão curiosa. No segundo semestre, mudaram a sala do plantão, e ninguém queria procurar mais porque tinha que passar pela janela de uma outra sala para chegar no plantão, e as pessoas começaram a ficar constrangidas de serem vistas indo para o Plantão. A gente botou um cartaz: 10 maneiras de ir no plantão passando pela janela da sala tal sem ser notado. E deixamos lá até um arbusto. Tipo assim: pegue o plantão, bota na frente da sua cabeça e vai passando pela janela, e aí voltou o número de atendimento porque as pessoas acharam divertido pegar aquela planta para passar. [D.]

Esse cuidado constante com o que estava acontecendo no contexto em que o Plantão estava inserido, e não apenas com as demandas do diretor ou dos professores, vai ao encontro do que Aun e Morato alegam:

A prática psicológica em instituições demanda não se iniciar por uma cartografia, mas manter-se cartógrafo e, ao mesmo tempo em que inventa territórios, amplia seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional e, em geral, ocupando nela um lugar gerencial, abrindo brechas para que essa queixa primeira emergja por entre

todos que constituem e são constituídos pela organização social, fazendo-se urgência demandatória de cada sujeito social (Aun & Morato, 2022, p. 135).

Diante do exposto, ao retomar a experiência do Plantão Psicológico para intercambistas na UFMG, salta aos olhos a discrepância entre a empolgação da instituição com a ideia do serviço e o que de fato aconteceu na prática. Ou seja, foi preciso ampliar o olhar e fazer uma intervenção para além do que se mostrou inicialmente.

Eles [os alunos estrangeiros] de fato precisam de uma ancoragem, que eles procuram muito a Diretoria de Relações Internacionais como âncora para eles, e lá não é o lugar pra isso, então fica meio... Isso acabou gerando outras formas. Atualmente, a Diretoria de Relações Internacionais propõe que cada estrangeiro tenha duas pessoas da UFMG que dispõem a... (...) e que já escrevem para eles desde antes. Então, de alguma maneira, o serviço ajudou a repensar a necessidade e fazer outras formas de assessoria que não exatamente o Plantão Psicológico específico pros alunos. E essa é uma questão que sempre foi importante. Essa coisa de que você trabalha mais com a instituição, você acaba podendo dar *feedback* para essa instituição. [Mahfoud]

Em paralelo a isso, no segundo semestre de 2004, Mahfoud ofereceu uma disciplina na graduação sobre Experiência Elementar que teve um impacto muito grande nos alunos. Eles solicitaram ao professor que continuasse a instruí-los sobre o tema. Assim sendo, no primeiro semestre de 2005, ele ofertou uma matéria dando continuidade ao semestre anterior. Novamente, os alunos se engajaram e solicitaram, então, que fosse ofertado também algum estágio ou uma experiência prática na perspectiva da Experiência Elementar. Perante tamanho interesse, em 2006, o Plantão Psicológico passou a se articular com a formação elementar<sup>11</sup>. O estágio que se chamava “Aconselhamento Escolar: Plantão Psicológico” passou a “Plantão Psicológico: Experiência Elementar”. Mahfoud não tinha a intenção de fazer um

---

<sup>11</sup> Sobre a articulação da proposta de Plantão Psicológico ao conceito de experiência elementar, ver Mahfoud (2013; 2018).

estágio muito teórico, pois o que estava em jogo continuava sendo a disponibilidade dos alunos para o encontro. Para ele, a Experiência Elementar era um pano de fundo que potencializava as supervisões e os desafios encontrados nos atendimentos à medida que contribuía para a percepção de pessoa, de mundo e de experiência. Ou seja, no segundo semestre de 2005, não houve Plantão Psicológico na UFMG, e o serviço foi reinaugurado no início de 2006<sup>12</sup>, aberto a toda comunidade, articulado à Experiência Elementar e sediado no SPA, um espaço clínico. Essa passagem para o serviço-escola não aconteceu sem ressalvas e preocupações.

Pensar na UFMG é muito mais difícil [que pensar em uma outra instituição mais delimitada, como as escolas] porque a UFMG é um *campus* muito grande, uma instituição grande demais. Eu, na verdade, não queria fazer no SPA. Minha proposta é que a gente fizesse na biblioteca. Minha proposta é que o atendimento fosse no espaço de vida do aluno, do professor, não no espaço clínico; mas a gente não conseguiu espaço estável... [Mahfoud]

A mudança do público ao qual o serviço era dedicado gerou, conseqüentemente, mudanças na divulgação do Plantão Psicológico. As primeiras semanas do estágio continuavam sendo o momento em que se definiam as formas de divulgação daquele semestre, e toda a equipe se manteve comprometida a estar atenta às necessidades das pessoas que poderiam ser atendidas, atentando-se, assim, também às demandas que surgiam na instituição. A divulgação sempre partia da singularidade dos plantonistas e do que eles percebiam como demanda do seu público. No entanto, a comunidade interna da UFMG era mais diversificada e significativamente maior que as das instituições anteriores. Então, os estagiários precisavam contemplar os alunos, os professores e os funcionários de todas as faculdades, inclusive aquelas fora do campus da Pampulha.

---

<sup>12</sup> Em capítulo no qual menciona o Plantão Psicológico na UFMG, Mahfoud (2013, p. 44) narra que “Na Universidade Federal de Minas Gerais, há um Serviço de Plantão Psicológico dirigido à comunidade interna à universidade, desde 2007, aberto de 8h00 às 18h00 de segunda a sexta-feira. É interessante notar que algumas pessoas podem procurar o Serviço acentuando a comodidade do local próximo, o preço simbólico etc.” Nas entrevistas, foi mencionado o ano de 2006 como início do serviço. Como nossa pesquisa procura a história e a memória do serviço, esta discrepância não é importante. Ela poderia ser resolvida buscando nos arquivos do SPA a data de início do serviço tal como consta lá.



Então, antes de retomar [os atendimentos do Plantão Psicológico], a gente discutia tudo isso, preparava essas divulgações e divulgava. E, para a divulgação, eu sempre entendi que era o momento de discutir o que é o Plantão. Nós estamos disponíveis para quê? Que imagem de Plantão a gente está dando com certa frase? Então, certas frases entravam e certas frases não. Quer dizer, a gente vinha meio (problema no áudio) a coisa. Isso significava formar o grupo, entender mais o que é o Plantão, entender que a gente não estava lá para qualquer coisa, se preparar para dar uma cara nossa, de se apresentar. Dava vontade de ir logo começar a atender; aí a gente divulga e começa. No começo, essa coisa da divulgação ... A gente ficou muito em cima dessa coisa dos cartazes e depois foi ampliando. A gente sempre teve muita atenção de ter divulgação em todos os prédios, em todos os institutos; alguém que leva inclusive para os *campus* fora do *campus* da Pampulha. A gente ficou sempre atento em fazer divulgação no espaço dos funcionários, então tem uma associação dos funcionários, um bar dos funcionários. A gente levava os cartazes lá. (...) Se a gente percebia que tinha algum tipo de interrogação, de senão, de dúvida ou de questionamento, a gente tentava fazer uma divulgação mirando isto. E, frequentemente, aparecia algum funcionário se dizendo surpreso que o Plantão era também para os funcionários, que a compreensão que os funcionários têm é que a universidade vive para os alunos, e eles estão lá para acontecer as coisas para os alunos. Não é um espaço para eles. A universidade não é um espaço para eles. (...) Então, a gente, quando algum aluno percebia que tinha essa questão, a gente podia prestar atenção nisso, fazer alguma divulgação que tivesse a ver com eles, dizer que a universidade é um espaço deles também, que ele pode ter esse espaço para ele aqui. (...) Isso foi muito importante porque a gente foi procurado por pessoas de diversos campos, de professores, funcionários e alunos. Então, a panfletagem tinha essa intenção também de sintonizar com esses diferentes públicos à medida que a gente percebia... [Mahfoud]

Era cobrado um valor simbólico de R\$1,00 por cada atendimento. A precificação e a cobrança diziam muito mais de um cuidado para com a formação dos

alunos em profissionais que cobram pelo seu trabalho do que de uma necessidade financeira do serviço ou da instituição.

Primeiro, eu pensava em fazer gratuito, que eu achava importante, como serviço público, que fosse gratuito, mas eu também não queria ficar totalmente fora da instituição em que a gente estava. Aquela questão ... que precisa estar sintonizado com a instituição que a gente se coloca, né? (...) E o SPA tem essa tradição de cobrança de uma taxa mínima para quem não pode e tal. Então, eu fiz uma coisa meio intermediária: vamos fazer a questão da cobrança. Eu também vi que era uma coisa muito difícil para os alunos, era muito difícil cobrar. (...) Então eu achava que, de alguma forma, a gente precisava enfrentar isso. A gente tem que aprender a cobrar e tem que aprender que o dinheiro faz parte do processo e que isso é uma conversa profissional. A gente está ali, é uma disponibilidade humana e pessoal e tal, mas é uma atividade profissional, né? (...) Então, por ser algo importante para estabelecer a relação e ajudar o estagiário a lidar com isso, eu quis que ficasse como... que o recebimento fosse com o próprio aluno, e não com a secretária, para isso ter uma formação. [Mahfoud]

Os atendimentos eram oferecidos de segunda a sexta, de manhã, à tarde e à noite, no SPA, no prédio da FAFICH. Qualquer pessoa da comunidade da UFMG podia buscá-lo, quando quisesse e sem a necessidade de agendamento prévio. Como não se marcava o horário, não era possível definir quantas pessoas viriam em cada momento, muito menos quando elas seriam atendidas. Ressalta-se que os atendimentos também não tinham duração definida previamente. Portanto, as pessoas que buscavam o Plantão Psicológico deveriam esperar na sala de espera do serviço-escola até serem chamadas, sendo que elas poderiam, inclusive, não serem atendidas. O coordenador tranquilizava os alunos em relação àqueles que iam embora sem terem sido acolhidos, ensinando que a própria busca por ajuda psicológica já era um movimento de cuidado para com eles mesmo muito significativo.

Alguns horários tinham mais demanda. Aqueles horários que eram mais próximos do almoço ou mais próximos do final da tarde, as pessoas

costumavam procurar mais. Acho que por uma questão da rotina, da rotina acadêmica. (...) Essas pessoas comunicavam que elas iam, que elas estavam buscando o Plantão e elas eram então direcionadas para aquela sala de espera e, aí, elas faziam uma certa sequência, como se fosse uma fila de espera ali. Cada um sabia a ordem que tinha chegado, e elas ficavam ali esperando dentro dessa sala. Então o que a gente fazia? A gente simplesmente chegava lá e perguntava quem era o próximo a ser atendido no Plantão. E aí a pessoa já sabia que era ela. Aí tinha pessoas que já estavam esperando há muuuuito tempo, que ficavam lá esperando muito tempo, tipo 3 horas nessa espera. Tinha pessoas que esperavam o tempo que conseguiam e iam embora porque não conseguiam esperar mais. Mas a gente tinha ... Assim ... É o que eu te falei: essa certeza que aquela espera não era em vão, que aquela pessoa estava podendo levantar, colocar em questão o que estava mobilizando ela. (...) Aquele momento, ainda sim, era muito frutífero, era muito rico para ela ela saber que estava fazendo aquilo por ela. Ela estava tendo um cuidado com ela mesma porque isso é uma das coisas que o Plantão enfatiza: “Olha, isso que você está fazendo é um cuidado com você mesmo”. Então ela estava cuidando dela ali naquela sala de espera. (...) Então esse espaço da sala de espera também tem uma significância. Ele também tem um significado ali ... Todo esse desdobramento. É só que, assim, lá na FAFICH, era uma sala, né? Toda organizada, assim, as cadeiras ficavam (não sei se é assim hoje ainda), mas elas ficavam nos cantos das paredes, como se as cadeiras circulassem a parede assim<sup>13</sup>. Algumas pessoas, às vezes, esperavam deitadas no chão. Acho que eles se relaxavam muito para aquele momento. Tinha pessoas que, às vezes, a gente chegava lá e a pessoa estava estudando. Algumas pessoas, às vezes, estavam dormindo; outras pessoas estavam pensando. Cada uma tinha uma forma de lidar com aquela espera. Cada uma tinha uma forma de lidar com aquele momento ali que estava antecedido ao atendimento. [J.M.]

O compromisso do Plantão Psicológico, enquanto serviço, era que qualquer pessoa que fizesse parte da comunidade da UFMG pudesse procurar atendimento de segunda a sexta, de 08h até às 19h. Isto implicava ser necessário que, durante esse

---

<sup>13</sup> A sala de espera do SPA ainda é assim.

período, sempre houvesse um plantonista de prontidão para o caso de alguém aparecer. Para isso, os estagiários se dividiam para cobrir todas essas horas semanais.

O professor Miguel, não sei se é assim hoje, estou falando da minha experiência, de que tivesse alguém no atendimento durante todo o horário em que ele tinha sido disponibilizado. Então a gente fazia blocos de horários de acordo com a nossa disponibilidade. E aí a gente tinha que dar conta. A turma tinha que dar conta de cobrir aqueles horários de segunda a sexta. Não poderia ficar nenhum horário sem a sala estar funcionando. [J.M.]

Com essa divisão de horário, os plantonistas não trabalhavam juntos e, portanto, não se encontravam durante o Plantão Psicológico. O que acontecia era que quem estivesse saindo da sala encontrava com quem estivesse chegando para assumir o posto de prontidão. Contudo, eram momentos muito breves nos quais surgiam comentários rápidos, às vezes, sobre o dia estar mais tranquilo ou não, às vezes, sobre o espaço físico da sala. Não dava tempo de conversas mais longas ou mais profundas. Diante disso, o momento de reunião de toda turma junto com o orientador eram as supervisões semanais. Logo, esses momentos eram essenciais para a troca de experiências entre todos. Nesses encontros, os alunos eram orientados e também eram acolhidos nas suas expectativas frustradas, nos desafios da semana e nas surpresas que pudessem ter vivido nos atendimentos.

Então, a gente [os plantonistas] não tinha muita oportunidade de conversar porque era muito rápida a rotina, era muito rápida nesses momentos de troca. (...) A gente conversava mais nas supervisões. Na verdade, a gente ouvia mais um ao outro nas supervisões porque era o espaço que a gente tinha mais disponível de tempo (...) Cada supervisão, uma pessoa trazia um caso, e, em cima daquele caso, a gente ia tirando os pontos essenciais para o atendimento, para aquele atendimento acontecer. Era como se um caso ensinasse para todos os outros. [J.M.]

Sendo a proposta do Plantão Psicológico da UFMG atendimentos únicos e imediatos à procura, não era planejado o acompanhamento prolongado daqueles que tivessem sido atendidos. Eles até poderiam, eventualmente, retornar a buscar aquela ajuda psicológica, mas não existia marcação prévia para esse retorno. Diante disso, os plantonistas podiam encaminhar para a psicoterapia aquelas pessoas que eles julgassem que precisavam de um acompanhamento psicológico a longo prazo ou, ainda, sugerir que voltassem, caso quisessem, a procurar o serviço novamente.

Quando a gente identificava que a pessoa precisava de um atendimento continuado, que era algo mais... que já estava ali reverberando de uma forma mais intensa na saúde daquela pessoa, a gente tinha uma ficha de psicólogos que eram ali formados junto aos professores da FAFICH (...) Que essas pessoas (...) A gente passava esses contatos para as pessoas para que elas tivessem a oportunidade de serem atendidas em uma psicoterapia... E, além disso, quando a pessoa também despertava vontade de continuar cuidando de algo que ainda não ficou cuidado naquele atendimento, ela poderia voltar, voltar quantas vezes ela quisesse. Ela não tinha como agendar o horário e ela não tinha como escolher a pessoa, mas ela poderia voltar ao Plantão quando, às vezes, ela quisesse continuar elaborando. [J.M.]

O modo de ver a pessoa que procurava o atendimento era um dos fundamentos ensinados para os plantonistas assim como a abertura para se encontrar com essa pessoa que poderia vir a aparecer. Por outro lado, era assegurada a autonomia deles em relação ao cuidado da sala e com a sua própria aparência, embora fossem orientados a sempre estarem voltados ao cuidado com o outro.

E era muito legal quando o professor Miguel dava uma autonomia para a gente, sabe? Enquanto plantonista, assim, de cuidar do espaço, era muito legal isso. Ele fala que a gente poderia trazer uma... um rosto para o espaço que fosse nosso. E aí a gente poderia mexer nele como a gente quisesse. [J.M.]

Ah, e uma coisa que ele falava que era muuuito bacana é ... Foram duas coisas que me chamaram muita atenção... Que ele falava que o cuidado que a gente tinha com o paciente na nossa forma de estar lá, como a gente gostaria

de cuidar dele com a nossa aparência. Isso era muito interessante dele falar isso. Como você acha que você vai estar cuidando daquela pessoa visualmente? Ele não falava como você tinha que ir, mas ele falava “como você quer cuidar dessa pessoa” com o que ela está vendo de você. E outra coisa que dizia... Ele falava assim “olha, esteja esperando a pessoa que vai chegar. Quando a pessoa não estiver lá, não esteja fazendo outra coisa, mas esteja esperando”. Já sustenta a abertura para aquela pessoa que vai chegar porque é aquilo que eu falei, essa entrega no atendimento, ela era ... ela tinha que ser muito intensa. [J.M.]

Outro ponto importante a ser evidenciado é o espaço físico onde acontecia o Plantão Psicológico. Já foi dito que ele acontecia no serviço-escola de Psicologia, na FAFICH. Como é de costume em instituições públicas, nem sempre o espaço físico atende às demandas das atividades que ali acontecem. Nesse sentido, não foi diferente com o Plantão Psicológico. Em um primeiro momento, a sala que foi disponibilizada para que os atendimentos de Plantão Psicológico acontecessem era inadequada. Era uma sala muito grande, desproporcional para um atendimento individual. Além disso, era muito bagunçada, rodeada de armários. Ressalta-se que, em um espaço público como a universidade, não se pode retirar móveis dos ambientes sem passar por um processo burocrático, solicitando essa retirada.

Era uma sala que estava lá abandonada, que era um monte de armário de professores que se afastaram, morreram ou foram embora, que estavam lá, um amontoado de coisas. Alguns eles tiraram. Alguns encostaram nas paredes e ficaram lá. E, aquela sala bagunçada, a gente resolveu transformar num espaço que fosse de verdade, um espaço nosso. [...] Assim, em um contexto totalmente desfavorável, mas com esse desafio que a gente assumiu desde sempre, mas esse aqui vai se tornar o nosso espaço. A gente vai cuidar dele para ele se tornar um espaço nosso. [Mahfoud]

Nenhuma das características físicas desfavoráveis da sala impediu o cuidado com ela nem impossibilitou os vários encontros genuínos que ali aconteceram. Aliás, a falta de espaço ou condições consideradas inadequadas nunca foram razões para

impedir a realização de um bom atendimento de Plantão Psicológico nem obstáculo para o cuidado para com esse encontro. Lembro-me com clareza do meu primeiro atendimento como plantonista, em junho de 2019. Ele começou no banheiro feminino da faculdade, o mais próximo do nosso serviço-escola! Segundo Rosenberg (1987), o Plantão Psicológico na USP começou nos bancos da faculdade, com atendimentos realizados pelos alunos de Oswaldo de Barros<sup>14</sup>. Posto tudo isso, espaços não considerados apropriados parecem fazer parte da história do Plantão Psicológico desde os seus primórdios. Revisitando a história contada por Rosenberg,

Até 1966, o sólido prédio da Faculdade, na Rua Maria Antônia, abrigava de vez em quando, nos bancos dos saguões, estas estranhas duplas [plantonista e cliente]. Elas conseguiram isolar-se do mundo a sua volta para, ali mesmo, viverem suas angústias e acertos de cliente e conselheiro, na medida em que não havia local próprio assegurado para tais encontros (Rosenberg, 1987, p. 2-3).

Voltando à nossa linha do tempo, em 2006, a primeira sala do Plantão Psicológico coordenado por Mahfoud, nas dependências do SPA, era alvo de atenção e cuidado da equipe de plantonistas. Independentemente de como ela era, o esforço era sempre de torná-la expressão da personalidade dos estagiários.

Ela [a sala] está sem pintar como as outras, no mesmo espaço pichado, mas ela é diferente. A quantidade de gente que para na frente da porta e pergunta: 'mas o que é aqui que é diferente?' E é diferente do quê? Tem personalidade. Não é um espaço genérico como tudo ali. É um espaço que tem personalidade pré-estabelecida do Plantão Psicológico. É a personalidade de quem está usando aquela sala nesse semestre... é superbacana. (...) Cada semestre, alguém leva um enfeitizinho que gosta, que é significativo para si. (...) Ter o cuidado de ter água, o cuidado de ter um lenço para quem chorar, o cuidado de que esteja arrumado, que a cadeira esteja no lugar e não de qualquer jeito.

---

<sup>14</sup> Oswaldo de Barros, junto de Rachel Rosenberg, foi um dos percursores do Plantão Psicológico um vez que ambos criaram o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP/IPUSP) no curso de psicologia, em 1969. (Morato, 2022)

Isso torna o ambiente humano e a pessoa, quando chega, ela sente que está sendo esperada. [Mahfoud]

Em 2011, um dos professores do departamento de Psicologia propôs uma troca de salas. Ele estava com uma sala muito pequena para o que precisava e o Plantão, em uma sala excessivamente grande. A troca foi prontamente aceita. Na sala nova, a monitora da época tomou a frente da reforma e foi descobrindo recursos institucionais para fazê-la. Ela conseguiu pintar as paredes, escolher os móveis e reformá-los. Outro aluno se dispôs a pintar uma árvore, em uma das paredes da sala, que acabou se tornando o pano de fundo de muitas fotos de equipe, além de um símbolo para o Plantão Psicológico da UFMG. Quando tudo estava pronto, houve até uma inauguração da sala. Todos os ex-plantonistas foram convidados a participar.

O Plantão Psicológico sob orientação do professor Miguel Mahfoud seguiu acontecendo nesta nova sala e nos moldes apresentados anteriormente até a saída do professor da universidade, após sua aposentadoria. Além dos atendimentos, o Plantão Psicológico também era chamado para participar de outros eventos e atividades na universidade.

Muitas vezes, nós [Plantão Psicológico] fomos chamados para conversar sobre o que estava acontecendo por convite da pró-reitoria de extensão, da pró-reitoria de relações internacionais<sup>15</sup>. A gente conversava sobre a diferença dos alunos, mas também sobre muitas iniciativas de institutos, de faculdades... A Química chamou a gente várias vezes para conversar sobre as relações entre eles, para conversar sobre as tensões que eles vivem, das dificuldades, do perigo do trabalho, do perigo cotidiano do trabalho nos laboratórios. Trabalhar com química é uma coisa muito arriscada, então eles têm problemas muito específicos (...) O pessoal da Biologia chamou a gente várias vezes para conversar, pessoal da pós-graduação da Biologia, e isso envolvia alguns alunos da graduação. Um grupo de estudantes de Engenharia chamava várias vezes para ter um momento de recepção dos calouros, que a gente estivesse presente em uma série de temas que eles levantam como importantes, que eles pediam ajuda. [Mahfoud]

---

<sup>15</sup> Mahfoud se refere aqui à Diretoria de Relações Internacionais.



Sinal desse reconhecimento institucional foi a publicação, em 2016, do relatório da Comissão Interna de Saúde Mental (CISME) da UFMG, no qual o serviço de Plantão Psicológico figura como importante dispositivo da UFMG no cuidado com a saúde mental da comunidade universitária. Nas palavras escritas no relatório: "... do Plantão Psicológico da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, FAFICH, que foi apontado como referência para encaminhamento de estudantes em sofrimento" (CISME, 2016, p.22).

Logo, a despeito de qualquer uma das ressalvas que Mahfoud pudesse ter ao expandir o serviço para toda a comunidade da UFMG, o serviço fez muita diferença na universidade. Isso, inclusive, chegou a surpreendê-lo. Ao falar sobre a sua saída da UFMG, ele disse o quanto tinha confiança no resultado do Plantão Psicológico e como foi possível dar muita assessoria para a instituição, apesar do seu tamanho. A contribuição foi muito maior do que a que ele imaginou que seria possível.

Ao contar essa história, tanto aquilo que narrou sobre a década de 1980 quanto sobre o ano 2016, Mahfoud apontou para uma mesma emoção: a surpresa. Ao falar dos primeiros anos trabalhando como plantonista, bem como ao falar do seu último ano como coordenador de um serviço de Plantão Psicológico, depois de quase 40 anos trabalhando e estudando sobre isso, ele mencionou como foi surpreendido pelos efeitos e pelo resultado dos atendimentos do Plantão Psicológico.

Após a aposentadoria de Miguel Mahfoud e sua consequente saída da universidade, houve um período, do final de 2016 até junho de 2019, sem o serviço de Plantão Psicológico na UFMG. Sua falta foi sentida tanto pelas pessoas que poderiam vir a procurar o serviço quanto pelos alunos do curso de Psicologia, que não tinham mais a possibilidade de ter essa experiência prática. Nas primeiras três vagas que foram abertas para novos professores, após a interrupção do serviço, foi decidido, em assembleia, que uma delas seria destinada à reabertura do Plantão Psicológico. O concurso aconteceu, e a entrada do novo professor, Paulo Evangelista, ocorreu em março de 2019. Alguns meses depois, em julho, aconteceu a reabertura do Plantão Psicológico sob sua coordenação.

De 2019 a 2021, o Plantão Psicológico passou por mudanças significativas motivadas pelo início da pandemia mundial do COVID-19: a interrupção abrupta das atividades presenciais (março de 2020 a agosto de 2020), o retorno das aulas por

meio do ensino remoto emergencial (agosto de 2020 a outubro de 2021) e, em seguida, o ensino híbrido emergencial (desde outubro de 2021). Atualmente, em janeiro de 2022, discute-se a retomada do ensino presencial, ainda sem uma data definida. Diante o exposto, fica claro o contexto instável e de incertezas que dá fundo a esse novo período da história do Plantão Psicológico. Contudo, o serviço se manteve sempre disponível para a comunidade interna da UFMG, cumprindo o seu papel de oferecer suporte e ajuda psicológica para alunos, professores e funcionários. Apesar do cenário desafiante, a capacidade plástica do serviço permitiu as suas rápidas adaptações e a continuação das suas atividades, mesmo que no ambiente *on-line*.

Como escrevi na introdução deste trabalho, o Plantão Psicológico apareceu na minha vida logo quando entrei na faculdade, em 2014. No entanto, foi neste recomeço, em 2019, quando me tornei plantonista, que comecei a fazer parte dessa história enquanto atriz/autora/agente assim como guardiã dela. Lembro-me do primeiro encontro do grupo. Teoricamente, seria uma reunião antes dos atendimentos começarem para nós nos conhecermos e pensarmos juntos sobre a reinauguração do serviço. Teoricamente porque, a certa altura da reunião, a secretária do SPA nos procurou para informar que havia chegado uma pessoa procurando o Plantão. Como deve-se imaginar, foi uma surpresa para todos nós, pois não havíamos feito nenhuma divulgação. Até então, o serviço, oficialmente, ainda estava suspenso. Aquela pessoa que nos procurava foi atendida e contou que já havia procurado o Plantão anos antes. Ou seja, ela não sabia sobre a interrupção do serviço e estava em busca de atendimento, pois conhecia o Plantão Psicológico da época em que o professor Miguel Mahfoud ainda era o coordenador. A sensação que dava era a de que, para a comunidade, o Plantão Psicológico não havia mudado, continuava o mesmo, embora, para o coordenador e para os alunos de Psicologia, parecesse um outro serviço devido às diferenças entre eles.

Neste reinício, colocamos um cartaz na parede ao lado do SPA com as informações sobre horário de funcionamento do serviço e nos propusemos a recuperar a página que já existia do Plantão Psicológico no Facebook. Apesar das várias mensagens que mandamos, nunca éramos respondidos. Então me lembrei de uma amiga que havia sido plantonista na última turma, anterior à interrupção do serviço. Sem demora, entrei em contato com ela e resgatamos o acesso à página.

Realmente, ela não estava visualizando as nossas mensagens. Inclusive, essa amiga foi uma das participantes dessa pesquisa, a J.M.

A nossa divulgação sempre foi predominantemente *on-line*, através das redes sociais (Facebook e Instagram), de e-mails enviados para os alunos e também por meio do *site* da universidade. Ressalta-se que, se uma pessoa procurar no Google algo parecido com “psicólogo na UFMG”, as informações sobre o Plantão Psicológico aparecem dentre os primeiros *links*. De maneira geral, as principais divulgações acontecem no dia anterior aos atendimentos ou na parte da manhã, algumas horas antes de abrimos para as inscrições. A cada semana, um dos plantonistas faz uma arte para postarmos no Instagram e compartilharmos entre os grupos do WhatsApp da universidade. Essa arte sempre tem uma ilustração de uma árvore ao fundo, como bem lembra Cardoso (2021), e sempre temos o cuidado de colocar a logo<sup>16</sup> que fizemos para o Plantão Psicológico.

Retomemos, então, a nossa linha histórica. Após essa primeira reunião e primeiro atendimento, anunciamos no Facebook a volta do Plantão Psicológico e anexamos o cartaz ao lado da secretaria do SPA. Ainda, os funcionários do SPA já começaram a direcionar as pessoas que procuravam atendimento para nós. Assim, começamos oficialmente a atender em julho de 2019. Os atendimentos eram oferecidos para a comunidade interna da UFMG, às quintas-feiras, de 13h a 16h, sendo que a ficha de inscrição ficava disponível para ser preenchida de 12h30 a 14h30. Essa diferença de horário se devia ao tempo necessário para garantir que todos que se inscrevessem fossem atendidos naquele mesmo dia. Os atendimentos aconteciam em várias salas do SPA, concomitantemente. Oficialmente, o SPA reservou duas de suas salas para nós, além da sala que já era do Plantão Psicológico, aquela que foi inaugurada em 2011. No entanto, dada a importância do serviço para o SPA e a alta procura por ele, os atendimentos poderiam acontecer em qualquer sala que tivesse disponível naquele momento. Como a equipe era composta por 12 estudantes, era possível realizar 6 atendimentos ao mesmo tempo, o que ocorreu várias vezes.

Todos os plantonistas ficavam reunidos em uma sala, juntamente com o coordenador-supervisor. As pessoas que chegavam à procura do Plantão Psicológico eram encaminhadas para a sala de espera. A inscrição era feita pela própria pessoa

---

<sup>16</sup> A logomarca criada para o Plantão Psicológico está como Anexo E neste trabalho.

que buscava o serviço. Ela devia preencher uma filipeta, de acordo com a ordem de sua chegada, em uma folha<sup>17</sup> que ficava disponível em uma prancheta, sob a mesa da sala de espera. A cada 15 minutos, aproximadamente, um dos plantonistas buscava as filipetas preenchidas e, em seguida, levava-as até o restante da equipe para decidirmos quem iria atender.

À medida que iam chegando as solicitações de atendimentos, uma dupla de plantonistas se prontificava a atender. Destaca-se que os atendimentos eram realizados em dupla (Cardoso, 2021), o que foi algo inédito na UFMG e causou certo estranhamento nos alunos que nunca tinham ouvido falar em atendimento psicológico em dupla. No entanto, isso não era inédito na história do Plantão Psicológico. O professor Paulo Evangelista, que havia assumido a coordenação do serviço, já tinha tido tal experiência no Plantão Psicológico do LEFE da USP quanto plantonista. Nunes (2015), também plantonista do LEFE, dedicou seu doutorado a discorrer sobre esses atendimentos de Plantão Psicológico, tendo em vista a formação dos alunos.

A formação das duplas era livre, embora tentássemos sempre manter um aluno mais experiente com um menos experiente e dar preferência para duplas de homens e mulheres. Se o cliente era um homem, o esforço era dobrado para não ir apenas mulheres por um cuidado conosco. Ademais, esperava-se que a presença de um homem e de uma mulher pudesse enriquecer o atendimento para o cliente também. A única regra era que as duplas não poderiam se repetir com um mesmo cliente, caso este voltasse a procurar o serviço. Essa regra tinha o objetivo (e ainda tem visto que ela ainda existe) de preservar o caráter do Plantão Psicológico como atendimento único, de modo que o vínculo do cliente deve permanecer com o serviço e não com plantonistas específicos.

Uma vez definido quem iria atender, a dupla de plantonistas verificava a disponibilidade das salas, pegava a chave daquela que estivesse disponível no momento, conferia se ela estava pronta, limpa e organizada para o atendimento. Ressalta-se que era combinado que os plantonistas não ficassem juntos, lado a lado, de frente ao cliente. Deveríamos sempre manter uma disposição triangular dos assentos de forma que criasse uma atmosfera de conversa mais livre, sem essa dualidade dos plantonistas de um lado e a pessoa do outro. Sala devidamente

---

<sup>17</sup> Cópia desta Ficha de Inscrição encontra-se no Anexo F.

arrumada, finalmente, chamava-se, pelo nome, a próxima pessoa a ser atendida. A dupla se apresentava e, então, seguiam todos juntos para a sala.

Essa caminhada era assunto recorrente de supervisão. Ninguém parecia ter certeza do que fazer até lá: manter silêncio, o que muitas vezes era desconfortável, ou puxar algum assunto e deixar o clima mais leve? Em uma das nossas conversas sobre isso, refletimos juntos o quanto esse momento já fazia parte do atendimento e poderia, inclusive, potencializá-lo. Lembro-me de que, em uma dessas discussões, a professora Claudia Lins apresentou o conceito de “vazio fértil”, cunhado pelo gestalt-terapeuta Perls, que trabalha justamente a ideia de que o vazio – o silêncio dessas caminhadas – poderia ser a origem, o que daria espaço para que o novo aparecesse nas sessões. Nas palavras de Van Dusen (1977), "o vazio é o centro e o coração da mudança terapêutica" (p. 123).

As supervisões aconteciam durante o próprio atendimento, chamadas de supervisão de meio. Nunes (2015) explica que são "interrupções breves durante o atendimento, nas quais a dupla de estagiários troca impressões e retorna para dar continuidade à situação" (p. 83). Assim, a dupla de plantonistas pedia à pessoa que estava sendo atendida para aguardar alguns minutos enquanto se reunia com o professor/supervisor. Após a supervisão, os plantonistas voltavam à sala, davam continuidade ao atendimento, perguntando como tinham sido aqueles minutos de espera; faziam as considerações refletidas na supervisão e, por fim, encerravam-no (Cardoso, 2020; Cardoso, 2021). Depois que os atendimentos tinham sido encerrados, os plantonistas, junto ao orientador, tinham a oportunidade de conversarem sobre as pessoas atendidas naquele dia.

Mesmo os alunos que não tinham tido a oportunidade de atender naquela semana tinham a oportunidade de aprender muito uma vez que acompanhavam o acontecer dos atendimentos ao vivo, tanto participando da supervisão de meio quanto da discussão final, quando ficavam sabendo do desdobramento, após o retorno da dupla.

O clima de ficarmos todos reunidos, naquela sala, de prontidão, era uma delícia. Nós ficávamos sentados ao redor de uma mesa grande, que era sempre abastecida de balas; às vezes, Halls e, outras vezes, balas macias. Tinha uma atmosfera de partilha não só das balas, mas das dúvidas, angústias, reflexões. O sentimento de equipe e de pertencimento estava sempre presente. Depois de uma

supervisão de meio, quando dava tempo, continuávamos a discutir o que aquele relato tinha suscitado em nós e era muito interessante quando os plantonistas retornavam e relatavam como se deu o final daquele atendimento. Além do sentimento gostoso de equipe e de troca, aquele momento era uma fonte de aprendizado inesgotável.

Se, para os plantonistas de Miguel Mahfoud (depois de 2011), a sala do Plantão Psicológico era aquela que tinha a árvore pintada na parede, onde cada um deles, no seu horário, semanalmente, ficava ali de prontidão, para nós, plantonistas coordenados pelo Paulo Evangelista, a sala do Plantão Psicológico sempre foi a 2018 da FAFICH, a sala da mesa grande, onde ficávamos sempre reunidos. Bosi (2003), quando fala sobre os objetos bibliográficos, retoma a descrição dos interiores dos lares burgueses de Benjamin para evidenciar como a decoração de um lar nos seus mais mínimos e íntimos detalhes diz de um mundo acolhedor e familiar que protege do mundo alienado e hostil de fora. Quanto mais um objeto bibliográfico é usado, mais vai se desgastando e vai também se moldando àqueles que o usam. Assim, eles vão se tornando parte daquele cotidiano. Muito além da sua estética ou da sua utilidade, esses objetos vão dando aderência a uma identidade e concretizando uma certa posição em relação ao mundo, antes estranho. Nesse sentido, “a ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade, e é um elo familiar com o passado” (Bosi, 2003, p. 26). Todas essas coisas que vamos moldando ao longo de nossa vida, ao mesmo tempo em que preservam sua alteridade, também pegam para si algo do que fomos um dia. Para mim, mesmo depois de dois anos no modo *on-line*, o Plantão Psicológico remete àquela sala, à mesa de reunião grande, rodeada de várias cadeiras, e à pasta com as fichas de cadastro ao centro, junto ao pacotinho de bala Halls. Aquela sala, com aquela disposição dos móveis, é tão familiar, tão aconchegante, tão segura, considerando o desconhecido e imprevisível que envolve o nosso serviço.

A primeira coisa que vem na cabeça é que eu fico meio saudosos dos bons velhos tempos, da época, daquilo que a gente sempre fala: da mesa, do Paulo botando balinha na mesa, essas coisas assim. (...) Eu nem lembro mais o número da sala... 2018! Eu acho que é 2018 a sala do Plantão. [L.]

Em função da intensa procura, em setembro de 2019, o coordenador Paulo Evangelista convidou a professora Claudia Lins para ser co-coordenadora do projeto

de extensão. Ao se prontificar para a tarefa, ela passou a participar do Plantão Psicológico às quintas-feiras até o ano acabar. Em 2020, o serviço começou a disponibilizar atendimento em dois dias da semana: às terças-feiras e às quintas-feiras, no mesmo horário de antes. Às terças-feiras, sob a supervisão da professora Claudia Lins, na perspectiva da Gestalt-terapia; às quintas-feiras, sob orientação do professor Paulo Evangelista, na perspectiva da Daseinsanalyse.

Vale destacar a variedade de abordagens presente nessa história. Primeiro, Mahfoud começou respaldando-se na Abordagem Centrada na Pessoa e, depois, orientava-se a partir da Experiência Elementar. E, atualmente, temos dois supervisores que seguem abordagens distintas (Cardoso, 2020).

Esse formato apresentado teria se repetido em 2020, contudo, duas semanas após o retorno das aulas, em meados de março, as atividades presenciais foram bruscamente interrompidas devido à pandemia de COVID-19 que assolou o mundo todo. No caos mundial que se instaurou, a UFMG tinha professores e alunos, aproximadamente 285 brasileiros, presos no exterior e sem data para voltar ao país. Preocupados com eles, o Departamento de Relações Internacionais da universidade (DRI) acionou o Departamento de Psicologia, que, por sua vez, chamou o coordenador do Plantão Psicológico pedindo ajuda psicológica no amparo a essas pessoas (Cardoso, 2020; Rodrigues et al., 2021).

Tendo em vista a diferença de fusos horários e todo o contexto daquele momento, os coordenadores do Plantão Psicológico propuseram aos plantonistas e a alguns alunos da pós-graduação a realização de um novo modelo de Aconselhamento Psicológico On-line. O DRI enviou um e-mail para todos esses brasileiros no exterior informando sobre a disponibilidade dos atendimentos psicológicos *on-line* e mencionando que quem se interessasse poderia mandar um e-mail solicitando. Os coordenadores, então, encaminhavam para uma dupla de plantonistas o nome e o e-mail de uma pessoa que havia solicitado atendimento. Diferente de como acontecia no Plantão Psicológico presencial, nesse novo formato, as duplas não variavam tanto. Entendeu-se que era necessário trazer mais segurança e familiaridade para todos envolvidos. As pessoas que estavam no exterior sem qualquer previsão do que aconteceria a seguir se beneficiariam ao serem atendidas por uma mesma dupla caso precisassem de um segundo atendimento. Em um contexto já tão incerto e estranho, entendeu-se que rostos familiares e um vínculo de cuidado seria essencial. Por outro

lado, os plantonistas também estavam vivendo uma experiência de atendimento muito nova, de modo que ter uma afinidade com a sua dupla e já ter um histórico de atendimentos juntos, naquele momento, era fundamental para garantir o mínimo de segurança e mais conforto no trabalho. Quando a dupla recebia as informações de quem iria atender, logo entravam em contato, por e-mail, para marcar um horário. Eles também enviavam orientações quanto aos cuidados que deviam ser tomados durante o atendimento, como, por exemplo, a garantia de uma privacidade mínima, assim como disponibilizavam um *link* para a videochamada no horário agendado. Ou seja, o atendimento não acontecia mais no momento da procura. Por esse motivo, os coordenadores renomearam o serviço para Aconselhamento Psicológico On-line, pois Plantão Psicológico indica a disponibilidade imediata (Evangelista & Cardoso, 2021; Cardoso, 2020; Rodrigues et al., 2021).

O Plantão na época do Aconselhamento [Psicológico On-line] eu achava muito interessante, mas não era tão instigante assim em algumas horas. No começo, era bem legal que tinha toda aquela *vibe* de missão humanitária, assim, e tinha minha dupla fixa, a C., que eu achava muito legal. A gente tinha uma dinâmica muito boa, que era muito massa. Dava um sentimento muito grande de explorador, assim, e depois parece que, com a ampliação do serviço para a comunidade geral, assim, e atender uma pessoa por vez, naquele esquema de marcar, pareceu que deu... falando de um jeito meio forte e não necessariamente isso, mas deu um pouco o sentimento de perder o propósito, assim, sabe? Não do projeto, mas eu fiquei um pouco mais perdido... Tipo, a cada semana uma pessoa manda e-mail, e a gente marca quando pode. Perdeu um pouco esse caráter de urgência, esse sangue assim do Plantão. [L.]

Em agosto de 2020, com a retomada, de forma remota, das atividades da UFMG, o Plantão Psicológico também foi retomado no formato de atendimento sem agendamento. Os dias da semana e os horários do serviço mantiveram-se os mesmos do presencial (terças e quintas-feiras, das 13h às 17h) assim como a dinâmica do funcionamento, isto é, o corpo de plantonistas ficava reunido junto em uma mesma videoconferência, as duplas iam saindo para atender à medida que as inscrições apareciam, a supervisão de meio se manteve etc. A mudança foi a transposição da



ficha de inscrição e das salas para o modo virtual, com o formulário de inscrição *on-line* (Anexo G) e as chamadas de vídeo na plataforma Microsoft Teams.

Elas [as amizades] acontecem de jeitos muito diferentes no presencial e no *on-line*. No presencial, tinha um sentimento maior, tipo durante a supervisão, quando o Paulo estava falando alguma coisa e todo mundo estava prestando atenção, dando pitaco o tempo inteiro. O *on-line* é um pouco mais individual, assim, tipo, eu não falo tanto porque eu tenho muita dificuldade de prestar atenção. No geral, menos pessoas dão pitaco assim. As amizades, o jeito que elas apareceram era um pouco mais... espontânea. Não é a palavra certa, mas aconteciam no acaso de relações cotidianas... Era mais fácil alguma hora falar um trem, você vê a pessoa vindo e você conversar depois... [L.]

No momento em que escrevo, o Plantão Psicológico continua de forma remota e não sabemos ao certo quando ele poderá voltar para o presencial porque é necessário esperar as orientações da universidade quanto a um retorno seguro. Ao que tudo indica, até o momento presente, no semestre de 2022/1, que se iniciará no mês de abril deste ano, os atendimentos voltarão a ser presenciais.

É interessante perceber como essa história, do início até o momento presente, é perpassada por desafios que vão acontecendo e sendo apresentados quase como obstáculos à realização do Plantão Psicológico. Perda das instalações físicas, greves, imposições ou mudanças institucionais, pandemia de covid-19... É quase como se as crises fizessem parte do Plantão Psicológico bem como a sua capacidade de contornar esses desafios de forma rápida e eficiente, fazendo das crises uma oportunidade de se adaptar e se transformar. E, embora esteja falando sobre o Plantão Psicológico da UFMG, Morato (1999b), ao escrever sobre os bastidores do Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da USP, diz algo muito semelhante: “desde a sua origem, sua história revela momentos marcados por transição e transformações fundamentais que se entrelaçam e continuam a entrelaçarem-se com várias outras histórias de realizações de pessoas e grupos” (p.29).

### 3.2 A História

Quando fatos históricos são contados, mesmo que detalhados e verdadeiros, eles são incapazes de abarcar toda uma história. Isso porque eles não abrangem os atravessamentos que aqueles fatos provocam nas pessoas envolvidas. Portanto, nessa parte do trabalho, dedico-me a contar o que a historiografia deixou passar. Em outras palavras, de acordo com as ideias heideggerianas, eu vou me permitir abrir mão da sequência cronológica de fatos históricos já acontecidos – *Historie* – para dar espaço à história acontecente, aquela que não se prende ao tempo humano do relógio – *Geschichte*. Isso não significa que o passado e os acontecimentos transcorridos não virão à tona, apenas que o foco não será a explicação ou detalhamento de como ou por que os acontecimentos foram se dando. A proposta agora é de resgatar a história de forma mais livre e atenta à experiência dos participantes. Acerca disso, Morato (1999a) escreve: “a experiência, como resgate histórico de acontecimentos vividos, ressalta a origem e o passado, não como causa, mas como fruto do desencadeamento de um processo que é presente” (p. 62).

Contudo, antes de começar, gostaria de descrever aquilo que as transcrições não são capazes de abarcar: a emoção daquele que fala. Embora tenha feito as entrevistas de modo *on-line*, o que já impõe certa distância física, os olhares dos entrevistados eram carregados de emoção, nostalgia, saudade e paixão. Não me pareceu, hora nenhuma, que ouvia uma história trivial, muito menos algo morto, que tivesse acontecido e ficado no passado. A experiência que eles me contavam estava viva e parecia que os movia, cada um do seu jeito, uns mais efusivos, outros mais contidos, mas eram histórias que mexiam, tocavam, tanto em mim quanto neles. Alguns entrevistados ficaram emocionados; eu fiquei emocionada. Compartilhei desde a euforia e as risadas até o silêncio e as lágrimas. A minha sensação em relação ao que eu testemunhei nesses encontros era o próprio Plantão Psicológico, como se aquelas pessoas fossem partes vivas dele, assim como eu me sentia uma parte viva dele também. Era como se existisse um “nós”, algo que nos unia, como uma conexão e compreensão que, mesmo não verbalizada, dava tom para a nossa conversa. Como eu compartilhei algo em comum com aquelas pessoas? Algumas eu nem sequer conhecia! Morato (1999b, p. 27) vem ao encontro das minhas inquietações ao afirmar que “uma realidade coletiva é anterior ao nome ou à ideia de si mesmo”. A autora vai trabalhar o sentimento de pertencimento a um grupo como condição para ser si mesmo, nas semelhanças e diferenças em relação a ele e aos seus membros. Para

ela, a nomeação de um grupo não determina valores visto que eles já estão presentes antes disso.

No entanto, o que nomear favorece é a ruptura desses valores inconscientes agora herdados em um ato de consciência coletiva. O nome, portanto, seria, ao mesmo tempo, uma ficção e um pacto consagrado. Ficção por parecer representar um começo, uma declaração de nascimento que na realidade já ocorreu (Morato, 1999b, p. 28).

Diante de tal declaração, entendo que o que pode estar em jogo é o nascimento de um só coletivo, os *plantonistas* (os antigos e os novos). No entanto, isso não significa que o grupo Plantão Psicológico na UFMG não existisse antes; talvez, fossem valores apenas inconscientes no sentido de que a gente não sabia conscientemente que nós os compartilhávamos. Seja como for, fato é que eu sabia do que aquelas pessoas estavam falando não porque eu já tinha lido ou ouvido falar daquilo, mas porque eu já tinha vivido aquilo e testemunhado com meus próprios olhos e ouvidos. Para a minha estranha surpresa, a familiaridade do que compartilhamos era natural, não soava como Plantões Psicológicos distintos, mas como um só Plantão Psicológico.

No segundo semestre do meu segundo ano de mestranda, em 2021/2, depois de dois anos de serviço, fiquei como apoio da equipe. Atendia só quando havia muita demanda. Na maioria das vezes, acompanhava o supervisor, permanecendo na sala (*on-line*) onde todos ficavam reunidos. Então, quando digo da sensação de que eu sabia do que os meus entrevistados estavam falando, eu estou me referindo a esses últimos meses em que pude estar presente a partir de um outro lugar, junto a todos os plantonistas e me disponibilizando a eles, e não com um ou dois clientes, com um colega, em um atendimento. O brilho nos olhos dos plantonistas, a emoção clara, o envolvimento deles ao falar dos atendimentos e das suas experiências no Plantão Psicológico – eu via isso toda quinta-feira, mas em olhos um pouco mais jovens. A cada nova entrevista que eu realizava, a cada narrativa que eu ouvia, era notável a mudança no meu olhar para com a minha própria experiência, que ainda acontecia. Histórias ouvidas, histórias assistidas, histórias vivenciadas, histórias antigas, histórias recordadas, histórias acontecendo... tudo isso ia se entrelaçando. Lembro-

me de Pompeia e Sapienza (2004), que, ao falarem sobre verdade, amplia o seu sentido. Embora os autores pontuem verdade como aquilo que pode ser verificado e comprovado (*veritas*), eles entendem que tal conceito não se encerra nisso. Assim, eles apresentam um novo sentido para verdade ao usarem a palavra grega *aletheia*, que significa "não esquecido", ou seja, aquilo que pode ser recordado. Sendo que recordar (em latim, *cor-cordis*) quer dizer retornar ao coração, verdade, como *aletheia*, significa "aquilo que se pode pôr de novo no coração" (p.161), o não esquecido. Para estes autores, essa verdade é inquestionável. Nas suas palavras:

Uma verdade assim encontrada nunca é relativa. Quando ela se manifesta, nós somos parte dela e não há como relativizar isso. A verdade enquanto *veritas*, geralmente, é diluída no tempo, no contexto, nas estruturas sociais ou culturais que suportam o enunciado da verdade. Mas a verdade recordada, por ser uma verdade vivida, já está sempre definida num lugar, naquele contexto único em que estamos (Pompeia & Sapienza, 2004, p.161).

Esse envolvimento pessoal que percebo nos plantonistas – tanto nos entrevistados quanto nos meus colegas – diz de um aspecto presente nas falas dos entrevistados que mostra como o Plantão Psicológico tornou-se parte de cada um deles. Em algumas entrevistas, o Plantão aparece como possibilidade de sentido para suas vidas e luz para a suas trajetórias acadêmicas dentro do curso e de escolhas profissionais depois de formados.

O Plantão Psicológico é responsável também pela minha entrada na vida acadêmica porque foi uma primeira experiência de pesquisa fenomenológica a partir da experiência.<sup>18</sup> Então, eu sou muito grata por ter vivido isso com o Miguel. É uma experiência que me marcou para sempre. E, para mim, o Plantão Psicológico foi meu primeiro estágio também. [J.B.]

Ó, o plantão para mim foi uma coisa muito transformadora na minha vida porque eu fazia o curso de Psicologia na UFMG. Aí, quando tive contato com o Miguel, talvez no quinto, sexto semestre... Mas o Plantão mesmo foi começar

---

<sup>18</sup> J.B. se refere à experiência de escrever os capítulos do livro com os plantonistas da primeira turma e Mahfoud (Mahfoud, 2012).

no sétimo semestre, quando foi a primeira turma que fez Plantão lá na UFMG, né? Eu estava nesse grupo. E aí, quando começou o Plantão, eu entendi a proposta, aí eu comecei a me envolver, além do Plantão, com estudar fenomenologia, existencialismo, participar do Laboratório de Psicologia Social com o Miguel. Eu me envolvi na pesquisa dele no Morro Vermelho, fiz meu mestrado lá na UFMG. Quer dizer, eu estava bem desanimado com a Psicologia, quase até pensando se eu ia ficar naquele curso mesmo... Eu gostava, mas não estava mexendo assim comigo do jeito que eu achava que ia. Estava uma experiência pouco viva, talvez, a Psicologia. E, quando começou o Plantão, aí para mim mudou tudo! Tanto que até hoje eu estou sintonizado com o Plantão Psicológico. (...) Essas coisas todas, que me chamavam atenção, virou a minha vida porque até hoje eu trabalho com o Plantão, o que eu faço no consultório particular é dentro dessa forma de enxergar o outro, dessa concepção fenomenológica existencial de pessoa, essa coisa de valorizar a personalidade, a capacidade da gente se movimentar e posicionar diante do que a gente está fazendo... Os clientes que eu atendo também funcionam nessa mesma... nesse mesmo tipo de atendimento. Os alunos que eu supervisiono, eu mantenho isso também de alguma forma, certo? Então... Me marcou querer continuar e ser o que eu sabia fazer dentro da Psicologia também. Me motivou a continuar na Psicologia, a estudar mais etc. (...) Então, você está vendo aí que eu sou apaixonado com o Plantão Psicológico, né? E isso vem dessa experiência. Por quê? Ressignificou o meu papel no curso de Psicologia, resignificou... deu sentido para a minha profissão como psicólogo. [D.]

Para mim, não foi diferente. Embora, no meu caso, não tenha sido o meu primeiro estágio, ele não deixou de orientar e significar o meu percurso no curso, uma vez que muitas das minhas escolhas foram feitas em busca da possibilidade de ser plantonista. Como J.B., foi graças ao serviço que iniciei a minha jornada acadêmica. Foi ele que despertou o interesse pelo mestrado e incentivou um olhar e interesse genuíno para com a pesquisa. Para mais, hoje, como D., eu percebo o meu ser-plantonista no meu ser-psicóloga durante os atendimentos no consultório particular.

O meu ser-psicóloga plantonista<sup>19</sup> é tão caro para mim que me esforço constantemente para não o esquecer nem o deixar em desuso. Nisso, também não sou a única.

Então, eu aprendi muito isso. É algo que eu levo para minha prática até hoje (...) E eu busco sempre retomar essa experiência que eu tive na faculdade, essa experiência que eu tive no plantão na UFMG, porque eu vejo que é uma fonte inesgotável, a gente tem que retomar, é um alicerce, é uma fonte inesgotável e é muito rico! [J.M.]

A palavra alicerce usada por J.M. é interessante, pois essa perspectiva de sustentação, de base, de fundamento para uma prática psicológica foi pontuada por todos os entrevistados, cada um da sua forma. Nesse sentido, o potencial de formação profissional do Plantão Psicológico talvez tenha sido o aspecto mais citado.

Eu também vejo esse aspecto formador de psicoterapeutas. Eu acho que o plantão, independente de como o psicoterapeuta vai trabalhar depois, se ele vai trabalhar com as teorias fenomenológicas existenciais ou não, passar por experiência de Plantão, eu acho muito importante para a formação. Eu vejo uma riqueza muito grande. [D.D.]

O Plantão Psicológico oportuniza o encontro com diferentes pessoas – de crianças a idosos, homens e mulheres, todas as classes socioeconômicas, de diferentes áreas profissionais, advindas de várias regiões do país, nascidas em famílias diversas, com gostos e histórias de vidas múltiplas. Como não considerar este contato com tamanha diversidade na formação de um psicólogo? Independente do lugar em que um psicólogo atende, do consultório particular a qualquer instituição que seja, nunca é possível escolher quem vai buscar ajuda psicológica. Assim, estar preparado para atender qualquer pessoa se faz importante.

---

<sup>19</sup> Evangelista (2016), ao se deparar com a impossibilidade de definir “o que é” um psicólogo fenomenológico existencial, propõe visitar as suas várias experiências de ser-psicólogo entre elas o seu ser-psicólogo plantonista.

E a nossa dedicação ao Plantão era grande também porque em estágios, o mais comum é cada estagiário separar uma hora de atendimento para aquele estágio, e, lá, cada estagiário se dedicava um turno por semana. O meu, por exemplo, era segunda-feira à noite. Eu ficava de 19h às 22h:30 da noite lá no bairro Primeiro de Maio, sentada dentro da salinha esperando e, aí, às vezes, em uma noite, vinham três pessoas para atender, então o volume de atendimento, a riqueza que eu pude viver nesse estágio foi imensa porque, em outros estágios clínicos, a gente atende um cliente ao longo do semestre inteiro, uma vez por semana, aquela mesma pessoa. No Plantão Psicológico, eu acho que, assim, se todo aluno puder viver um estágio de Plantão Psicológico, isso muda totalmente a perspectiva daquela pessoa que está em formação porque o volume de atendimento é muito maior e a variedade e a abertura que a gente vai ter diante da pessoa, principalmente atendendo dentro de uma perspectiva como essa de Abordagem Centrada na Pessoa, a gente está de fato centrado na pessoa e não no nosso próprio umbigo. Às vezes, assim, por exemplo, acontecia de alguém chegar, sei lá, 19h:15. Começou a aula e chegava o aluno para ser atendido e ficava ali 3 horas conversando, ficava até o fim da aula, até o fim do período. Às vezes, chegava um outro na porta, a pessoa ficava meio inibida e saía, mas isso era permitido, não tinha um *setting* fechado, delimitado não... Cada atendimento... 50 minutos cada atendimento... Não, não tinha isso. A gente estava ali disponível para atender a pessoa que necessitasse na hora que necessitava, então, assim, era uma experiência fantástica. [J.B]

Eu tenho aquela tabelinha onde eu faço o controle de relatório e eu boto o número de pessoas que eu atendi, e eu acho que atendi 71 pessoas até hoje. É muita gente! Muita gente diferente. Continuando na *vibe* do improvisado, foi uma coisa que foi muito boa para mim de tipo... Você conhece muita gente, você tem que entender de vários sofrimentos, de vários conflitos, de várias demandas... Isso me deu um *know how* muito grande assim, sabe? Eu vejo um pessoal no estágio ... Eu faço estágio do F., e, tipo, a primeira vez que está atendendo e pegou um paciente, e ele pensa muito em diagnóstico, em psicanálise... Um diagnóstico de histeria, por exemplo. Imagino que deve ser muito difícil para a pessoa quando ela vai pegar um outro caso não ficar pensando tudo em termos

daquele paradigma do primeiro paciente. O meu paradigma inicial foi umas 25 pessoas que eu atendi no primeiro semestre. É um paradigma muito mais legal, muito mais complexo! Esse primeiro lugar de experimentação, de ver como eu gostava de falar, como era o jeito que eu percebia as coisas, como era o jeito que era melhor de perguntar, de devolver. Isso tudo chega muito para mim no jeito que eu sou terapeuta hoje em dia. Eu sou, comparando com o que eu vejo dos estágios, eu sou muito pouco diretivo. Tem uma galera no estágio que vai explicar coisas, por exemplo, o que eu acho muito estranho, tipo: 'vou te contar como que é o funcionamento do aparelho psíquico'. Eu não faço isso... [L.]

Com certeza, o volume dos atendimentos faz muita diferença, sendo de uma riqueza imensurável. Como plantonista, também percebo o quanto aprendi, na prática, a escutar atentamente uma diversidade imensa de pessoas com histórias completamente diferentes entre si; a ignorar o medo de fazer ou falar alguma coisa errada e focar na pessoa diante de mim; a confiar na minha intuição e na minha capacidade de estar presente; a ser eu mesma e saber o que eu estou fazendo. Para além da minha experiência como plantonista, durante o último semestre em que tive a oportunidade de observar, de forma mais ampla, a dinâmica do grupo, testemunhei o quanto os plantonistas amadureceram o seu olhar clínico e ganharam confiança para fazer as intervenções. Nos primeiros dias de Plantão, os novos plantonistas sempre demonstram ansiedade, ficam mais calados, relatam muitos detalhes, como se não soubessem ao certo para onde olhar, o que escutar. Em questão de meses, tornam-se mais firmes na sua fala, tomam frente com mais naturalidade, pontuam o que perceberam sem precisar narrar cada detalhe, tornam-se mais efetivos nas intervenções.

Por outro lado, o volume de atendimentos não contempla toda razão para esse alicerce que o Plantão Psicológico se torna na vida de um plantonista. Ele também prepara os alunos para lidarem com a surpresa e o inesperado, já que não é possível saber quem vai aparecer nem por qual razão o fará, isto no caso de alguém procurar atendimento. A experiência de conseguir encarar e manejar situações difíceis e inusitadas promove uma confiança neles mesmos e no quanto eles próprios são capazes da tarefa de serem psicólogos. Levando em consideração que o momento da graduação é, por excelência, a ocasião na qual o aluno ainda pode se escorar nos



seus professores e supervisores, criar uma autoconfiança talvez seja um dos maiores diferenciais de uma boa formação e o que mais vai os preparar para a atuação profissional. Nunes (2015) vai ao encontro dessa ideia ao abordar a importância da aprendizagem desde os primeiros semestres do curso, por meio da experiência de estar diante da alteridade do outro para a formação do psicólogo. Para ele, só assim o aluno poderia, na prática, apropriar-se da sensibilidade de ouvir e estar diante de alguém diferente de si. Caso contrário, os outros passam a ser meios de aplicação de teorias psicológicas aprendidas.

Eu acho que desenvolver essa confiança de que eu posso estar diante a qualquer situação, qualquer relato e que não é que eu vou saber o que fazer para resolver o problema, mas é que eu vou ter confiança em mim que eu vou estar disponível e dar o melhor de mim para acompanhar aquela pessoa naquele problema; essa autoconfiança e a gente aprender um pouco para onde direcionar o nosso olhar ou a nossa escuta...[D.]

Primeiro que o plantão nos prepara para surpresas porque, quando a gente atende individualmente, por exemplo, no SPA, os casos são já direcionados já para cada estágio e, sei lá, eu acho que quem seleciona os casos para cada estágio pensa em um perfil específico de questões e de problemas que são encaminhados e, quando a gente recebe a pessoa, a gente recebe uma mini... umas informações básicas, e a gente se prepara psicologicamente para isso, então é como se a gente fosse todo protegido, a gente vai atender, mas com uma certa... a gente já vai no quadradinho, já vai encaixadinho, sabendo uma demanda específica. Claro que cada pessoa pode ser uma caixinha de surpresas e trazer mil coisas que não apareceram na demanda inicial quando é feita a triagem. Isso pode acontecer e acontece. Mas, de certo modo, a gente fica mais seguro, seguro no sentido de eu fico na minha zona de conforto, eu tenho uma pessoa, eu vou lá atender na hora certa, saio na hora certa, tenho um *script* normalmente, não necessariamente, mas eu vou fazer umas perguntas... Então, tem algo que me deixa, me coloca em uma zona de conforto, e que eu acho que, para a segurança de um psicólogo, não é para a

gente ficar na zona de conforto, e o Plantão a gente fica como se fosse em um mar aberto e não sabe aonde que vai vir. [J.B.]

Diante de falas como essas de L. e J.B., sob o fundo da minha própria experiência de plantonista, lembrei-me de como Cury, ao escrever sobre os psicólogos em Plantão, diz sobre as suas almas aventureiras:

Que esta conversa-diálogo, por onde transitam nossos testemunhos e crenças, possa contar a você, leitor, um pouco de nossa alma de aventureiros, crédulos demais para desacreditar da dignidade humana, irremediavelmente psicólogos para dar de ombros quando as instituições criadas para ajudar pessoas já não sabem mais reconhecer apelos (Cury, 2012, p.154).

A autora não falava da nossa experiência da UFMG; definitivamente, não falava da minha nem da do L. já que éramos crianças quando escreveu essas palavras. No entanto, traduziu com maestria como eu compreendia aquilo que estava ouvindo nas entrevistas e como me sinto sendo plantonista.

Ainda pensando na formação dos alunos, além do âmbito do próprio atendimento e da lida com as surpresas do cliente desconhecido e sua alteridade, o Plantão Psicológico possibilita um olhar mais ampliado para a instituição em que é ofertado. Vale lembrar como a relação do serviço com a instituição sempre permeou a historiografia que narrei previamente de modo a evidenciar a sua função cartográfica (Aun, 2005; Aun & Morato, 2022). Na perspectiva da formação, tal olhar é de extrema importância para futuros profissionais da Psicologia. É preciso conhecer a comunidade atendida e convidá-la para o Plantão Psicológico, ou seja, fazer as divulgações, de acordo com a linguagem usada por ela. Na prática, por exemplo, o que tinha era um esforço constante da parte dos plantonistas – aqueles que trabalhavam nas escolas nos primeiros anos do Plantão Psicológico na UFMG – para compreender como acessar e facilitar o caminho dos alunos até eles. Para além do serviço em questão, um cuidado semelhante a esse foi relatado por Oliveira & Morato (2022), que, trabalhando em um Plantão Psicológico na Polícia Militar, precisou se disponibilizar para conhecer os policiais a fim de entender a falta de procura a partir da percepção da instituição e a convidá-los a falar de si de uma forma mais próxima a eles.

No Plantão, a gente vai lidar com a frustração de, às vezes, ficar lá esperando e ninguém chegar, e isso ... lá com o Miguel acontecia isso, por exemplo, os plantonistas que ficaram no período de tarde nessa escola ... Ficou um tempão sem vir ninguém, e aí eles tiveram que correr atrás para entender o que estava acontecendo que não estava vindo gente... entender sobre a lógica da escola. Tiveram que fazer uma outra divulgação diferente para chamar gente, então isso eles também tiveram que se movimentar e depois começaram a vir, depois desse movimento. No Plantão que eu orientei, também as alunas tiveram que se movimentar, tiveram que ser proativas para entender 'cadê as pessoas?', porque tinha uma escola lá que a escola tinha falado: a gente está com problema demais de saúde mental aqui, ajuda, traz algum serviço. A gente levou o Plantão e as pessoas não apareciam, então elas também tiveram que se movimentar para entender. (...) Essa questão da visão do todo que um Plantão em uma instituição proporciona, eu acho que é muito rica também, sabe? E eu acho que é importante um psicólogo ter esse olhar mais amplo para além da clínica fechada e que, às vezes, quando o aluno faz estágio só clínico, ele não experimenta isso. Então, eu achei isso muito bom. E você tinha falado o que diferencia eu como estagiária na época e os meus colegas... Eu acho que é essa sensação da aventura de ter que lidar com imprevistos, com o novo, com frustração de ter dia que não atende ninguém e com a aflição de ter um dia que tem atendimento demais, que tem uma pessoa e tem um outro que está esperando ali fora e você tem que manejar já o tempo. Tem hora que você atende duas, três horas seguidas, mas tem hora que você tem que falar "ô, agora eu vou ter que interromper que tem uma pessoa ali esperando". Esse tipo de experiência com os limites também é um desafio para o estagiário que a gente precisa aprender a manejar e que o Plantão proporciona isso. O Plantão proporciona também, por exemplo, na escola, lidar com os professores, com o diretor, conversar, mesmo que seja para pôr limites, mas às vezes ouvir também o professor ... que, às vezes, eles procuram para ter um atendimento. Então, eu acho que isso é riquíssimo. [J.B.]

Posto tudo isso, a minha impressão de que o Plantão Psicológico da UFMG estava, de alguma forma, ali, diante de mim, ao longo das entrevistas, começava a se concretizar. Afinal, é como se ele fosse se tornando parte desses profissionais e, no caso do L., do futuro psicólogo que ele será e do plantonista que ele já é, mesmo quando não está no serviço. A ideia de Heidegger de história acontecencial (*Geschichte*), que vai além dos fatos históricos concretos, é de uma sabedoria sensível, indiscutível e que se faz palpável neste trabalho uma vez que o Plantão Psicológico se realiza a cada atitude e no modo de ser de todos os seus atores para além do espaço de tempo em que são vinculados à equipe da UFMG, pois, além da formação clínica, o Plantão Psicológico, pelo que todas as experiências indicam, passa a ser uma forma de ser e estar no mundo, a pessoa e o encontro inter-humano – encontro este que só acontece na presença e abertura sincera de duas (ou mais) pessoas. Cabe, então, ao plantonista dispor-se verdadeiramente àqueles que o procuram de forma a estar presente e a convidá-los a também estar.

Se eu realmente estiver disponível, não ficar centrado em mim na hora do atendimento, não ficar preocupado se eu vou ser bom, se eu vou ser ruim, se a pessoa vai me achar uma porcaria de psicólogo, se ela vai gostar de mim, se eu parar um pouco de centrar em mim e centrar mesmo no que a pessoa está trazendo, essa relação aqui é muito potente, é muito transformadora, e isso pode acontecer em um período curto de tempo. Isso pode acontecer em 15 minutos. Isso pode acontecer no ponto de ônibus. Isso pode acontecer na rua... [D.]

Não é essa a preocupação do plantão. Não é traçar uma linha de atendimento, não é trazer um diagnóstico, não é isso; mas é estar ali acompanhando aquele movimento da pessoa. [J.M.]

Ele [Miguel] ensinou muito sobre a questão da escuta, da escuta autêntica, daquela escuta que permite que escute, que permite que o outro reconheça o movimento dele, aquele silêncio que acolhe, que é um silêncio ativo e não passivo, é um silêncio acolhedor, e aquele olhar. Então, assim, a escuta, o silêncio e o olhar... eram coisas que foram ficando, foram muito marcantes

nessa experiência do Plantão, que foi me ensinando muito a respeito desse papel do psicólogo ali contribuindo para que a pessoa elabore a experiência dela. Então, assim, foi uma experiência muito rica e muito desafiadora também, principalmente porque, assim, naquela imaturidade toda a gente chega lá pensando: nossa, só tenho um encontro, então como que eu vou ajudar essa pessoa nesse um encontro? Como que eu vou ajudar ela aqui a lidar com essa questão que ela está trazendo? Aquela vontade toda de resolver o problema ou de achar que é o que a gente falar é que vai resolver o problema da pessoa ou de achar que não vai ser possível. (...) Então, com o tempo, a gente foi amadurecendo que não era bem isso, não tinha a ver com essa pressa, mas tinha a ver com essa presença. Então é diferente da pressa. Era muita presença, assim, essa presença, essa escuta, igual eu fui falando aqui e eu vou retomando. [J.M.]

A presença autêntica desvela e resgata ambos os envolvidos. Assim, desnudados, podem, juntos, sob o olhar de outrem que o testemunha, ter um encontro significativo no qual novas possibilidades de ser podem vir a se concretizar, demonstrando, assim, serem possíveis.

Essa menina deu, ela desabrochou de um jeito... Era uma coisa assim... era uma coisa comovente. Era uma coisa comovente ver essa menina. (...) Uma mulher nasceu ali na minha frente... um mulherão nasceu na minha frente. [P.]

Esse atendimento também me ajudou a perceber (...) como que uma sessão pode para alguém ter um impacto tão transformador de algo que vinha... Eu não lembro há quanto meses ou se já tinha um ano que ela estava fazendo isso... Esse é um problema meu, até nas supervisões, às vezes, eu fico um pouco emocionado com o caso e tudo. Porque não tem como, né? Acho que a gente é psicólogo para isso também, né? [D.]

A estrutura dos atendimentos do Plantão Psicológico propicia e potencializa esses encontros, uma vez que não se pode deixar para depois. A pessoa que procura o serviço tem, naquele exato momento, algo que a move e a impulsiona a buscar

ajuda psicológica e é esse mesmo momento que ela tem para olhar e cuidar do que quer que seja. Não é depois, não é na próxima semana.

A gente tinha, eu tinha, muitas limitações, por exemplo, de tempo, mas que essas mesmas limitações eram como que potencializadoras daquele encontro porque essas limitações, do tempo e de não saber se a pessoa ia voltar, elas faziam com que houvesse uma entrega ali uma entrega muito intensa na presença com as pessoas que iam lá buscar o atendimento. [J.M.]

Se a estrutura do serviço potencializa, significa que tem algo que aconteceria mesmo sem ela. As narrativas apontam para como o Plantão Psicológico não está preso a um espaço físico e temporal, mas se realiza a partir de uma disposição de se estar-com o outro que se direciona a um cuidado, que se movimenta em direção a uma ajuda.

Terminou esse semestre e eu disse que nunca mais quero ver Psicologia na minha frente. Eu estava decidido. Então, a R. (...) falou: P., não desiste, vai AGORA procurar o Miguel. Pra quê? Eu não quero mais essa porcaria... Eu estava na secretaria trancando o meu curso, mas lá fui eu, vou dar um voto de confiança e fui lá conversar com o Miguel. Bati na sala dele e ele me atendeu, falou “entre, senta”. Foi a primeira vez que eu entrei na sala de um professor, em um gabinete de um professor. Já achei aquilo estranho. Maria Clara, foram umas três horas de conversa... que me marcaram para sempre. Eu não esqueço essa conversa. Eu não esqueço os detalhes dessa conversa. Primeiro que me impressionava que eu estava diante de um homem, diante de um homem que estava verdadeiramente interessado pela minha história, verdadeiramente interessado por mim, por quem eu era. Ou seja, muito do que eu tinha intuito lá atrás, quando eu tinha tido aula com ele, se mostrava, ali, na minha frente, verdade. Não era um padrão pedagógico, não era uma didática, não... era um homem diante de mim e um homem que acolhia TUDO que eu tinha de sofrimento e me apontava uma possibilidade. Olha, é isso que eu quero, é isso que eu quero sem dúvida nenhuma. E ele me abriu as portas, “olha, vem fazer, vamos fazer o Plantão Psicológico. Já fechei todas as vagas,

mas eu abro um precedente aqui para você”. E foi ali, Maria Clara, ali, que, no trabalho muito próximo com o Miguel, a história de amizade, que foi sendo construída com aquele homem, marcou de forma definitiva e indelével o que hoje eu concebo como trabalho clínico, o que eu, por 18 anos, construí como acadêmico. Eu fui professor por 18 anos, fui professor e pesquisador universitário por 18 anos, quer dizer, tudo aquilo ali me moldou, aquelas 3 horas ali foram... me colocou dentro de um molde e depois eu fui só buscando me aproximar o máximo que eu podia daquele homem e do trabalho com o Plantão Psicológico. [P.]

Mahfoud não estava de plantão, disponível para atendimentos em um horário pré-determinado, quando P. o procurou. No entanto, ali, naquele encontro, o Plantão Psicológico aconteceu. Nesse encontro genuíno, inclusive, dissolveram-se as fronteiras de professor e aluno; ali, estavam duas existências, e o que estava em jogo era a inauguração de uma nova possibilidade de ser. Não se trata meramente de algo que se apresenta e passa, mas de algo que foi vivenciado, testemunhado pelo outro que estava verdadeiramente junto e autenticado. Isto é uma experiência transformadora. Nisso está a potência desses encontros e, por consequência, do próprio Plantão Psicológico. Assim, a sede oficial do Plantão Psicológico nunca foi uma sala, mas os próprios plantonistas, como já pontuava Morato (2009).

Eu tenho um supervisionando meu, aqui de Belo Horizonte... Aliás, ele trabalha em hospital. E ele trabalha com Plantão Psicológico. Já falei isso com ele várias vezes. É uma pessoa maravilhosa, uma pessoa bonita. Ele é psicólogo e violoncelista. Ele tem uma sensibilidade artística. Imagina: ele trabalha em hospital, em casos graves, hospital oncológico. Eu falo com ele... O nome dele é H., né? H., o bonito do teu trabalho é você! Ninguém tem uma escuta refinada como você tem. Ninguém tem uma sensibilidade de acolhida como a que você tem, não dá para propor um padrão tecnológico de atuação, dá para propor H., o H. se propõe sempre. [P.P.]

À vista disso, os plantonistas são convocados a serem pessoas autênticas e genuínas, a serem eles mesmos. Pensando na história do Plantão Psicológico, em

sua origem, encontramos a Abordagem Centrada na Pessoa, que tem como uma das três premissas a congruência<sup>20</sup>. Diante disso, é coerente e compreensível o relato de alguns entrevistados que evidenciaram como o Plantão Psicológico propiciou o reencontro com eles mesmos, com as suas identidades, com seus valores, com aquilo que os motivava, com a sua história, com quem eles queriam ser. O que se destaca é como as pessoas entrevistadas – e eu mesma, desde o primeiro vislumbre do que é o Plantão Psicológico – foram atraídas por esse encontro consigo, permitindo-se uma entrega que é exigida de um plantonista.

Na aula da Raquel, para mim, foi um impacto muito significativo porque eu entendi que tinha uma possibilidade de fazer uma leitura da experiência, não exatamente uma interpretação da experiência, mas aprender a fazer uma leitura da experiência, uma descrição da experiência e verificar que ali tem uma complexidade e tem uma série de movimentos nessa experiência e que a gente poderia estar muito mais atento a favorecer esse movimento do que exatamente a compreender tudo e interpretar ou levar a experiência para algum lugar, e que isso era uma riqueza imensa. Eu fiquei muito chocado com isso, na verdade, e fiquei muito surpreso também porque isso tinha a ver com alguma coisa que eu tinha comigo quando eu resolvi fazer Psicologia e tinha ficado meio escondido, tinha ficado meio para trás e tal (...) Então, com aquelas aulas da Raquel Rosenberg, na verdade, todos esses elementos da minha formação se juntaram. Fazia um sentido muito forte e significativo. [Mahfoud]

O que o Plantão Psicológico fez foi isso: resgatar, antes de tudo, a minha pessoa. O Plantão Psicológico me resgatou, o Miguel me resgatou através do que ele faz, fez na minha vida. (...) Eu sei a crise que eu estava vivendo em um certo momento, eu sei o temperamento que eu tenho, eu sei o caráter que eu tenho, que pode me levar para os piores lugares. Eu sou do tipo soberbo,

---

<sup>20</sup> A Abordagem Centrada na Pessoa, proposta pelo psicólogo Carl Rogers, propõe três atitudes básicas que o psicoterapeuta precisa ter para com seu cliente: a aceitação incondicional, a empatia e a congruência ou autenticidade. Esta última atitude diz respeito a como o psicoterapeuta deve ser ele mesmo na relação com o seu cliente sem falsear suas emoções, sem fantasiar ser outra pessoa diferente de si. Nesse sentido, a ausência dessa atitude, ou seja, a incoerência, acontece quando há uma diferença entre o que o psicoterapeuta sente e o que ele comunica. (Rogers, 1977; Tassinari, 2015)



soberbo elevado à enésima potência. Luto e sei que vou lutar para sempre contra essa porcaria dessa soberba e lembrar sempre do impacto do Miguel na minha vida, das correções que ele me fez, da amizade, da acuidade daquele homem de ver mais que a minha maldade, mais que o meu erro, mais do que o meu limite [P.]

Outro ponto em comum entre a maioria dos entrevistados é a relação com os outros plantonistas. Para além do empenho dos coordenadores para oportunizar a formação do grupo e o sentimento de pertencimento, os plantonistas apresentavam um movimento próprio de aproximação entre si, de afinidades e abertura para com eles mesmos que extrapolavam as atividades do serviço.

E era um grupo de colegas muito... que eram amigos também, que trabalhavam com plantão, né? J. e R., que também fazem parte do livro, por exemplo, são minhas amigas até hoje. Eu sou músico também. Toco, componho, tenho um estúdio. J. também canta. Nós tínhamos uma banda na época. Acho que isso também favoreceu de alguma forma, ter um grupo de colegas que realmente gostavam daquilo, que estavam engajados. [D.]

A gente se conheceu no Plantão, e hoje a gente está namorando (...) A gente teve uma coisa, por exemplo, sei lá... uma das primeiras conversas foi através de atendimentos. (...) Eu fiz vários amigos, vários amigos mesmo, principalmente de veteranos assim. [L.]

Sair com a galera e ir tomar um café, na FAFICH mesmo. Uma ou duas vezes que eu saí com o L., G.S., G.C., a gente foi lá no Mineirinho comprar um queijo, umas coisas assim... Toda essa *vibe* do pós-plantão, do meio do plantão, das caminhadas entre as salas, de quando terminava o atendimento e tinha que fazer a ficha da pessoa e ficava conversando um pouquinho, ia no corredor conversando... [L.]

O que acontecia também, que acontecia mais no início e depois foi diminuindo, que eu acho que é uma questão cultural, era a disponibilidade de ficar junto, e

não só para o trabalho, não só se reunir para fazer o cartaz, não se reunir para discutir alguma coisa, mas também de ficar junto, que seja uma convivência. No início, isso era muito mais... nos anos a partir de [19]97 até 2000 e pouco, isso era muito mais natural, que a gente via na faculdade as pessoas juntas, tocando violão, cantando... Isso era muito frequente, muito normal, de ficar na faculdade e isso ser vitalidade, invenção, criar coisas, criar grupo de teatro. Tinha uma vitalidade da convivência da universidade muito mais viva. Acho que isso refletiu o modo como a gente começou a fazer o plantão, sabe? Essa disponibilidade assim, quando a gente formava... quando dava o *link*, né? Tinha esse relacionamento, assim, aparecia muito a disponibilidade. Muitas vezes, a gente se reuniu à noite para fazer um jantar. A gente cozinhou junto e conversou... Muitas vezes, aconteceu isso, uma disponibilidade para conviver, e eu acho que isso era muito bacana, muito vitalizador, e a gente se sintoniza de um modo mais global, e não apenas como uma atividade. Acho que isso foi diminuindo não só nas pessoas no plantão, acho que o contexto todo mudou. Mas eu queria destacar que, no início, essa vinculação do Plantão com a vida mesmo, isso era algo que não só a gente propunha como imagem do Plantão para as pessoas, mas pra gente também era assim. A gente estava junto como pessoa, não estava só fazendo uma atividade de trabalho. [Mahfoud]

O movimento de aproximação entre os plantonistas também se manifestava no próprio realizar-se do Plantão Psicológico de maneira viva e natural. Em momentos nos quais esperava-se certas barreiras para o contato entre a equipe, o que se mostrava era uma criatividade sem igual dos plantonistas para construir pontes de ligação entre eles. Na época da coordenação do professor Miguel Mahfoud, como foi colocado na historiografia, os plantonistas não tinham a oportunidade de conviver tão assiduamente, uma vez que cada um tinha seu horário de estar de prontidão para os atendimentos. No entanto, espontaneamente, eles começaram a se comunicar por cartas e a trocarem as suas experiências mesmo sem se encontrarem fisicamente.

No primeiro dia de Plantão, (...) eu cheguei lá doido de vontade de atender. Sentei na salinha, porta aberta, esperando a hora que alguém ia chegar. (...) Eu fiquei me sentindo frustradíssimo. (...) Terminou o recreio e ninguém

apareceu (...) Aí o quê que eu resolvi fazer? Vou juntar as coisas aqui para ir embora, mas antes de tudo eu vou deixar... Resolvi escrever como tinha sido o meu plantão. Então, eu escrevi uma carta para o plantonista que iria assumir na manhã do dia seguinte. (...) Conteí como estava a minha expectativa antes, como ficou minha expectativa durante e como eu estava me sentindo naquele momento. Eu estava me sentindo sozinho e tal. Escrevi essa carta e deixei lá para ele. E o plantonista do dia seguinte, da manhã do dia seguinte, resolveu responder a minha carta, mas responder para o plantonista da tarde. O plantonista da tarde resolveu responder para o plantonista da noite. E assim a coisa começou a virar um hábito entre nós. Mesmo que houvesse atendimento, a gente começou a contar o que nos acontecia sempre para o plantonista do dia seguinte. Então, a gente gerou um material extensíssimo de cartas que foram trocadas entre nós ao longo... Isso virou um hábito porque a minha turma foi embora e a turma seguinte continuou fazendo e a coisa virou um hábito. (...) Fiquei muito comovido em ver, sobretudo, o quanto as pessoas tinham o mesmo interesse que eu, o mesmo interesse em estar inteiros ali, em não perder nenhuma das oportunidades que eram dadas para gente, mesmo que não aparecesse ninguém no plantão, era uma oportunidade de estar vivo ali, no espaço. [P.]

Já na época da coordenação do professor Paulo Evangelista, como também já foi relatado na historiografia, houve uma ruptura brusca do contato entre os plantonistas, com a eclosão da pandemia e o início do distanciamento social. De um dia para outro, os atendimentos deixaram de acontecer, e o encontro da equipe ficou desfavorecido. Contudo, os próprios plantonistas foram criando meios de se manterem juntos e trocarem suas experiências e vivências.

*On-line*, é engraçado o jeito que as amizades se aprofundam. Várias vezes é no *chat* ali do lado, comentando alguma coisa que a pessoa falou ou com a sua dupla. Eu gosto muito de ligar antes do atendimento, de conversar um tempinho, se não dá uma *vibe* muito de trabalho. Você vai lá, bate ponto, atende, volta, comenta na supervisão, lálálá... Eu acho isso muito ruim, muito ruim. Então, gosto bastante de ligar antes para ficar conversando, conversar

depois do atendimento também. No comecinho do aconselhamento, quando ainda estávamos atendendo os intercambistas e tal, eu atendia com a C. e, várias vezes, a gente se ligava depois do atendimento e ficava tipo duas horas e meia conversando depois. [L.]

Tendo em vista que o vínculo estabelecido com aqueles que usufruem do serviço é com o próprio Plantão Psicológico, e não com um plantonista específico, aconteça o que acontecer, os atendimentos precisam acontecer no horário e no local pré-estabelecidos de modo a cumprir com a sua proposta de estar disponível para, se porventura, precisarem dele. Dado que a vida de todos é suscetível a imprevistos e acidentes, é preciso mais de uma pessoa para assegurar o cumprimento deste compromisso, que é coletivo, de todos da equipe. Aun (2005, p.61) escreve que "a confiança e constância de nosso trabalho [de Plantão Psicológico na FEBEM] tornavam toda a equipe como referência de cuidado, na qual o vínculo poderia existir". No caso da UFMG, os plantonistas são alunos do curso de graduação em Psicologia, ou seja, fatalmente, hora ou outra, vão se formar e não poderão mais fazer parte da equipe. Logo, embora alguns plantonistas não continuem de um semestre para outro, o serviço se mantém com a chegada de outros, que darão continuidade ao compromisso com a instituição, tornando-se automaticamente referência de cuidado.

Uma coisa que ficou muito importante nesses anos todos foi essa perspectiva que só em grupo dá para fazer isso. A gente não tem condição de dizer pros alunos e depois para a população da UFMG que a gente vai estar aberto sempre naqueles horários, que ele pode contar que a gente vai estar ali estavelmente. Nenhum de nós individualmente consegue responder a uma coisa dessas, quer dizer, assumir um compromisso desses, mas coletivamente dá, né? Como conjunto, a gente dá. Isso era uma coisa que eu tinha muito clara, eu inclusive falava na seleção: 'você está disponível a uma coisa assim? Você tem flexibilidade de horário para se envolver em um projeto desse tipo, que uma hora ou outra a gente precisa garantir o horário que o outro não está podendo e que a gente coletivamente assume esse compromisso? Isso foi algo que eu coloquei desde o início como proposta, 'você está sabendo que é isso? Você tem disponibilidade, pique e vontade de se envolver assim e tal'? Sempre

foi uma experiência muito bonita, assim, raras as vezes que a gente teve problema com isso, e foi uma experiência muito bonita de ver o grupo se formando com esse compromisso de um cobrir o outro em um momento de alguma dificuldade no trânsito ou não está bem de saúde, precisar ir no médico ou, sei lá, aconteceu alguma coisa e eu não vou conseguir aparecer, e a gente ter esse cuidado de manter nosso compromisso coletivo, né? [Mahfoud]

Diante de todo o exposto, principalmente os trechos referentes às relações estabelecidas entre os plantonistas e a impressão de que todos os entrevistados e os plantonistas atuais (inclusive, eu mesma) compartilham uma mesma experiência, é possível perceber o Plantão Psicológico da UFMG como uma comunidade de destino. Esse conceito é usado por Nunes (2015) e significa um grupo no qual há o sentimento de pertencimento e a comunhão de valores e projetos. Ainda, nesse grupo é tecida uma confiança e uma cumplicidade entre todos ao longo do tempo e da convivência de modo a estar sempre em uma construção conjunta, tanto em aspectos profissionais quanto pessoais. Ressalta-se que o pertencimento a uma comunidade de destino não é definido pelo nascimento, mas “se reforça na medida em que o pacto revela, também, uma liberdade na aceitação dos valores do grupo” (Nunes, 2015, p. 130). Nesse sentido, ser plantonista da UFMG não se resume a uma função assumida por um ou mais semestres durante a graduação em Psicologia. Não se trata meramente de um item a mais no currículo ou uma atividade circunscrita em um dado histórico. Ser plantonista da UFMG não se refere a ficar de prontidão sozinho esperando a procura de alguém como também não se refere a estar junto a uma equipe disponível para atender a quem pedir. Ser plantonista da UFMG também não é definido por quantos atendimentos foram realizados nem por quanto se teve de engajamento com a divulgação. Acima de tudo, não existem grupos distintos de plantonistas na história da UFMG. Não se é um plantonista diferente de outro por ter atendido em uma escola ou no *campus* da universidade, nem por ter sido supervisionado pelo Miguel Mahfoud, pelo Paulo Evangelista ou pela Claudia Lins. Ser plantonista da UFMG é pertencer, pertencer a uma história, a um grupo, a uma comunidade de destino. Ser plantonista da UFMG é comungar dos mesmos valores e de uma mesma compreensão de homem, de encontro e da Psicologia. Ser plantonista da UFMG é confiar nos colegas, na potencialidade dos clientes e na orientação do supervisor, é confiar na vida. Ser

plantonista da UFMG é levar uma marca dele no coração e deixar uma sua com ele. É não ser mais o mesmo de antes.

O que esta pesquisa mostrou, para minha surpresa, é que existe apenas um Plantão Psicológico na história da UFMG e que todos nós, plantonistas de 1997 a 2022, fazemos parte dessa mesma história. Todos nós carregamos o Plantão Psicológico em nós, seja na nossa atitude clínica seja no nosso modo de ver o encontro e a pessoa humana, seja em quem nós somos seja em quem buscamos ser, seja na nossa abertura e disponibilidade para o outro, seja na nossa escuta atenta, seja nos nossos relacionamentos que levamos da época do serviço na faculdade, seja nos interesses no mundo acadêmico, seja no plantonista que sempre seremos, seja nos plantonistas que formamos – e ainda formaremos. Além disso, ser plantonista também é contribuir para o serviço, é deixar a nossa marca, é ser guardião da sua história, é dar continuidade a ele.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refazendo o caminho trilhado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, destaca-se a mudança do título da dissertação, de *Plantão Psicológico: resgate da memória de um serviço*<sup>21</sup> para *Plantão Psicológico: história de um serviço*. Tal mudança evidencia o quanto aquilo que foi desvelado neste caminho investigativo foi inesperado, demarcando a liberdade para olhar o fenômeno que aparecia. Na indagação que originou e motivou a pesquisa, o objetivo era resgatar a memória do Plantão Psicológico da UFMG na época em que o professor Miguel Mahfoud era coordenador. Era *memória*, pois se pensava que era um serviço encerrado. Se voltarmos ao segundo capítulo desta dissertação, é possível reparar como o próprio título, *Nos percalços da memória*, indica essa direção. Ainda na introdução, pode-se notar como, de forma natural, eu me referia a dois Plantões Psicológicos distintos, apontando o Plantão Psicológico coordenado pelo professor Paulo Evangelista como o *novo plantão*. Logo em seguida, junto ao orientador e com base em discussões da qualificação, começamos a pensar na mudança da palavra *memória* para *história*, o que acabou sendo concretizado ao compreendermos que só existia um Plantão Psicológico em todos esses anos e que a sua história ainda está acontecendo. Remetemo-nos então a Heidegger e à ideia da história acontecente (*Geschichte*).

Todo esse processo de tentar compreender o objeto de estudo desta pesquisa se assemelha muito à inquietante pergunta que Svetlana Aleksievitch (2012) se fazia enquanto coletava as narrativas das pessoas que viviam em Tchernóbil: “eu sou testemunha do quê, do passado ou do futuro?” (p. 39) Eu comecei achando que era testemunha do passado e passei a compreender que também era do presente, assim como do futuro.

Outro ponto interessante foi o questionamento “quem sou eu?” que surgiu durante a coleta de dados e que, desde então, caminhou comigo até aqui, nas considerações finais da pesquisa. Essa pergunta se deve ao fato de, além de pesquisadora, eu ter sido narradora dessa história, uma história que também é a minha. No início, era muito claro o que era meu, quais eram as minhas experiências como plantonista, como eu percebia o serviço de Plantão Psicológico na UFMG e na

---

<sup>21</sup> No TCLE, o título da pesquisa está como Plantão Psicológico: resgate de um serviço uma vez que, no momento da sua escrita, ainda era este o título.

minha vida. Porém, à medida que ia conhecendo os entrevistados e conversando com eles, aquilo que eu ouvia ia me atravessando e me alcançando de modo muito pessoal. Aquilo que parecia ser algo tão meu não parecia mais tão singular. A minha experiência encontrava com a experiência daqueles outros. Diante de tantas aproximações e familiaridades, a pergunta ecoava: quem, então, sou eu?

Ademais, é importante pontuar as limitações que encontramos na tessitura destas narrativas assim como as pontas que ainda ficaram soltas à espera de um remate. Em primeiro lugar, alguns importantes atores e autores da história do Plantão Psicológico na UFMG não participaram da composição dessa narrativa polifônica, seja por contratempos pessoais, falta de tempo imposta pela estrutura do mestrado, seja pelo envolvimento com a pesquisa em outro papel que não um dos sujeitos dela. Considera-se que a Carminha, funcionária do serviço-escola do curso de Psicologia da UFMG, que testemunhou a inauguração do Plantão Psicológico, em 1997, até a reinauguração do serviço em 2019, quando ela aposentou da universidade, teria contribuído enormemente para o resgate desta história. Também é reconhecido o quanto teria sido importante a contribuição do professor Paulo Evangelista, que idealizou e concretizou a retomada do Plantão Psicológico na universidade para a composição dessa história. Entretanto, ele ajudou enquanto orientador deste mestrado. Ainda, pondera-se que plantonistas de outras turmas, clientes que já usufruíram do serviço bem como a professora Claudia Lins, atual co-coordenadora e supervisora, com certeza teriam outras perspectivas que favoreceriam outras tramas nesta narrativa.

Outro tema que aparece de forma significativa tanto na história do Plantão Psicológico na UFMG – mas que não diz respeito ao foco proposto neste trabalho – é a diversidade de abordagens que orientam ou já orientaram os atendimentos realizados ao longo dos anos do serviço. Mahfoud começou se respaldando na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e depois enveredou para a experiência elementar, sendo possível perceber certas diferenças nas falas dos plantonistas da primeira turma, na época da ACP, e dos plantonistas que já pegaram uma influência maior da experiência elementar. Essas diferenças, inclusive, foram percebidas e comentadas pelo professor. Atualmente, temos dois supervisores, que se fundamentam em diferentes abordagens psicológicas: a Fenomenológica existencial



e a Gestalt-terapia. Não foi entrevistado nenhum plantonista orientado a partir da Gestalt-terapia, mas cabe questionar se haveria diferenças e, se sim, quais seriam.

Como uma história que não acabou e ainda acontece, é preciso ressaltar as mudanças que o Plantão Psicológico sofreu nos últimos dois anos em decorrência da pandemia, seguida das medidas de segurança impostas pela universidade. Essas mudanças são muito recentes para já estarem compreendidas com profundidade. Seus efeitos virão no futuro, no que ainda vai acontecer. Por exemplo, não sabemos como será o retorno ao presencial depois de dois anos tendo aulas, reuniões e atendimentos *on-line*, sendo que a maior parte da comunidade interna da UFMG nem chegou a estar no *campus* durante esse período. Para além do contexto universitário, não sabemos como a população em geral vai lidar com o mundo depois de dois anos de restrição de mobilidade e qual será o impacto disso no nosso serviço.

Por fim, retomo o filme *Narradores de Javé*. Nas cenas finais, é possível ver o vilarejo sendo inundado para a construção da hidrelétrica – modernidade que se sobrepôs a qualquer esforço da comunidade de mostrar (cientificamente) o seu valor. Se essa dissertação fosse um filme, imagino que o final seria mais feliz e, com certeza, mais cômico, já que eu, o Biá desta história, contaria a todos o equívoco das autoridades e deles mesmos: o Plantão Psicológico não corria e nunca correu perigo de ser esquecido em razão de um outro serviço. Penso que seria um choque e não entenderiam nada a princípio. Então, eu chamaria a todos por meio das badaladas do sino da igreja e ali, com todos reunidos, no centro do vilarejo, leria de forma bem viva as narrativas resultantes do meu trabalho, com direito a vozes diferentes para cada participante. Na minha fantasia, eu poderia acompanhar os olhos de cada um começando a brilhar após a compreensão de serem um mesmo "povo", com um mesmo passado, zelando por uma mesma continuidade e guardando uma mesma tradição. Em seguida, todos se reuniriam em um piquenique na praça central, com direito a "pãozin" de queijo, "queijin" canastra e "cafézin", enquanto trocariam causos antigos do Plantão Psicológico, uma cena bem mineira e comemorativa. A história do serviço não só deixaria de correr perigo de ser esquecida como também se mantinha viva.

## REFERÊNCIAS<sup>22</sup>

Aleksiévitch, S. (2012). *Vozes de Tchernóbil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Alves, C. A. (2006). *Narradores de Javé: uma análise semiolinguística do discurso fílmico*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6V4HJ5/1/disserta\\_o\\_carol.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6V4HJ5/1/disserta_o_carol.pdf)

Amaral, M. N. D. C. P. (2004). Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. *Trans/Form/Ação*, 27, pp. 51-73. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732004000200004>

Amatuzzi, M. (2019). *Por uma psicologia humana*. 5 ed. São Paulo: Alínea.

Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.47.2005.tde-28072007-170628>

Aun, H. A., & Morato, H. T. P. (2022). Atenção psicológica em instituição: Plantão psicológico como cartografia clínica. In: Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. (orgs). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial*. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Benjamin, W. (1985). O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. pp. 197 - 221. Original publicado em 1936.

Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Campinas, SP: Ateliê Editorial.

Bosi, E. (1993). A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, 4(1-2), 277-284. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100012&lng=pt&tlng=pt).

CAFFÉ, E. (diretora). (2003). *Narradores de Javé*. Produção de Vania Catani. Rio de Janeiro/Paris: Bananeira Filmes; Gullane Filmes; Laterit Productions; Riofilme. 1 DVD (100 min.).

Cardoso, C. L. (2020). O Plantão Psicológico em tempo de pandemia. In: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (org.). *Vozes em letras: Olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia*. Curitiba, PR: CRV. pp. 219 - 236.

Cardoso, C. L. (2021). Plantão Psicológico na universidade em tempos de pandemia: Contribuições da Gestalt-terapia. In: Cardoso, C. L., Giovanetti, J. P. & Evangelista, P. E. R. A. (orgs.). *Cuidados em tempos de distanciamento social*. Belo Horizonte, MG: Artesã. pp. 131- 158.

---

<sup>22</sup>De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

Casanova, M. A. (2011). Prefácio. In: Dilthey, W. *Ideias sobre psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita.

Comissão Institucional de saúde mental (CISME/UFMG) (2016). Relatório conclusivo da comissão instituída pelo Reitor para constituir uma agenda de discussão e propor diretrizes para uma política institucional de Saúde Mental no âmbito da UFMG. Belo Horizonte: CISME/UFMG, 2016. Relatório técnico. <https://www.ufmg.br/saudemental/wp-content/uploads/2019/12/Relatorio-da-Comissao-de-Saude-Mental-da-UFMG-10-03-17.pdf>

Critelli, D. M. (2006). *Análítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

Cury, V. E. (2012). Plantão Psicológico em Clínica-Escola. In: Mahfoud, M.(Org.); *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada. pp. 131-150.

Cury, V. E. (2012). Psicólogos de plantão... . In: Mahfoud, M.(Org.); *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada. pp. 151- 155.

Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7(2), 371-378. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>

Dilthey, W. (2011). *Ideias sobre psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita.

Eco, U. (2016). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1932).

Eisenlohr, M. G. V. (1999). Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: breve histórico de sua criação e mudanças ocorridas na década de 90. In: Morato, H.T.P. (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Evangelista, P. E. R. A. (2016). *Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba, PR: Juruá.

Evangelista, P. (2018). A fundamentação metafísica da psicologia humanista à luz da fenomenologia existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 24(3), pp. 208-219. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.8>

Evangelista, P. E. R. A., & Cardoso, C. L. (2021). Aconselhamento psicológico fenomenológico-existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia de COVID-19. *Perspectivas Em Psicologia*, 24(2), 129–153. <https://doi.org/10.14393/PPv24n2a2020-58492>

Fleming V., Gaidys, U. & Robb, Y. (2003). Hermeneutic research in nursing: developing a Gadamerian-based research method. *Nursing Inquiry*, 10, pp. 113-120. <https://doi.org/10.1046/j.1440-1800.2003.00163.x>

Furigo, R. C. (2006). *Plantão psicológico: uma contribuição da clínica junguiana para Atenção Psicológica na área da Saúde*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/375>

Inwood, M. (2002). *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gaspar, Y. E., & Leite, R. V. (2014). Mahfoud, M. Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer. Brasília: Universa, 2012. *Revista Pistis Praxis*, 6(1), 351–355. <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.001.rs01>

Lima, D. F. & Ribeiro, M. S. (2018). Plantão Psicológico e Acontecimento do Cuidado: problematizando um “não-lugar”. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 291-301. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845>

Mahfoud, M. (2001). Percorrendo as distâncias: memórias e história. In: Hoffmann, A., Bueno, J. L. O. & Massimi, M. (Orgs.). *Percorrer distâncias: um desafio para a razão humana*. São Paulo: Companhia Ilimitada. pp. 53-64.

Mahfoud, M. (2012). A vivência de um desafio: plantão psicológico. In: Mahfoud, M.(Org.); *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada. pp. 17-29 (Texto original publicado em 1987)

Mahfoud, M. (Org.) (2012). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. 2ed. São Paulo: Companhia Ilimitada. (Obra original publicada em 1999)

Mahfoud, M. (2013). Desafios sempre renovados: Plantão Psicológico. In: Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S., Durange, W. T. (Orgs.). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. 1ed. Curitiba: CRV. pp. 33-50.

Mahfoud, M. (2018). Subjetividade como acontecimento, centro pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos. In: Giovanetti, J. P. (Org.). *Fenomenologia e psicologia clínica*. Belo Horizonte, MG: Ed. Artesã. pp. 53- 72.

Morato, H. T. P. (1999a). Aconselhamento Psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade. In: Morato, H.T.P. (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo. pp. 61-89.

Morato, H. T. P. (1999b). Serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In: Morato, H.T.P. (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo. pp. 27-44.

Morato, H. T. P. (2006). Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas*. Vitória: UFES.

Morato, H. T. P. *Plantão Psicológico: inventividade e plasticidade*. (2009). *IX Simpósio de práticas psicológicas em instituições - Atenção psicológica: fundamentos, pesquisa*

e prática. pp. 1-15. <https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>

Morato, H. T. P. (2022). Plantão psicológico em uma compreensão fenomenológica existencial. In: Melo, F. F. S. *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação*. Santana de Parnaíba, SP: Manoele. pp 210-239.

Nunes, A. P. (2015). *O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. <http://doi.org/10.11606/T.47.2015.tde-29092015-173657>

Oliveira, R. G. & Morato, H. T. P. (2022). Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do estado de São Paulo. In: Morato, H. T. P.; Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. (orgs). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, 2(3), pp. 3-15. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, 5(10), pp. 200-212. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>

Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC/Paulus.

Rodrigues et al (2021). Pesquisa sobre aconselhamento psicológico on-line. In: Espíndul, J. A. G. & Antúnez, A. E. A. (Orgs.); *Psicologia fenomenológica e saúde mental durante a pandemia COVID-19: experiências e pesquisas*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. pp. 195-214.

Rocha, M.C. (2009). Plantão Psicológico: desafios e potencialidades. In: Breschigliari, J.O. & Rocha, M.C. (org.) *SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história* (pp. 103-115). São Paulo: CCP-PSA/IPUSP. [http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/sites/default/files/livro%20SAP\\_15\\_12\\_2015.pdf](http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/sites/default/files/livro%20SAP_15_12_2015.pdf)

Rogers, C. R. (1977). *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia*. (2ª ed.). São Paulo: Pioneira.

Rosemberg, R. L. (Org.) (1987). *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*. São Paulo: EPU.

Rosenthal, R. W. (2012). Plantão Psicológico no Instituto Sedes Sapientiae: uma proposta de atendimentos aberto à comunidade. In: Mahfoud, M.(Org.); *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada. pp. 31- 44.

Sá, C. P. D. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(2), pp.290-295. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200015>

Schmidt, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 21(3), pp.173-192. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300003>

Schmidt, M. L. S. & Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, 4(1-2), pp. 285-298. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&tlng=pt).

Souza, B. N. & Souza, A. M. (2011). Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 241-249. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>

Tassinari, M. A. & Durange W. T. (2012). Plantão psicológico o florescimento da psicologia pós-moderna: o drama da transmutação. *Revista enfoque humanístico*, (21), pp.1-20.

Tassinari, M. A. (2013). Apresentação. In: Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S. & Durange, W. T. (orgs.). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. Curitiba, PR: CRV.

Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S. & Durange, W. T. (orgs.) (2013). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. Curitiba, PR: CRV.

Van Dusen, W. V. (1977). Wu-wei: não-mente e o vazio fértil. In: Perls et al., *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus Editorial. pp. 123-131.

## ANEXOS

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Plantão psicológico: Resgate da memória de um serviço

**Pesquisador:** PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 42003121.5.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.646.660

**Apresentação do Projeto:**

Esta pesquisa pretende construir a história do serviço de Plantão Psicológico oferecido pelo serviço-escola Serviço Aplicado a Psicologia (SPA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) e disponibilizado para comunidade interna da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no período de 2007 a 2017. Trata-se, portanto, de um estudo envolvendo seu resgate e preservação da cultura institucional do curso de Psicologia da FAFICH-UFMG, por meio de processos de subjetivação dos agentes institucionais. O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico constituída pelo atendimento imediato a sua procura, ou seja, no momento em que a pessoa está vivenciando aquilo que de alguma forma a aflige e a faz buscar o auxílio da psicologia. Apesar de ter algumas condições indispensáveis para ser considerado um atendimento de Plantão Psicológico, sua estrutura é flexível de forma a moldar-se de acordo com a demanda e necessidade daquele que o procura e da instituição que o oferta.

Serão entrevistados até 8 agentes institucionais do Plantão Psicológico no SPA, que fizeram parte do serviço no período em que esteve ativo: corpo discente, docente e funcionários. Estima-se 8 entrevistas, mas, se o processamento dos dados indicar saturação, serão interrompidas antes.

Forma de recrutamento: os participantes serão selecionados a partir de indicações de professores do departamento de psicologia da UFMG que conheçam os plantonistas e demais participantes do

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.646.660

Plantão Psicológico da época em questão.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primario: O objetivo do projeto e investigar e compreender a historia do Plantao Psicológico do servico-escola SPA daFAFICH, um servico cuja importancia e reconhecida pela comunidade academica, mas que ainda nao possui registro historico.

Objetivo Secundario:1) Investigar o servico e seus impactos a partir de analise de documentos relacionados a ele;2) Pesquisar o contexto em que o plantao surgiu e os anos que durou;3) Resgatar a memoria desse servico, reconstruindo parte dessa historia a partir do discurso dos seusatores;4) Analisar essa historia e compreender o sentido ou os sentidos que a sustentaram.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:Segundo os pesquisadores, a pesquisa tem pouquíssima chance de promover sofrimentos psicológicos aos participantes. Mas, caso o entrevistado sinta algum desconforto ou constrangimento ao longo da pesquisa ou durante a entrevista, poderá interromper sua participação, como também desistir, sem qualquer penalidade ou prejuízo a sua pessoa.

Benefícios:O(A) participante sera beneficiado(a) com o estímulo a autorreflexão sobre a experiência de ter participado do Plantão Psicológico entre os anos de 2007 a 2017, além de contribuir para a construção de conhecimento científico sobre este serviço de saúde mental da UFMG.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de apresentação da carta-resposta às inadequações, pendências e recomendações indicadas no parecer 4.574.670.

O projeto está bem delineado, apresenta objetivos claros, metodologia adequada e as pendências foram corrigidas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos:

- 1) Informações Básicas do Projeto
- 2) Projeto completo
- 3) TCLE
- 4) Parecer consubstanciado do departamento
- 5) Folha de Rosto

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.646.660

6) Carta resposta

**Recomendações:**

No TCLE, rever a redação no último parágrafo da página 1: "Voce sera beneficiado(a) com o estímulo a autorreflexao sobre a experiencia de ter sido participado do Plantao Psicologico entre os anos de 2007 a 2017".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Tendo em vista que o pesquisador respondeu de forma satisfatória às recomendações e pendências do parecer anterior, somos, s.m.j., pela aprovação da pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1622997.pdf	04/04/2021 06:15:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMemoria.pdf	04/04/2021 06:15:13	MARIA CLARA RABELO FERREIRA SILVA	Aceito
Outros	Carta_alteracoes.pdf	27/03/2021 14:32:48	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.pdf	12/01/2021 18:07:03	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Parecer Anterior	SEI_UFMG_0463607_Parecer.pdf	12/01/2021 17:59:41	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_plantao.pdf	12/01/2021 17:58:44	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.646.660

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 13 de Abril de 2021

---

**Assinado por:**  
**Críssia Carem Paiva Fontainha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

## **ANEXO B – Termo de consentimento**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

#### **Projeto de Pesquisa: Resgate da memória do Plantão Psicológico**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Resgate da memória do Plantão Psicológico”. O objetivo da pesquisa é recuperar e tornar pública a história do serviço de Plantão Psicológico oferecido pelo serviço-escola Serviço Aplicado à Psicologia (SPA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) e disponibilizado para comunidade interna da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no período de 2007 a 2017.

A participação é voluntária e não trará qualquer tipo de despesa ao participante, nem remuneração. A participação se dará por meio da coleta de depoimentos sobre as experiências de ter sido plantonista ou de ter participado ativamente do Plantão Psicológico da UFMG na época em questão.

A pergunta que iniciará a conversa e que pretende estimular a narrativa da experiência será “Como foi sua experiência no Plantão Psicológico da UFMG?” A coleta de cada depoimento será feita de forma individual, por meio de uma plataforma de videochamadas (zoom ou similar) com um dos pesquisadores da equipe. O horário será combinado, via e-mail, após o aceite deste termo de consentimento livre e esclarecido. O depoimento será gravado com áudio e imagem, por meio de um recurso disponível pela própria plataforma, para ser, posteriormente, transcrito. Ressalta-se que tanto o áudio quanto a imagem serão usados apenas pela equipe de pesquisa. Trechos da transcrição do depoimento poderão ser usados nas publicações derivadas da revista, sem a sua identidade.

As atividades descritas previamente e todos os dados coletados serão especificamente para os propósitos da pesquisa, para fins acadêmicos e fins científicos, para análise qualitativa.

Os dados ficarão armazenados no Laboratório de Análise em Processos de Subjetivação (LAPS), da FAFICH-UFMG, com os coordenadores deste projeto. Após 5 anos da conclusão da pesquisa todos os dados serão destruídos. Haverá o cuidado por parte dos pesquisadores no recolhimento do depoimento, na sua transcrição, na sua leitura e com todo o material reunido para a pesquisa.

Você será beneficiado(a) com o estímulo à autorreflexão sobre a experiência de ter sido participante do Plantão Psicológico entre os anos de 2007 a 2017. Contribuirá para a construção de conhecimento científico sobre este tão importante serviço de saúde mental da UFMG, sobre esta modalidade de intervenção psicológica e das repercussões dessa experiência na vida profissional e pessoal.

Esta pesquisa tem pouquíssima chance de promover sofrimentos psicológicos aos participantes. Mas, caso sinta algum desconforto ou constrangimento ao longo da pesquisa ou durante a coleta do depoimento, poderá interromper, de forma imediata, a sua participação, como também desistir, sem qualquer penalidade ou prejuízo à sua pessoa. Caso sinta necessidade, colocamo-nos à disposição para oferecer-lhe atendimento em aconselhamento psicológico no serviço atual de Plantão Psicológico no SPA, coordenado pelo pesquisador responsável.

A pesquisa seguirá todos os preceitos éticos estabelecidos na Resolução 466/12 e Resolução 510/2016, ambas do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. A pesquisa foi aprovada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, pelo colegiado do Departamento de Psicologia e pelo Comitê de Ética da UFMG (CEP-UFMG).

Você receberá, por e-mail informado por ele mesmo, uma cópia deste TCLE.

Para participar, você precisa autorizar a gravação e a transcrição do depoimento para uso da equipe de pesquisa pelo link <https://bit.ly/3socKme>, no qual constam as seguintes perguntas e as opções “sim” e “não”:

- 1) *Aceito participar da entrevista no dia e horário a combinar, por videoconferência. Haverá gravação da conversa em áudio e vídeo para posterior transcrição. O tempo médio previsto é de 1 hora.*
- 2) *Aceito disponibilizar o material construído a partir da entrevista para exposição, total ou parcial, em eventos acadêmicos e científicos, resguardando o anonimato do participante*

Abaixo está o contato dos pesquisadores, que estão disponíveis para tirar qualquer dúvida sobre o projeto e/ou a participação na pesquisa. O contato do Comitê de Ética, CEP/UFMG, também foi disponibilizado para possíveis dúvidas quanto aos aspectos éticos.

Pesquisador responsável pelo projeto:

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

E-mail: [pauloevangelista@ufmg.br](mailto:pauloevangelista@ufmg.br)

Telefone: (31) 3409-5027

Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Pesquisador do Laboratório Análise de Processos em Subjetividade (LAPS)

Departamento de Psicologia – FAFICH/UFMG

Pesquisadora

Maria Clara Rabelo Ferreira Silva

E-mail: [mcrabelofs@gmail.com](mailto:mcrabelofs@gmail.com)

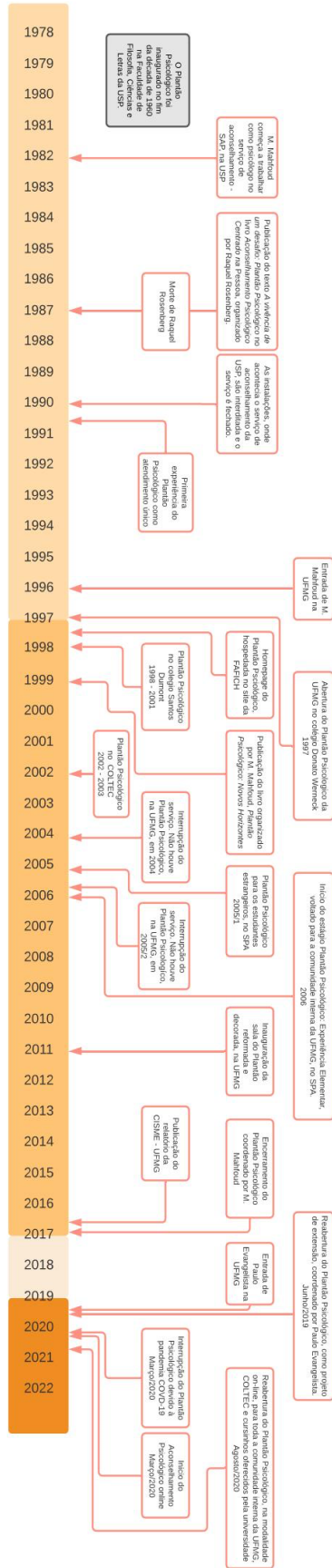
Telefone: (31)998930902

Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Pesquisadora do Laboratório Análise de Processos em Subjetividade (LAPS)

Mestranda de Psicologia Social – FAFICH/UFMG

## ANEXO C – Linha do tempo – Plantão Psicológico



## **ANEXO D –Texto de divulgação do Plantão Psicológico**

Às quartas-feiras voltam a oferecer sombra, esse era o título do texto, o serviço de aconselhamento psicológico do PSA Instituto Psicologia da USP foi semeado pelo trabalho árduo e idealista de importantes psicólogos humanistas brasileiros como Oswaldo de Barros Santos e Raquel Lea Rosenberg. Os anos passaram e juntamente a contribuição de tantos outros a proposta de um atendimento centrado na pessoa gratuito e aberto a toda população foi criando raízes e tomando corpo. A gente já sabia que podia contar com aquele atendimento de aconselhamento psicológico, com as inscrições abertas sempre às quartas-feiras o ano todo, você já tinha até se acostumado com aquela presença estável, com aquela sombra oferecida para os momentos mais suados e confusos da caminhada da vida, mas venho o inverno rigoroso e tudo isso foi interrompido. Há quase um ano, o serviço de aconselhamento psicológico vinha vivendo precariamente, quase imperceptível, com as inscrições fechadas por causa dos graves problemas com as nossas instalações. Nesta primavera de 90, porém, o serviço de aconselhamento psicológico está brotando de novo, aos 21 anos, ressurgiu maduro como plantão psicológico. Plantão psicológico perspectiva de atendimento imediato ou encaminhamento acompanhado, possibilidade de atendimento esporádico, proposição de atendimento breve além de psicoterapia propriamente dita. Estudantes da graduação em Psicologia da USP e profissionais em especialização supervisionados pela equipe técnica e docente do setor de aconselhamento psicológico do SAP IPUSP. Estamos fazendo de tudo para colher bons frutos.

## Anexo E – Logomarca do Plantão Psicológico



## ANEXO F – Ficha de inscrição

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---

**PLANTÃO PSICOLÓGICO**  
**Aconselhamento Psicológico para a comunidade UFMG**

Nome: \_\_\_\_\_ Primeira vez? SIM  NÃO   
Idade: \_\_\_\_\_ Unidade acadêmica: \_\_\_\_\_ Horário de chegada: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_

---



## Anexo G — Formulário de inscrição *on-line*

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!



# Olá, somos o Plantão Psicológico!

Estamos aqui para oferecer atendimento psicológico gratuito e online para a Comunidade UFMG, durante o período do Ensino Remoto Emergencial.

Após realizar a sua inscrição, aguarde que entraremos em contato com você por e-mail ou pelo chat do Teams. Seu atendimento acontecerá dentro de alguns minutos. Por favor, fique atento ao e-mail e ao Teams chat, para não perder a nossa resposta.

Precisamos que você esteja em um lugar em que tenha privacidade e uma boa conexão de internet para a videochamada. Recomendamos que você deixe seu celular ou computador em uma superfície estável e que use fones de ouvidos durante o atendimento, para que a nossa comunicação seja a melhor possível.

O Projeto de Extensão "Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)" está registrado no SIEEX com o nº 403480.

Os dados abaixo são usados para preenchimento do prontuário, que é uma exigência para todo serviço psicológico e que ficará sob a guarda do SPA.

...

\* Obrigatório

1. Nome: \*

2. Telefone: \*

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!

## 3. E-mail (informar o seu e-mail da UFMG): \*

*É o seu login do Minha UFMG + @ufmg.br*

## 4. E-mail (alternativo): \*

*Outro e-mail que você use*

## 5. Data de nascimento: \*

## 6. Estado civil: \*

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)

## 7. Endereço completo: \*

## 8. CEP: \*

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!

## 9. Grau de escolaridade: \*

- Ensino Médio completo
- Graduação completa
- Mestrado completo
- Doutorado completo
- Cursando graduação
- Cursando mestrado
- Cursando doutorado
- Outro

## 10. Vinculação com a UFMG: \*

- Servidor(a) técnico-administrativo(a)
- Professor(a)
- Aluno(a) graduação
- Terceirizado(a)
- Aluno (a) pós graduação
- Aluno(a) de cursinho pré-vestibular

## 11. Em qual unidade da UFMG você trabalha ou estuda? \*

- Colégio Técnico (COLTEC)
- Escola de Arquitetura
- Escola de Belas Artes
- Escola de Ciências da Informação

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!

- Escola de Educação Básica e Profissional
- EEFFTO
- Escola de Enfermagem
- Escola de Engenharia
- Escola de Música
- Escola de Veterinária
- Faculdade de Ciências Econômicas
- Faculdade de Direito
- Faculdade de Educação
- Faculdade de Farmácia
- FAFICH
- Instituto de Ciências Agrárias
- Instituto Ciências Biológicas
- Instituto de Ciências Exatas
- Instituto de Geociências
- Faculdade de Letras
- Faculdade de Odontologia
- Faculdade de Medicina

12. Caso seja estudante da graduação ou da pós-graduação, qual é o seu curso?

13. E em qual período você está?

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!

14. Caso seja professor(a) ou servidor(a) técnico-administrativo, qual é o seu departamento?

15. Você já foi atendido no Plantão Psicológico antes? \*

*Mesmo se tiver sido atendido presencialmente, gostaríamos de saber!*

16. Como você ficou sabendo do Plantão Psicológico? \*

17. Você aceita ser convidado(a) para participar da nossa pesquisa sobre atendimento psicológico on-line? Sua resposta não interfere na realização do seu atendimento no Plantão Psicológico. Então fique à vontade para responder.

Sim

Não

Submeter

Nunca revele a sua palavra-passe. [Denunciar abuso](#)

Estes conteúdos são criados pelo proprietário do formulário. Os dados que submeter serão enviados para o proprietário do formulário. A Microsoft não é responsável pelas práticas de privacidade ou segurança dos seus clientes, incluindo os do proprietário deste formulário. Nunca revele a sua palavra-passe.

03/02/22, 14:07

Olá, somos o Plantão Psicológico!

Com tecnologia do Microsoft Forms |

O proprietário deste formulário não forneceu uma declaração de privacidade sobre a forma como irá utilizar os seus dados de resposta. Não forneça informações pessoais ou sensíveis.

| [Termos de utilização](#)